

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO EM ARTES

KAROLLINE DE OLIVEIRA LOURENÇO

**PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO: BANDA DE CONGO MÃE
PETRONILHA DE ARAÇATIBA, VIANA/ES**

VITÓRIA-ES
2021

KAROLLINE DE OLIVEIRA LOURENÇO

**PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO: BANDA DE CONGO MÃE
PETRONILHA DE ARAÇATIBA, VIANA/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na área de concentração em Arte e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aissa Afonso
Guimarães

VITÓRIA-ES

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D278p de Oliveira Lourenço, Karolline, 1987-
Patrimônio Cultural e Território : Banda de Congo Mãe
Petronilha de Araçatiba, Viana/ES / Karolline de Oliveira
Lourenço. - 2021.
144 f. : il.

Orientadora: Aissa Afonso Guimarães.
Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Patrimônio Cultural. 2. Bandas de Congos. 3. Espírito Santo.
I. Afonso Guimarães, Aissa. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 7

KAROLLINE DE OLIVEIRA LOURENÇO

**PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO: BANDA DE CONGO MÃE
PETRONILHA DE ARAÇATIBA, VIANA/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na área de concentração em Arte e Cultura.

Aprovada em 03 de Novembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aissa Afonso Guimarães
Universidade Federal do Espírito Santo
(PPGA/UFES) Orientadora

Prof. Dr. Gaspar Leal Paz
Universidade Federal do Espírito Santo
(PPGA/UFES)

Prof. Dr. Otair Fernandes de Oliveira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(PPGPACS/ UFRRJ)

Aos integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha
Salve, São Benedito!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer pela bondade e pelo equilíbrio ao pai celestial, que me concedeu a oportunidade de chegar até aqui em meio a momentos tenebrosos que passamos nesses últimos anos com a pandemia de Covid-19 e com a política do país. Agradeço a São Benedito, Obaluaê e às entidades que me iluminaram e me protegeram nessa caminhada que, muitas vezes, pensei em desistir.

À Petronilha Maria da Conceição por ser essa mulher grandiosa para a comunidade de Araçatiba e permitir que seus descendentes contassem a sua história para ser tema desta dissertação.

À Emiliana Coutinho da Silva por fazer parte da minha trajetória em Araçatiba e compartilhar lindos momentos comigo com um belo sorriso no rosto desde a minha graduação.

À Janne Aparecida Coutinho por momentos de partilha, conversas e parcerias.

Ao José Fabio Coutinho por confiar na pesquisa e ser um amigo de batalha na educação e no patrimônio de Araçatiba.

Ao mestre Alício Machado por confiar e acreditar em mim e nesta pesquisa.

À MarluCIA Machado por confiar e participar da pesquisa e conduzir entrevistas com seu pai.

Ao mestre Ademir Gonçalves e sua esposa, Rosinéia do Nascimento Cristovão Gomes, que sempre estiveram dispostos a compartilhar as memórias da Banda.

A minha mãe Marcilia, a amorosa “Preta”, que sempre me incentivou na minha luta e acreditou na minha capacidade.

Ao meu pai por me ensinar a ser teimosa.

Ao meu irmão por acreditar nos meus estudos.

Ao meu filho Ramon, meu congueiro, que muitas vezes teve paciência em se sentar ao meu lado e saber que eu estava estudando, que também se privou de algumas coisas por causa deste momento.

A todos os membros da Banda de Congo Mãe Petronilha, que tanto me permitiram participar de seus rituais, sempre com fervor.

A toda comunidade de Araçatiba, da qual tanto participei em diversos momentos nesses anos.

As minhas amigas e parceiras de trabalho e de tempestades Luciana Cruz Carneiro e Itielle Puebla Souza Lima.

A minha ex-coordenadora, Marlene Martins de Oliveira, que sempre me incentivou.

Ao Pet Cultura da UFES e ao professor Aparecido José Cirillo, que me apresentou a comunidade de Araçatiba durante o tempo como bolsista.

À Bruna Wandekoken que partilhou momentos de prosas e fotografias sobre a pesquisa.

Ao meu eterno amigo Rubens Teixeira (na memória), que me proporcionou momentos incríveis em Araçatiba e na UFES e acreditou imensamente no meu potencial.

Ao meu companheiro Luciano dos Santos Cirilo que esteve presente no final desta dissertação.

A todos os meus amigos que entenderam a minha fase de oscilações de humor, choro e ansiedade durante esse tempo que parecia infinito.

Ao professor Gaspar Leal Paz por acreditar neste trabalho.

Ao professor Otair Fernandes de Oliveira pela oportunidade de participação ao Grupo Estudos do Patrimônio e Cultura Afro-brasileira (GPECAFRO- UFRRJ).

Enfim, ao curso de Mestrado em Artes, ao Fundo de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) e a minha orientadora, Aissa Afonso Guimarães, por acreditar no meu potencial, me permitindo mais uma vez a sua orientação acadêmica, e por ser um exemplo na academia e de pessoa na minha vida, sendo uma referência acadêmica de pesquisas com comunidades tradicionais e participante direta nas comunidades, que a faz ser sensível às questões sociais para além da teoria.

Diante de todo caos, entre a dissertação e pandemia, desacreditada que chegaria neste momento após diversos problemas individuais, me apeguei às minhas crenças, tomei meus passes, pedi e agradei aqueles que me regem, acreditando que não estou sozinha, apesar de um momento solitário, mas sigo acreditando que quem me guia não dorme!

Por que escrevo?
Por que tenho que
Por que minha voz
Em todas as suas dialéticas
Foi silenciada por muito tempo
(Jacob Sam- La Rose)¹

¹ (SAM-LA ROSE apud RIBEIRO, 2020, p. 54).

RESUMO

O Espírito Santo detém uma diversidade de expressões culturais em todo o seu território, dentre essas práticas se destacam as bandas de congo, com os seus festejos que marcam diversas comunidades nos meses de dezembro e janeiro, seguidos com procissões, batuques, fincadas e arrancadas de mastros, em devoção a São Benedito. Além de todo esse ritual, a prática do congo foi reconhecida como primeiro Patrimônio Cultural Imaterial a ser registrado pelo estado do Espírito Santo, também representa a identidade cultural de diversos grupos, apresentando seus símbolos e demarcando seus territórios. Dentre essas características, destaco como tema desta pesquisa a Banda de Congo Mãe Petronilha, da comunidade de Araçatiba, município de Viana/ES. A região de Araçatiba no século XVII foi sede de uma das maiores fazendas do litoral brasileiro, sob administração da Ordem Jesuítica. Nessa propriedade, ao longo dos anos ocorreram partilhas, escravidão e injunção do catolicismo, mas a comunidade preservou seu patrimônio cultural, sendo destaque da comunidade de Araçatiba, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e a Banda de Congo Mãe Petronilha. A pesquisa tem como objetivo apresentar a prática cultural do congo nas terras doadas a santa Nossa Senhora da Ajuda, os rituais do congo e a devoção dos integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha ao padroeiro do congo do Espírito Santo, São Benedito. Além, é claro, das reflexões da prática cultural do congo em um grupo étnico que preserva as memórias de Petronilha Maria da Conceição, liderança precursora da prática cultural em Araçatiba. Sobre a tradição devocional e cultural, salientam-se as reflexões do congo como uma prática de (re)existência do batuque do povo negro nesse território.

Palavras-chave: Banda de Congo Mãe Petronilha. Patrimônio Cultural. Espírito Santo. Memória.

ABSTRACT

Espírito Santo holds a huge diversity of cultural expressions throughout its territory, among these practices the congo bands, with their celebration that mark diverse communities manifestation in December and January, including processions, drums, sticking and withdrawing the Mast Stock in devotion to São Benedito. Beyond all this ritualistic act, the practice of Congo was accepted officially as the first Intangible Cultural Heritage (ICH) from Espírito Santo, Brazil and also represents the cultural identity of many different groups, presenting on their symbols and defining their territories. In the middle of so many characteristics, I highlight the research purpose focus on Banda de Congo Mãe Petronilha from the Araçatiba Community, in Viana's County, Espírito Santo. The Araçatiba Community is located between the rural and urban area in Viana, and in the 17th century it was home of the largest farms on Brazilian Coast, under The Jesuit Administration Order. On these area, for years occurred slavery and catholicism injunction, but the Araçatiba Community preserved its Cultural Heritage, such as the Church of Nossa Senhora da Ajuda and the Banda de Congo Mãe Petronilha. The research presents Congo in Araçatiba and its cultural manifestations in donated lands to Santa Nossa Senhora da Ajuda, congo's ritualistic movement as well as the members from Banda de Congo Mãe Petronilha devotion to patron saint Espírito Santo's congo, São Benedito. Including, naturally, reflections about an ethnic group and members of the Banda de Congo Mãe Petronilha concerning their cultural practice. This group preserves an intimate tradition and memoirs in terms of Petronilha Maria da Conceição, a precursor leadership of cultural customs in Araçatiba. About cultural and devotional tradition in the Community, we emphasize our reflections around the Congo as a practice of *(r)ex(s)ist* black people 's drumming in their territory.

Keywords: Congo Band Mãe Petronilha, Cultural Heritage, Espírito Santo-Brazil, Memoirs.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Emiliana Coutinho da Silva e a casaca do congo, 2020.....	29
Fotografia 2 – Mestres da Banda, Alício Machado e Ademir Gonçalves Gomes, 2018	30
Fotografia 3 – Entrevista com mestre Ademir Gonçalves Gomes e Rosinéia do Nascimento Cristovão Gomes, 2020	31
Fotografia 4 – Janne Aparecida Coutinho e Emiliana Coutinho da Silva, 2018	32
Fotografia 5 – Carlos Gomes, 2020	33
Fotografia 6 – Tambores e casacas da Banda, 2020.....	35
Fotografia 7 – Mestre Ademir Gonçalves Gomes e seu apito, retirada do mastro 2018	36
Fotografia 8 – Tambores da Banda, à direita tambores antigos (2015); e à esquerda Tambor médio da Banda (2018).....	37
Fotografia 9 – Tambores em cavalcada, Caminhada Ecológica, 2019	38
Fotografia 10 – Emiliana Coutinho da Silva e sua neta Nathália Coutinho de Mattos, 2018	39
Fotografia 11 – Mastro e bandeira da Banda, Fincada do mastro, 2018.....	45
Fotografia 12 – Estandarte da Banda, 2020.....	47
Fotografia 13 – Banda de Congo Mãe Petronilha, fincada do mastro, 2017	50
Fotografia 14 – Apresentação do mastro, 2018	52
Fotografia 15 – Preparação para fincada do mastro, 2018	53
Fotografia 16 – Fincada do mastro, 2018.....	54
Fotografia 17 – Morro da capela, 1907-1908	79
Fotografia 18 – Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2020.....	82
Fotografia 19 – Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, lado direito da edificação, esquerdo e fundo, 2021	83
Fotografia 20 – Frontão da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2021	84
Fotografia 21 – Altar da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, ano desconhecido	85
Fotografia 22 – Emiliana Coutinho da Silva na Festa de São Benedito, 2017	93
Fotografia 23 – Chave da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2020	96
Fotografia 24 – Interior da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2020.....	98

Fotografia 25 – Estrada principal de acesso a comunidade de Araçatiba, Caminhada Eco Cultural de Viana , 2019.....	102
Fotografia 26 – Porto de Araçatiba, 1910.....	103
Fotografia 27 – Região do Antigo Porto, sem datação.....	104
Fotografia 28 – Reunião do Fórum de Araçatiba, 2014.....	107
Fotografia 29 – Entrevista com Alício Machado para o documentário, 2020	112
Fotografia 30 – Meninas do Congo no centro com as casacas: Emily Mendes Santos, Cinthia Rodrigues e Nathália Coutinho, Fincada do Mastro em Araçatiba, 2017	115
Fotografia 31 – Petronilha Maria da Conceição, 1984	118
Fotografia 32 – Entrevista com mestre Alício e equipe, 2020	122
Fotografia 33 – Gravação do vídeo, 2020	124

LISTAS DE IMAGENS

Imagem 1 – Ilustração de casaca feita por D. Pedro II em 1860.....	40
Imagem 2 – Desenho da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 1940-1960	80
Imagem 3 – Genealogia do Mestre Alício Machado: cinco gerações na Banda.....	113
Imagem 4 – Logomarca do Projeto	123
Imagem 5 – Escravos Fugidos, 09 de Julho de 1885.....	126
Imagem 6 – Escravos Fugidos II, 1877	127
Imagem 7 – Negras cozinheiras, vendedoras de angu	128

LISTA DE SIGLAS

CEC – Conselho Estadual de Cultura

CNRC – Conselho Nacional de Referência Cultural

FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo

GTPI – Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

MEC – Ministério da Educação

PET – Programa de Educação Tutorial

PNPI – Plano Nacional de Patrimônio Imaterial

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão

ProEXT – Programa de Extensão Universitária

SECULT/ES – Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo

SESu – Secretaria de Educação Superior

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I	27
1 A BANDA MÃE PETRONILHA, O CONGO E AS POLÍTICAS DE SALVAGUARDA.....	27
1.1 ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA BANDA	41
1.2 PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL E NO ES	56
1.3 PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO	61
1.4 AS PRÁTICAS E A SALVAGUARDA NO ESPÍRITO SANTO	63
CAPÍTULO II	70
2 ARAÇATIBA: TERRA DE ÍNDIO, DE SANTA E DE PRETO	70
2.1 BREVE HISTÓRICO DAS TERRAS DE ARAÇATIBA	72
2.2 OS CORONÉIS DE ARAÇATIBA	77
2.3 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA	80
2.4 NOSSA SENHORA DA AJUDA É PADROEIRA DO LUGAR...OH LOUVAI SÃO BENEDITO ...OH LOUVEI...OH LOUVAI	88
2.5 AS MEMÓRIAS DE EMILIANA COUTINHO DA SILVA E ARAÇATIBA	92
CAPÍTULO III	100
TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO CULTURAL.....	100
3.1 TERRITÓRIO REMANESCENTE DE QUILOMBO E GRUPO ÉTNICO	100
3.2 O CONGO DE SÃO BENDITO TOCA NOITE E DIA	115
3.2.1 Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio Cultural afro-brasileiro da comunidade de Araçatiba, Viana/ES.....	117
3.3 OS BATUQUES	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXO A – Reportagem da Secult/ES sobre o registro do congo em 14/11/2014	138

ANEXO B – Sistema Eletrônico de Informação IPHAN, processo em andamento para o registro do congo como patrimônio cultural nacional	139
ANEXO C – Escravizados fugidos	140
ANEXO D – Igreja de Nossa Senhora da Ajuda 1991	141
ANEXO E – Comunidade de Araçatiba, 1984	142
ANEXO F – Apresentações da Banda, 2019	143
ANEXO G – CD da Banda de Congo Mãe Petronilha, 2018	143
ANEXO H – Revista de Furnas, Costurart 2009	144

INTRODUÇÃO

O Espírito Santo apresenta em seu território uma diversidade de práticas culturais, incorporada no cotidiano de diversas comunidades tradicionais que perpassam as zonas rurais e litorâneas do estado. Dentre essas está a cultura do congo, prática que se organiza por meio das bandas de congo.

A expressão cultural do congo se organiza em forma de banda, chamada de bandas de congo, composta por homens, mulheres e crianças de várias faixas etárias, sendo estes: mestres, rainhas, dançarinas e tocadores. Cada grupo pode ser reconhecido ou diferenciado pelos seus símbolos e suas cores apresentados nos objetos simbólicos e nas indumentárias, como: instrumentos, estandartes, vestimentas, bandeiras e mastros.

Dentre esses elementos simbólicos, destacam-se nas bandas de congo do Espírito Santo: os estandartes, que são apresentados na maioria das vezes pelas rainhas nos cortejos na frente da banda, e o mastro com a bandeira dos santos de devoção, que nos rituais de São Benedito são fincados nos territórios congueiros.

Esses festejos acontecem em comunidades rurais e urbanas no ES, os grupos se unem para louvar os santos e tocar o congo², em meio ao ritual de agradecimento de fé aos santos, especialmente São Benedito, São Sebastião e Nossa Senhora da Penha³.

Em cada comunidade ou região, os festejos de congo têm calendário próprio, mas a maioria deles acontece no mês de dezembro e janeiro, podendo ser grandes festividades ou pequenas festas comunitárias. O ritual é dividido entre arrancada do mastro, fincada e retirada dele.

² Expressão utilizada nos festejos pelos integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, em Araçatiba, Viana/ES.

³ Sobre a devoção a Nossa Senhora da Penha, menciono o festejo do Carnaval de Congo na região de Roda D'água no município de Cariacica. Ritual que reúne as bandas de congo de Cariacica e convidadas, para louvarem a padroeira do Espírito Santo.

Nesse contexto de prática cultural, destaco que em Araçatiba o congo é uma tradição antiga, e seus participantes se autodeclaram como congueiros⁴, mas em outras localidades do Espírito Santo também aparece o termo conquistas.

O congo é transmitido por meio da tradição familiar e da oralidade, por isso todos os símbolos dos rituais e da devoção estão nas casas dessas famílias, e os laços de afetividade entre estes e o congo fazem parte do cotidiano, sendo possível entender que esses símbolos estão além do festejo, estão em devoção a São Benedito.

Portanto, a pesquisa se desdobra sobre a comunidade de Araçatiba, região localizada no município de Viana, região metropolitana do estado do Espírito Santo, situada entre a zona rural e urbana. Araçatiba tem como característica ser uma comunidade remanescente de quilombo, que preserva seu patrimônio cultural por meio de um grupo de antigos moradores do Morro da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

A partir da apresentação sobre as características do congo no Espírito Santo, analisamos como tema central desta dissertação a prática do congo como (re)existência na comunidade remanescente de Araçatiba, expressada por meio dos integrantes que formam a Banda de Congo Mãe Petronilha e dos festejos de devoção a São Benedito, desenvolvidos pelos devotos e integrantes da Banda. Para melhor compreensão do tema, apresentarei: o histórico da região de Araçatiba, as mudanças ocorridas neste território; as memórias do congo de Araçatiba; a composição da Banda⁵ com as características da tradição familiar; e a história do núcleo de tradição familiar da antiga rainha do congo Petronilha Maria da Conceição.

Conforme a narrativa dos congueiros, que pertencem à tradição do congo na Banda de Congo em Araçatiba, esta tinha como componente e rainha do congo, Petronilha Maria da Conceição, mulher negra, nascida no ano de 1900 e popularmente conhecida na comunidade como Mãe Tiotó. A guardiã e detentora das práticas culturais de Araçatiba recebeu o carinhoso nome de “Mãe” pela função que exerceu como parteira, e, de acordo com a oralidade, Petronilha Maria da Conceição auxiliou

⁴ Durante a pesquisa, usarei o termo congueiro, pois é dessa forma que os integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, tema desta pesquisa, se identificam e são reconhecidos pelos praticantes do congo.

⁵ No decorrer do trabalho, usarei o termo Banda, em maiúsculo, para mencionar a Banda de Congo Mãe Petronilha de Araçatiba.

no nascimento de muitas crianças e congueiros. Como a região era mais afastada dos hospitais da capital Vitória, as parteiras eram essenciais na função do acompanhamento das gestações e nascimentos das crianças em comunidade rurais.

De acordo com a oralidade dos integrantes da Banda, Petronilha Maria da Conceição e Emídio Moreira foram precursores da prática cultural na comunidade de Araçatiba, e após anos constituíram laços de parentesco nesta região, mantendo a tradição familiar do congo e preservando a transmissão cultural em Araçatiba.

Após a morte da rainha do congo, se constituiu a nova formação da Banda, através dos descendentes de Petronilha Maria da Conceição e Emiliana Coutinho da Silva, e assim a Banda recebeu como forma de homenagem o nome Banda de Congo Mãe Petronilha, mantendo a transmissão cultural dentro do grupo. Diante desse contexto, apresentarei como são os festejos e a tradição familiar perpetuada por meio dos congueiros em Araçatiba, além das reflexões sobre a prática cultural do congo neste grupo, os fatos históricos que contribuíram nas relações sociais desses, suas memórias e o território.

Atualmente, os componentes da Banda residem na parte mais alta da comunidade, próximo à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, lugar que no passado localizava-se a sede da antiga fazenda jesuítica de Araçatiba no século XVIII.

Sobre essas terras, após a expulsão da ordem dos jesuítas do Brasil, a propriedade da fazenda de Araçatiba passou por várias partilhas, até parte delas se tornar propriedade do coronel Bernardino Falcão de Gouveia Machado e, posteriormente à sua morte, seu filho coronel Sebastião Vieira Machado tornou-se o proprietário dessas terras de Araçatiba.

Em meados do século XIX, o coronel Sebastião Vieira Machado faleceu, deixando vários herdeiros para partilharem seus bens, inclusive as terras do morro da capela, escravizados e outros pertences.

E assim, no ano de 1894, após vários conflitos em torno dessa propriedade entre seus herdeiros, os vinte e um hectares dessas terras foram doados a santa e padroeira Nossa Senhora da Ajuda. Nessas terras doadas a santa padroeira, se

constituiu uma comunidade remanescente de quilombo, pertencente ao território da santa Nossa Senhora da Ajuda.

Com base nas explanações sobre o território de Araçatiba e a prática do congo, a pesquisa identificou as relações sociais do grupo de integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha construídas neste território e entrelaçada com o pertencimento e devoção no congo. Sendo assim, trata-se de uma expressão ativa/viva que preserva a memória e devoção dos negros em Araçatiba há mais de cem anos, com raízes nos batuques do tempo do cativo.

Ressalto o meu interesse pela temática do congo, pois, anterior às minhas pesquisas acadêmicas, desde a adolescência fui apreciadora da prática cultural do congo no município de Cariacica, participando dos festejos na região rural, em que mantive envolvimento com a Banda de Congo São Sebastião do Taquaruçu durante sete anos.

Portanto, em 2007 estive na condição de congueira na Banda de Congo São Sebastião do Taquaruçu, banda de congo da região de Roda D'água, do município de Cariacica, no Espírito Santo. Essa banda também possui como características os laços familiares, sendo esse grupo regido por dois mestres, Valdecir Ferreira Vieira e Olival Vieira, juntamente com as suas famílias e alguns convidados. Com a Banda de Congo São Sebastião do Taquaruçu, participei dos festejos regionais e apresentações em eventos na região metropolitana de Vitória e de uma apresentação no Salão do Turismo no estado de São Paulo, em 2011.

Com essa imersão na tradição e convívio com os mestres e as bandas de congo, a vivência possibilitou um olhar diferenciado para o congo, deixando a visão de expectadora ou adepta do festejo para participante ativa e congueira, conhecendo a composição, canto e dança e vivenciando a devoção do congo. Através desta ação participante, compreendi que a tradição não se restringe às rodas e aos dias de festas, mas se refere principalmente às raízes ancestrais da prática cultural evocada pela oralidade dos grupos e à importância dos detentores para os saberes da região/comunidade e do grupo familiar.

Por intermédio do envolvimento com a diversidade cultural do Espírito Santo e o início da graduação no curso de Licenciatura em Artes⁶, na Universidade Federal do Espírito Santo, iniciei o processo de estudos sobre o congo, acreditando ser necessária essa representatividade das práticas tradicionais no diálogo com o meio acadêmico, buscando assim uma reflexão sobre a pesquisa do congo nas Artes. Vale ressaltar que no Programa de Pós-Graduação em Artes esta pesquisa foi orientada e realizada, na condição de cotista⁷ Pretos, Pardos e indígenas (PPI), sendo um resultado de ações de políticas afirmativas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Depois de anos e de várias experiências com a comunidade de Araçatiba, desenvolvi no meu Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2018, com a orientação da professora Aissa Afonso Guimarães, a pesquisa intitulada “Banda de Congo Mãe Petronilha, Araçatiba, Viana”, abordando a o tema da prática cultural, sendo um dos primeiros levantamentos de dados sobre a Banda na atualidade.

No ano de 2013, tive minha primeira participação no Programa de Educação Tutorial (PET/Cultura)⁸, programa que tem como fonte de recurso o Ministério da Educação. E a partir dessa interação de ensino, pesquisa e extensão, tive a oportunidade de conhecer a comunidade de Araçatiba, sendo a primeira interação atividades artísticas no espaço não formal para crianças e adolescentes da comunidade. Essa relação com a comunidade possibilitou os primeiros passos para as pesquisas com a Banda de Congo Mãe Petronilha.

Em 2015, participei como bolsista do Programa de Extensão Universitária UFES (Proext)⁹ 2015 MEC/SESu, da Pró-Reitoria de Extensão da UFES, com o título Proext – Espaço Cultural Quilombola: “Mapeamento Físico e Cultural do Território da Fazenda de Araçatiba, novas dimensões da Comunidade”. Por meio desse

⁶ Graduação no curso de Licenciatura em Artes na UFES, que se iniciou no ano de 2012/2 a 2018.

⁷ A política das cotas raciais no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA) foi aprovada e implementada no ano de 2017, sob a coordenação do professor Dr. Gaspar Leal Paz, um dos primeiros PPGs da UFES a estabelecer cotas raciais na pós-graduação na UFES.

⁸ Programa de Educação Tutorial (PET), programa interdisciplinar da Universidade Federal do Espírito Santo na época composto por doze bolsistas de diversos cursos da Universidade como: Artes Plásticas, Artes Visuais, Letras Português, História, Geografia, Arquivologia e Pedagogia, sob tutoria do Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, da UFES.

⁹ Este Programa interdisciplinar contou com equipe dos cursos: Artes Plásticas, Artes Visuais e História, sendo seus integrantes: Bruna Wandekoken, Karolline de Oliveira Lourenço, Marcos Aurélio Vertelo, Rubens Teixeira (na memória), Gabriel Costa, Louriene Gonçalves, Rita de Cássia, coordenado pelo Prof. Dr. Aparecido José Cirillo.

programa, iniciou-se a pesquisa sobre o território cultural da antiga fazenda de Araçatiba, um desdobramento da pesquisa que iniciou no grupo Pet Cultura, que se realizava desde 2011, no qual iniciei a participação no ano de 2013.

Após o término do Programa citado, levada pelo interesse de dar continuidade à pesquisa sobre o congo no Espírito Santo, tive participação como bolsista em 2016, no “Programa de Extensão Entre Comunidades”, da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), com ações em comunidades congueiras na região de Fundão e Ibiraçu com bandas de congo de Fundão, Timbuí, Piabas/Irundi, sob a coordenação M.^a Marlene Martins de Oliveira¹⁰.

Os trabalhos de extensão contavam com desenvolvimento de ações como Fóruns Populares de Cultura de Fundão e acompanhamento dos festejos nessas localidades. Outro marcante dessa experiência foi, em 2016, a participação, montagem e curadoria da exposição de fotografias “O Congo Entre Nós”, no Museu Capixaba do Negro “Verônica Paes em Vitória”, sendo o congo das comunidades de Fundão, Ibiraçu, Timbuí e Piabas/Irundi tema artístico e poético desta exposição.

Como ex-integrante de banda de congo e com o levantamento sobre a comunidade de Araçatiba, desenvolvi uma proposta de projeto sobre a Banda de Congo Mãe Petronilha, com a elaboração de um curta-metragem¹¹ falando sobre a pesquisa e a valorização do congo neste território, com objetivo de fazer um material pedagógico para as escolas do município de Viana/ES, possibilitando o desdobramento desta pesquisa e a contrapartida de um material como acervo para o grupo e comunidade de Araçatiba.

Posteriormente fui selecionada como proponente do edital 024/2019 da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult/ES), para valorização dos patrimônios imateriais registrados no Espírito Santo, com o projeto intitulado de “Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio cultural afro-brasileiro da comunidade de Araçatiba, Viana-ES”.

¹⁰ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Espírito Santo, Diretora de Integração com a Educação Básica e Coordenadora do Programa de Extensão Entre Comunidades.

¹¹ Documentário sobre a Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio afro-brasileiro da comunidade de Araçatiba, Viana-ES. Direção da pesquisa e roteiro de Karolline de Oliveira Lourenço e direção de vídeo Érika Mariano, 2020.

A partir do envolvimento com a prática do congo, dentro e fora da Universidade, e reconhecendo sua linguagem visual e sonora, seus símbolos e sua tradicionalidade, analiso nesta pesquisa a Banda de Congo Mãe Petronilha, investigando as relações com o território, identificando a importância de Petronilha Maria da Conceição e seu legado com seus familiares na preservação do congo em Araçatiba, configurando-se como um território congueiro em que a prática cultural e a devoção são perpetuadas por um grupo étnico que preserva os batuques de congo, isto é, constituindo-se na Banda de Congo Mãe Petronilha.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizarei autores como Maria Cecília Londres Fonseca (2003) e Márcia Sant'anna (2003), contribuindo com reflexões em torno do termo, bem como das questões acerca do patrimônio e do desdobramento sobre o patrimônio imaterial e sua diversidade além da materialidade. Os estudos referentes à história do patrimônio no Brasil e as ações de políticas públicas são analisadas por José Reginaldo dos Santos Gonçalves (1996, 2003), tendo como base os estudos do patrimônio como categoria do pensamento. Para novas reflexões que envolvem o patrimônio cultural no Brasil, destaco Chuva (2012), e, para análise do patrimônio afro-brasileiro, destaca-se a obra "Patrimônio Cultural, Territórios e Identidades", organizado por João Carlos Nogueira e Tânia Tomazia (2012) e texto de Marcos Antônio Cardoso (2012).

Sobre estudos antropológicos acerca do território, destaca-se o de Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008), para análise das características de terras de santo no Brasil e apontamentos para Araçatiba, e Fredrik Barth (2000), sobre os grupos étnicos e suas fronteiras, para os apontamentos sobre o grupo pertencente à Banda de Congo Mãe Petronilha e seus meios organizacionais.

Para análise sobre a memória da Banda de Congo Mãe Petronilha, utilizarei as obras de Joel Candau (2019) e Michael Polak (1992), abordando os estudos sobre a memória individual e coletiva que permeiam os detentores.

Para apresentação sobre o histórico desta região, desde a fazenda como propriedade jesuítica, utilizamos a obra da "Devassa da Reforma da religião da Companhia de Jesus nesta comarca do ES", organizada por Ribeiro (2018) e a "A obra dos jesuítas no Espírito Santo", de Heribaldo Balestrero (2012). Também teses e dissertações da historiografia capixaba, como: Patrícia Merlo (2008), Bruno Santos

Conde (2011) e Marcos Aurélio dos Santos Vertelo (2017), para contribuição do trabalho sobre o histórico da Fazenda de Araçatiba até as partilhas de doação dessas terras.

Para apresentação do coronel Sebastião Vieira Machado e a imagem construída no século XIX como “senhor bom”, destacamos os estudos de Flávio Rabelho Versiani (2007) e os estudos de Lavínia Coutinho Cardoso (2008) sobre a questão que pode influenciar na reforma da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, equivalente à Revolta de Queimados, no município da Serra no Espírito Santo.

Para os apontamentos sobre a comunidade remanescente de quilombo no Brasil e território negro e suas características, enfatizamos as pesquisas de Ilka Boaventura (1992) e Osvaldo Martins de Oliveira (2019).

Sobre as explanações da origem dos batuques entre negros nesse território, recorre-se a Ynaê Lopes Santos (2006) e ao apoio de notícias de jornais da Província do ES, possibilitando a discussão da prática cultural dos batuques comunidade remanescente de quilombo.

Fundamentada no que diz respeito às historiografias sobre as bandas de congo e seus festejos no Espírito Santo, utilizarei os primeiros estudos sobre o congo do folclorista Guilherme Santos Neves¹² 1944-1982 (2008). Vale mencionar a busca bibliográfica sobre os atuais trabalhos de pesquisa em âmbito estadual com a temática referente ao congo capixaba e suas características em diversas comunidades do ES, por meio de autores, como Lins (2009), Macedo (2015), Ramos (2017), Capai (2009), Santos (2016), Maciel (2016), e as pesquisas sobre cultura afro-brasileira em comunidades quilombolas no ES. Portanto, a pesquisa recorrerá a títulos de outros autores além dos especificados a fim de criar um diálogo entre o tema patrimônio afro-brasileiro e o congo, para compreensão do contexto da Banda de Congo Mãe Petronilha e seu território.

No que diz respeito à pesquisa sobre os processos de patrimonialização do congo no ES, analisamos documentos institucionais do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) e da Secult/ES, como: o Relatório Final do Patrimônio

¹² Guilherme Santos Neves é um referencial sobre a pesquisa do folclore capixaba, tendo publicado diversas obras, entre essas registros dos festejos em diversas localidades incluindo as bandas de congo.

Imaterial (IPHAN, 2006), o Relatório Parcial de Inventário de Solicitação Registro do Congo no Espírito Santo (2012-2014), da Secretaria do Estado da Cultura, e os relatórios de candidatura do Congo do Espírito Santo como Patrimônio Imaterial Nacional (IPHAN/ES, 2020).

Recorremos à pesquisa de campo para o recolhimento das fontes orais e de registro, com a realização de entrevistas com integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha e familiares de Petronilha Maria da Conceição.

Contamos também com a pesquisa de campo e entrevistas com os interlocutores e integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, sendo esses: Emiliana Coutinho da Silva, Alício Machado, Janne Aparecida Coutinho, Ademir Gonçalves Gomes, Rosinéia do Nascimento Cristovão Gomes e Carlos Gomes. Também nas entrevistas sobre a tradição familiar e suas funções nos festejos de São Benedito e na Banda, Janne Aparecida com entrevistas sobre a organização da Banda e do Fórum de Araçatiba.

Sobre a composição musical da Banda, destacam-se as entrevistas do maestro, ex-congueiro, morador de Araçatiba e líder comunitário, José Fábio Coutinho da Silva.

Portanto, serão apresentadas entrevistas que foram recolhidas na comunidade de Araçatiba entre os anos de 2018 a 2021, com integrantes de várias faixas etárias da Banda de Congo Mãe Petronilha. A pesquisa também conta com o acervo pessoal¹³, com registros fotográficos da comunidade de Araçatiba e da Banda de Congo Mãe Petronilha, feitos em 2017.

Importante mencionar que, no final de 2020, a pesquisa de campo e os registros ocorreram com o incentivo do edital da Secretaria de Cultura do Espírito Santo, sendo contemplada a proposta do Projeto: “Banda de Congo Mãe Petronilha Patrimônio Cultural Afro-brasileiro da comunidade de Araçatiba, Viana-ES” do edital 024/2019, para projeto de valorização e divulgação dos patrimônios registrados e reconhecidos no estado do Espírito Santo, na qual, além da proposta estar baseada nesta pesquisa acadêmica, estive na condição de coordenadora, possibilitando assim o desenvolvimento de um trabalho de audiovisual juntamente com os

¹³ Acervo particular da pesquisa iniciado em 2013 na graduação e do projeto Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio Cultural Afro-brasileiro de Araçatiba, Viana/ES.

integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha. Igualmente, é claro, de facilitar a organização do material de pesquisa coletado com transcrições e seleções das entrevistas para análise.

A partir dessa interação com a comunidade de Araçatiba e das relações de envolvimento com a pesquisa e promoção de ações no campo do patrimônio cultural, os trabalhos proporcionaram mais vivência com a comunidade e seus moradores.

Vale salientar que, mesmo diante da pandemia da Covid-19 que assola o Brasil com altos índices de mortalidade e impactos nas comunidades tradicionais, após o período de isolamento em março de 2020 até meados de 2021, buscou-se o acompanhamento com a comunidade a partir de telefonemas, entrevistas pelo WhatsApp e chamadas de vídeo, presentes em boa parte deste estudo, mantendo as relações e a comunicação com os envolvidos na pesquisa: Emiliana Coutinho da Silva, Janne aparecida Coutinho, José Fábio Coutinho, Alício Machado e Marlúcia Machado, além, é claro, de visitas na comunidade, depois do período de isolamento, seguindo os protocolos de segurança.

As entrevistas com Emiliana Coutinho da Silva, atual matriarca e congueira mais antiga da Banda, auxiliaram na compreensão sobre o congo e o histórico de Araçatiba, bem como sobre Petronilha Maria da Conceição como rainha do congo e guardiã da prática em Araçatiba. Vale ressaltar que Emiliana Coutinho da Silva estará presente em vários relatos desta pesquisa de dissertação, pois, como é uma das moradoras mais antiga, influente e ativa na comunidade e na Banda de Congo Mãe Petronilha, traz consigo a memória familiar que compõe a sua individualidade e a memória coletiva da história da comunidade de Araçatiba.

Sendo assim, nos anos de pesquisa na comunidade, estive em contato direto com o ambiente familiar de Emiliana Coutinho da Silva ou, como carinhosamente é reconhecida na comunidade, “Dona Nini”. Anterior à pandemia fui acolhida em sua residência para as prosas e o café, além dos recolhimentos de entrevistas, fotografias e festejos do congo. Em meio a essa relação, cultivamos uma amizade que foi além da diferença de idade entre nós. Nesta pesquisa, tenho a honra de contar com o incentivo de Emiliana Coutinho da Silva, que compartilhou suas memórias, sendo sempre acessível a esses momentos.

Para realização da pesquisa documental, utilizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o congo do Espírito Santo, a antiga Fazenda de Araçatiba e sobre o patrimônio cultural capixaba e brasileiro. Exploramos documentos históricos e institucionais dos arquivos de registro do IPHAN/ES sobre a comunidade de Araçatiba e matérias de jornais da mídia local e nacional.

No capítulo I, apresentamos a atual Banda de Congo Mãe Petronilha, e seus rituais de festejos a São Benedito na comunidade de Araçatiba, com as funções de seus detentores e de seus objetos simbólicos.

Analizamos o contexto histórico nacional para o reconhecimento dos bens imateriais, por meio do Decreto-Lei nº 3.551/2000, e dos modos de salvaguarda do Patrimônio Imaterial de acordo com IPHAN. Diante desse quadro, apresentamos sobre os meios de inventário e políticas públicas o estado Espírito Santo, em que foi criado o Registro de Bens de Natureza Imaterial, por meio da Lei Estadual nº 6.237/2000, sancionada na Assembleia Legislativa, com criação do Registro dos bens de Natureza Imaterial do Espírito Santo, com o objetivo de acautelamento das práticas e seu registro, identificando e referenciando os bens culturais capixabas.

A partir desse contexto no período de 2012-2014, a Secult/ES desenvolveu o inventário das bandas de congo do Espírito Santo. E, em novembro de 2014, o congo foi registrado como o primeiro Patrimônio Cultural Imaterial reconhecido em esfera estadual, aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC) e pela Secult/ES, o que impulsionou o encaminhamento do processo de inventário para o reconhecimento e registro na esfera nacional pelo IPHAN/ES, em processo no ano de 2021.

No capítulo II, analisamos a formação dessas terras como um território, como terras de índios, jesuítas e coronéis, formando assim a antiga fazenda de Araçatiba, apresentando as marcas do coronel Sebastião Vieira Machado e a sua imagem a partir da memória como senhor bom e benfeitor nessas terras, apresentada a partir da reforma concedida em 1849 à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e a apresentação das condições atuais da edificação, sendo um bem tombado do ES no ano de 1950.

E após esse histórico de Araçatiba, apresentação da doação das terras para Santa Nossa Senhora da Ajuda, relacionando-a com a sua característica atual de Terra de Santo, e análise das entrevistas, Emiliana Coutinho da Silva apresenta sua função na comunidade de Araçatiba, desde sua infância no congo e sua função social e de zeladora da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

No capítulo III, apresentamos a análise do atual território remanescente de quilombo com reflexões da construção de um território preservado pelos herdeiros da santa. A relação da atual Banda com a saudosa rainha Petronilha Maria da Conceição, analisando-a a partir das entrevistas com o mestre e neto de Petronilha, Alício Machado, e seu o compromisso da tradição familiar do congo.

Por meio desse levantamento, a pesquisa desdobrou sobre as características do grupo pertencente à Banda, pontuando-o como um grupo étnico, sobre sua organização na comunidade de Araçatiba e a relação com os batuques do século XIX.

CAPÍTULO I

1 A BANDA MÃE PETRONILHA, O CONGO E AS POLÍTICAS DE SALVAGUARDA

Este capítulo apresenta a composição da Banda de Congo Mãe Petronilha: os instrumentos utilizados pela Banda e seus tradicionais festejos na comunidade de Araçatiba, no município de Viana/ES. Os integrantes dessa Banda expressam a sua devoção a São Benedito por meio da prática cultural do congo, que ocorre em diversos lugares do território do estado do Espírito Santo. Essa prática está presente nas regiões litorâneas e nas zonas rurais do estado, sendo o Patrimônio Cultural mais conhecido da região, junto com a panela de barro, o jongo e outras manifestações como a capoeira. De modo que a tradição do congo está presente em diversos municípios próximos à comunidade de Araçatiba, contando com uma presença numerosa de bandas de congo em regiões como Guarapari, Vila Velha, Cariacica e Viana. No entanto, nesta pesquisa darei ênfase à Banda de Congo Mãe Petronilha e seus festejos da comunidade de Araçatiba.

A Banda de Congo Mãe Petronilha é composta por moradores da comunidade de Araçatiba em Viana no Espírito Santo, e a maioria de seus integrantes residem na parte mais alta da comunidade, conhecida historicamente como Morro da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

De acordo com o Relatório Parcial do Inventário e Solicitação de Registro do congo como patrimônio estadual, que aconteceu no ano de 2012-2014, concedendo o levantamento das bandas de congo do ES e reconhecendo o congo como primeiro patrimônio cultural registrado no estado, foram apresentadas quatro comunidades étnicas congueiras, sendo três quilombolas e uma indígena: a comunidade quilombola de Retiro, no município de Santa Leopoldina; Araçatiba, em Viana; São Pedro, em Ibiraçu; e uma banda de congo Tupiniquim, na aldeia de Caieiras Velhas, em Aracruz.

Na pesquisa de campo realizada durante a elaboração deste estudo, tivemos contato direto com 48 bandas de congo dos municípios de: Alfredo Chaves (2), Anchieta (3), Aracruz (3), Cariacica (6), Colatina (3), Fundão (3), Guarapari (2), Ibiraçu (2), João Neiva (2), Linhares (2), Santa Leopoldina (1), São Domingos do Norte (1), Serra (11), Viana (1), Vila Velha (4) e Vitória (2). Em relação aos dados do Atlas há acréscimo de outras bandas,

como no caso das bandas Konschacinha e Jovens de Manguinhos, ambas da Serra, totalizando, portanto, 67 bandas de congo, entre aquelas que estão em atividade e as que tiveram suas atividades paralisadas recentemente [...] No geral, o Congo do Espírito Santo se espalha do litoral, em vilas de pescadores como Regência (Linhares) e Manguinhos (Serra), até o interior, como no caso de Paul de Graça Aranha (Colatina). Embora as bandas frequentemente apresentem perfil multiétnico, há também casos de forte identidade étnica, como as bandas constituídas por quilombolas (comunidades de Retiro, de Araçatiba e de São Pedro) e a banda formada por indígenas da etnia Tupiniquim (aldeia de Caieiras Velhas). A regra, de todo modo, é que o Congo apresente laços fortes com uma comunidade específica e com um território. (SECULT, 2012-2014, p. 8-9).

No que concerne a Banda de Congo Mãe Petronilha, a sua composição tem cerca de quinze integrantes de diversas faixas etárias, crianças, mulheres e homens, e com diversas funções nesse grupo, por meio dos tocadores de casacas, tambores e chocalhos; os dois mestres, entre esses o mestre que rege a Banda e o de mestre honra; as dançarinas e cantoras e a rainha que apresenta nos festejos o estandarte com a imagem do santo de devoção, São Benedito.

Importante ressaltar que esta pesquisa faz menção aos integrantes mais antigos e que atualmente possuem funções administrativas na Banda de Congo Mãe Petronilha, sujeitos com quem mantive um maior envolvimento durante a pesquisa, sendo esses: Emiliana Coutinho da Silva, Alício Machado, Janne Aparecida Coutinho, Ademir Gonçalves, Rosinéia do Nascimento Cristovão Gomes e Carlos Gomes. Portanto a apresentação desses é de suma importância para a identificação das funções na Banda de Congo Mãe Petronilha e a importância na preservação do patrimônio cultural de Araçatiba.

Início apresentando a atual matriarca da comunidade de Araçatiba e congueira, Emiliana Coutinho da Silva, nascida em 31 de agosto de 1932, atualmente com 89 anos, é integrante desde a primeira formação da Banda de Congo de Araçatiba. Iniciou sua interação com o congo na comunidade aos sete anos de idade, e permanece até os dias atuais, perpassando a tradição congueira para seus descendentes. Emiliana Coutinho da Silva tem três filhos: Jaques Coutinho da Silva, Janne Aparecida Coutinho da Silva e José Fábio Coutinho da Silva.

A prática tradicional do congo faz parte da família de Emiliana Coutinho da Silva a partir da sua geração, sendo ela e seus filhos participantes da Banda, em que mantêm a função de zelar pelo estandarte e uniformes da Banda em sua residência.

Emiliana Coutinho da Silva também é uma Griot¹⁴ das memórias e histórias de Araçatiba, e sua importância social e seus vínculos serão apresentados no segundo capítulo desta dissertação.

Fotografia 1 – Emiliana Coutinho da Silva e a casaca do congo, 2020



Fonte: Fotografia de Nathália Coutinho de Mattos, acervo do Projeto Banda de Congo Mãe Petronilha.

Na atual composição da Banda, contamos com o mestre Alício Machado, nascido em 18 de setembro de 1948, atualmente presidente da Banda e mestre de honra ou segundo mestre, além disso trabalha nos preparativos do mastro para os festejos na

¹⁴ De acordo com Andrade (apud Ba, 2017, p. 32), os Griôs, nas línguas e dialetos da Região Sul do Saara, Noroeste da África e no Mali, nos grupos étnicos bambaras e fulas, assumem diversos nomes e funções sociais. Eles são músicos, poetas e contadores de histórias inspirados nas práticas ancestrais. Os Griôs são responsáveis pela sabedoria da arte verbal e estão presentes nos rituais da vida social: nascimento, iniciação (no caso religioso), aliança matrimonial, cerimônia de casamento e funerais. Eles têm o papel social, político e econômico determinante no funcionamento daquelas sociedades. Ver mais em Guimarães e Oliveira (2017).

comunidade e realiza o contato com os integrantes no dia do ritual, permanecendo com essa função de mestre e como tocador de tambor.

Ademir Gonçalves Gomes, nascido em 11 de janeiro de 1969, é o atual mestre da Banda ou primeiro mestre, e desenvolve a sua função juntamente com o mestre de honra Alício Machado, também seu primo, e perpetua a tradição familiar. Ademir rege a Banda fazendo a marcação do ritmo dos batuques de congo com seu apito.

Fotografia 2 – Mestres da Banda, Alício Machado e Ademir Gonçalves Gomes, 2018



Fonte: Fotografia de Bruna Wandekoken, acervo da pesquisa, Araçatiba.

[...] e sou mestre da banda de congo, graças a Deus mais de vinte anos, uma função que eu gosto de fazer muito, que eu fui trago pelos...pelo meu tio, pelo meu primo que era mestre, capitão...finado Creto, Emídio Moreira aí....sou da Banda, graças a Deus gosto do que faço, São Benedito é meu padrinho, que quando fui pra ser batizado faltou o meu padrinho faltou, aí...a....a....que fez o batizado meu...aí...falou só....o padrinho desse menino vai ser de São Benedito, tenho muito orgulho, eu sou da Banda e por ele tô aqui continuo....e quero continuar sempre na Banda. (GOMES, Ademir Gonçalves, 2020)

Mestre Ademir Gonçalves Gomes, além de exercer a sua função como mestre, tem orgulho de ser afilhado do santo padroeiro São Benedito e por devoção conduz a Banda juntamente com Alício Machado e juntos desenvolvem uma ação na organização da Banda e a manutenção dos instrumentos.

Fotografia 3 – Entrevista com mestre Ademir Gonçalves Gomes e Rosinéia do Nascimento Cristovão Gomes, 2020



Fonte: Fotografia de Erika Mariano, acervo do Projeto Mãe Petronilha, Araçatiba

Rosinéia do Nascimento Cristovão Gomes, nascida em 13 de outubro de 1977, é dançarina/cantora e esposa do mestre Ademir Gonçalves Gomes, e exerce funções administrativas juntamente com a Janne Aparecida Coutinho. Elas desenvolvem os contatos na Banda e a organização das apresentações, dentro e fora da comunidade, com a função de organização dos donativos para o festejo de São Benedito. Néia, como é popularmente conhecida por todos na comunidade, nos falou sobre sua trajetória no congo.

Eu comecei em Rio Claro eu tinha uns quinze anos depois vim pra Araçatiba entrei na Banda com trinta anos. Não participava antes porque as crianças eram pequenas, depois cresceram aí voltei a participar. (CRISTOVÃO, Rosinéia do Nascimento, entrevista concedida por WhatsApp, 2021).

Fotografia 4 – Janne Aparecida Coutinho e Emiliana Coutinho da Silva, 2018



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa Araçatiba, 2018.

Nesta fotografia nota-se Janne Aparecida Coutinho à frente da Banda, de blusa branca, acompanhada de sua mãe Emiliana Coutinho da Silva. Janne, nascida em 1969, é congueira desde os cinco anos de idade, dançarina e cantora da Banda. Vale ressaltar que desde as primeiras pesquisas com a Banda e comunidade de Araçatiba, Janne esteve ligada às funções administrativas, sendo coordenadora da Banda de Congo Mãe Petronilha, e, como já citado, desenvolve a organização dos festejos que acontecem na comunidade e as visitas em outras comunidades, além de ser a liderança dos Fóruns populares de Araçatiba e da casa de costura Costurart.

Fotografia 5 – Carlos Gomes, 2020



Fonte: Imagem do documentário Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio Cultural afro-brasileiro de Araçatiba, ES, 2020.

Carlos Gomes é outro componente importante na Banda de Congo Mãe Petronilha, nascido em 13 de dezembro de 1959, tocador de tambor na Banda, exerce a função entre os tocadores de levar a batida do “Quinto”, o maior dos tambores da Banda de Congo Mãe Petronilha. Além da sua função musical, Carlão, como é conhecido na comunidade, é o guardião da Banda, com a prática de preservar os instrumentos em sua casa, juntamente com seus familiares.

Eu não sei o dia que eu parei... eu parei de bater congo da idade seis anos pra cá, hoje eu tô com 61, entendeu? E tô até hoje, entendeu? É uma responsabilidade muito grande que tem pela frente, o mestre meu é esse tambor que eu tenho, o que eu carrego nas minhas costas, onde for entendeu.... ele tá junto comigo, entendeu? E se não for ele, não existe som na nossa banda de congo entendeu? (GOMES, Carlos, 2020).

Além da sua função, Carlos Gomes preserva a tradição familiar do congo, pois é neto de Petronilha Maria da Conceição. Atualmente ele é avô, e seu neto Bernardo

dos Santos Gomes está com apenas seis anos de idade e já é integrante da Banda de Congo Mãe Petronilha, preservando a herança de tocador de tambores.

Vale ressaltar que a Banda conta com a presença de jovens e outros adultos em sua composição, que desenvolvem trabalhos coletivos; portanto, quando nos referimos aos rituais do congo em Araçatiba, todos os integrantes compartilham funções, como o preparo das comidas, cortejo e outros preparativos para os festejos.

A respeito das bandas de congo do Espírito Santo, é possível observar a múltipla função dos músicos com os instrumentos, podendo, muitas vezes, revezar os instrumentos entre os congueiros.

A instrumentação básica das bandas de congo é constituída por tambores e reco-reco aos quais se somam chocalho, cuíca, pandeiro, triângulo, caixa-clara, bombo e, em várias delas, apito. No entanto, os tambores e ao menos um reco-reco são imprescindíveis na caracterização do conjunto. (LINS, 2009, p. 35)¹⁵

Entretanto, na Banda Mãe Petronilha, os instrumentos que compõem a musicalidade são os tambores, as casacas, os chocalhos e o apito, sendo assim apresento alguns desses instrumentos, com sua descrição e função, de acordo com o maestro da comunidade de Araçatiba, José Fábio Coutinho da Silva¹⁶.

¹⁵ Jaceguay Monteiro Lins foi compositor, maestro, músico, escritor, poeta e apicultor brasileiro, nascido em Pernambuco e radicado no Espírito Santo no início de 1980. Contribuiu para o cenário artístico, cultural e musical e regeu a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo. Foi incentivador do congo capixaba e teria sido o criador da expressão “rockcongo”, sendo a mistura entre o rock e o congo. Ver mais em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/26883508/revista-de-pesquisa-em-musica-n1-fames-governo-do-estado>. Acesso em: 01 out. 2021.

¹⁶ José Fábio Coutinho, conhecido na comunidade como Fábio, é maestro formado na Faculdade de Música do Espírito Santo, filho de Emiliana da Silva Coutinho e líder comunitário de Araçatiba. Pertenceu a Banda e faz trabalhos sobre a musicalidade da comunidade e com a Banda de Choro de Araçatiba. Entrevista concedida para o documentário “Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio Afro-brasileiro de Araçatiba, Viana/ES” (2020).

Fotografia 6 – Tambores e casacas da Banda, 2020



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo do Projeto Mãe Petronilha.

Eu me lembro muito bem, como a gente foi sempre criado né tocando congo aqui quando era...era criança né, não tinha na verdade, na minha época a banda de congo mirim, a gente participava com os adultos também. Mas aí o congo ninguém ensina assim a batida, você aprende talvez assim... como posso dizer é...de morar aqui você já sabe tocar o congo né.

A gente tem aí né, vários instrumentos de percussão, mais aqui a nossa comunidade é mais tambores, casacas, chocalhos essas são instrumentos que prevalecem na nossa Banda, cuíca tinha também na época do seu Cleto né...hoje em dia eu não tenho visto mais ninguém tocando a cuíca não! (SILVA, José Fábio Coutinho, 2020).

Dentre esses instrumentos citados, contamos com a presença do apito, sendo o instrumento dos mestres e aquele que faz a marcação das toadas e rege a banda. Em algumas bandas do estado do Espírito Santo, o mestre pode vir acompanhado com outro instrumento que recebe o nome de buzina, que ecoa a voz do mestre do congo.

Nesta composição musical de bandas de congo, de acordo com maestro Lins (2009), existe uma instrumentação básica para as bandas de congo, que compõe esse conjunto, e as bandas possuem diversos instrumentos. O apito faz a marcação das toadas ou cantigas nas bandas de congo, um instrumento utilizado pelos mestres. Segundo Lins (2009, p. 60), este instrumento melhor incorpora o sentido de funcionalidade e com a sua marcação, através de seu som, mostra quando a toada

inicia e acaba. Na Banda de Congo Mãe Petronilha, quem exerce a função da marcação atualmente é o mestre Ademir Gonçalves Gomes na Banda, o qual também faz a introdução com o chamado do apito na marcação dos instrumentos.

Fotografia 7 – Mestre Ademir Gonçalves Gomes e seu apito, retirada do mastro 2018



Fonte: Fotografia de Bruna Wandekoken, acervo da pesquisa.

No que se refere à musicalidade, os tambores são os principais instrumentos e símbolos do congo no ES, tendo imponência pela sua forte batida. Através dela nas bandas de congo, os tocadores exploram seus ritmos e convocam seus participantes para o cortejo, rituais e festejos. Os tambores podem ser de diversos tamanhos, podendo ser batidos em pé ou sentados sobre o instrumento, e suas alças transpassando o corpo do tocador. O jeito de carregar e tocar o tambor depende do modo como será levado o instrumento e o seu tamanho.

Em sua maioria, são confeccionados de barris reciclados, dos quais se retiram as tampas e fundo, ou podem ser especialmente construídos com as extremidades vazadas, numa das quais se fixa uma pele esticada por meio de pregos, tarugos de madeira sob pressão ou rebites de alumínio. (LINS, 2009, p. 36).

Fotografia 8 – Tambores da Banda, à direita tambores antigos (2015); e à esquerda Tambor médio da Banda (2018)



Fonte: Fotografia de Rubens Teixeira; Karolline de Oliveira Lourenço, acervo da pesquisa.

Os tambores apresentados na esquerda da Fotografia 8 pertencem à primeira formação da Banda de Congo de Araçatiba, com o Mestre Emídio Moreira e Petronilha Maria da Conceição, sendo esses instrumentos os mais antigos, e os mais pesados por causa da madeira, por isso são tocados no modo “cavalgada¹⁷” por seus tocadores, e são preservados pela Banda Mãe Petronilha atualmente.

Os tambores mais novos são mais leves (à direita) e receberam as cores da Banda. Foram personalizados com desenhos geometrizados e lisos. De acordo com as informações do mestre Alício Machado, os tambores mais antigos estão na Banda há mais de oitenta anos, e o tambor, do lado direito, é um dos instrumentos mais novos adquiridos e pintados no ano de 2011.

De acordo com o maestro José Fábio Coutinho da Silva, existe uma diferenciação entre esses instrumentos na Banda de Congo Mãe Petronilha, pois o maior tambor chamado de “Quinto”, tocado por Carlos Gomes, faz a marcação e o repique do congo: “[...] O tambor pra marcar ali o ritmo, tem o “Quinto” que é o tambor grande, que ele ali na verdade não é todo mundo que repica, é.... quem tá ali no Quinto é o cara que comanda as repicadas ali [...]” (SILVA, José Fábio Coutinho, 2020).

¹⁷ A cavalgada é o modo que os tambores são tocados pelos integrantes, modo esse que os tocadores se posicionam (sentados) em cima dos tambores. Os tambores tocados no modo cavalgada são os maiores e mais pesados nas apresentações das bandas.

Fotografia 9 – Tambores em cavalgada, Caminhada Ecológica, 2019



Fonte: Fotografia de Karolline de O. Lourenço, acervo da pesquisa.

Além da diferenciação entre os instrumentos e sua composição no congo, é importante mencionar que, durante a pesquisa e interação com a prática do congo no Espírito Santo, observamos que os instrumentos são tocados na maioria das vezes por homens, principalmente os tambores, que podem ser tocados com o batedor em cima do tambor (em cavalgada) ou em pé, com o instrumento colocado em seu corpo com suporte de uma corda; no entanto, em Araçatiba na Banda de Congo Mãe Petronilha, os instrumentos são tocados por todos os integrantes, independentemente de faixa etária e gênero.

Além da diversidade na faixa etária dos congueiros da Banda, o envolvimento das mulheres é notado em todas as ações, desde o início dos preparativos até a realização dos festejos.

[...] você vê que a gente tiver que sair pra comprar, são as mulheres, quem tiver que preparar são as mulheres, quem infeita são elas também, e tão pronta na hora de chegar e receber e de dançar, e de cantar, então tem essa participação muito ativa[.] (Janne Aparecida Coutinho, entrevista sobre a Banda de Congo Mãe Petronilha, 2018).

Nesta interação das mulheres na organização e nos instrumentos, destaco a imagem de Dona Emiliania Coutinho da Silva e sua neta Nathalia Coutinho de Mattos tocando as casacas durante o festejo da Banda.

Fotografia 10 – Emiliana Coutinho da Silva e sua neta Nathália Coutinho de Mattos, 2018



Fonte: Fotografia de Bruna Wandekoken, acervo da pesquisa.

De acordo com a Fotografia 9, de Emiliana Coutinho da Silva e sua neta¹⁸ Nathália Coutinho de Mattos, é possível observar a mulher como tocadora de congo e o contexto da tradição do congo nesse núcleo familiar, sendo vivência da transmissão cultural (THOMPSON, 1993).

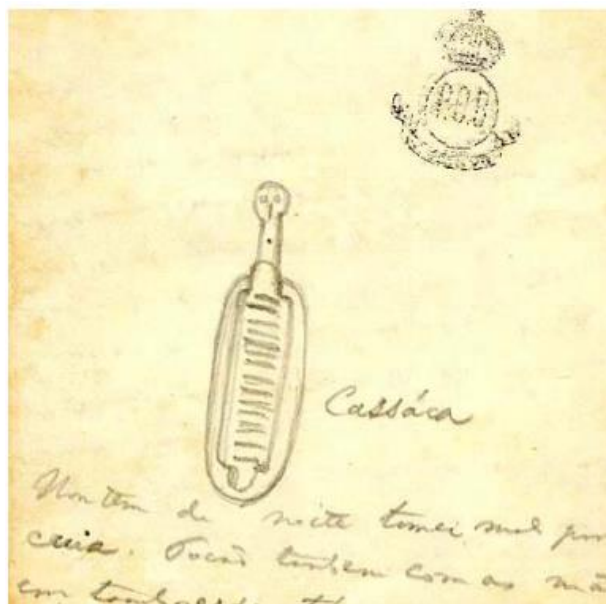
Sobre a descrição dos instrumentos da Banda, o Maestro José Fábio Coutinho da Silva (2020) se refere à casaca como um instrumento tradicionalmente do Espírito Santo, que é também utilizado em Araçatiba. E, como observado, esse instrumento se tornou um dos símbolos do Congo do Espírito Santo, presente nos festejos de todas as bandas de congo do estado.

A casaca tem como característica a cabeça esculpida no instrumento e é conhecida como o som de um reco-reco, citado por Lins (2009) como um instrumento básico tocado e repicado pelos integrantes das bandas, homens e mulheres, que possui variações de tamanhos, cores e estilos. A casaca também foi registrada nos desenhos de D. Pedro II em sua viagem ao Espírito Santo no século XIX.

¹⁸ Nathália Coutinho de Mattos é sobrinha-neta de Emiliana Coutinho da Silva, mas considerada pelos familiares, por causa da sua criação na família matriarca como neta da matriarca, e também afilhada de Janne Aparecida Coutinho.

Do instrumental desses conjuntos típicos do folclore capixaba faz parte uma espécie de reco-reco- a casaca, casaco, cassaca, cassaco, canzaco (desenhado por Biard e por D. Pedro II)- um cilindro de pau, de 50 a 70 centímetros de comprimento, escavado numa das faces, em que se prega uma lasca de bambu ou taquara com atalhos nas transversais, sobre as quais se atrita uma vareta. (NEVES, 2008, p. 57).

Imagem 1 – Ilustração de casaca feita por D. Pedro II em 1860



Fonte: Arquivo Público do ES¹⁹.

Além dos instrumentos apresentados, presentes na composição da banda de congo para expressar a sua musicalidade e a história de existência da Banda de Congo Mãe Petronilha, existem outros elementos que são simbólicos nos rituais, compondo a materialidade da prática do congo nos rituais do festejo ligado à devoção a São Benedito. Portanto, os instrumentos acompanham a Banda em todas as apresentações dentro e fora da comunidade, já os elementos simbólicos do ritual são apresentados no festejo em Araçatiba.

Apontamos a prática cultural do congo em Araçatiba, com os componentes da Banda de Congo Mãe Petronilha, como prática de (re)existência entre um grupo de negros da comunidade, pois, de acordo com Quijano e Mignolo, (apud BARBOSA, 2020) ,o termo “(re)existência”²⁰ substitui a expressão “resistência”, já que assume e

¹⁹ ROCHA, Levy. Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo, 2008, p. 164. Ed: 3. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Viagem_Pedro_II_ES_Levy_Rocha.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

²⁰ O termo Reexistência também tem sido utilizado por diversos intelectuais sob a perspectiva da reexistência abordada por Ana Lúcia Silva Souza, em seu livro “Letramentos de (Re) existência -

adere o sentido da continuidade de existência, compreendendo um continuar existindo ou uma nova existência; sendo assim, contestando a resistência como uma ação que resiste/bloqueia certos movimentos. Diante das tais afirmações de (re)existência com essa Banda, destacamos a materialidade simbólica dos festejos de São Benedito na atualidade.

1.1 ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA BANDA

São Benedito no céu é querido

São Benedito no céu é querido

Vamos louvar...olê...olá

Viva a São Benedito

(Música cantada por Emiliania Coutinho da Silva)

Para apresentação dos elementos simbólicos da Banda de Congo Mãe Petronilha, faço a menção do santo de devoção das bandas do Espírito Santo, o santo preto, humilde e cozinheiro, tão aclamado São Benedito.

Santidade que está no cotidiano dos congueiros, como padrinho e protetor, sendo sempre cultuado nos rituais de devoção, nas casas dos congueiros, na tradição das comidas nos festejos de Araçatiba, por causa da sua função de cozinheiro.

Aquele que se tornou o santo Benedito, teria nascido na cidade de Messina na Sicília (Itália), em 1525, sendo filho de um escravo africano trazidos por negreiros ibéricos. Benedetto Manasseri, teria pertencido a uma ordem de frades menores, capuchinhos de regras franciscanas do convento de Santa Maria de Gessú, próximo a cidade de Palermo (c.f Alencastro, 2000:314). Benedetto teria vivido neste convento exercendo tarefas humildes como a de cozinheiro e teria morrido com fama de santidade em 1589. Muito cultuado no Brasil pelos escravos, foi beatificado em 1743, canonizado e santificado em pleno regime escravista em 25 de maio de 1807, muito embora a sua canonização tenha começado cinco anos após sua morte em 1594. (CIRINO, 2012, p. 156).

Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-hop” de 2011, fruto de sua tese “Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento Hip Hop”, defendida em 2009. O termo vem substituir a expressão “resistência”, assumindo o sentido de reinvenção; de uma nova forma de existir onde indivíduos assumem novos papéis sociais em função da continuidade do grupo a que pertence, em contraponto à resistência entendida como ação que resiste, em um movimento defensivo (SOUZA, 2009; SOUZA; JOVINO; MUNIZ, 2018).

Sobre a devoção e os símbolos da Banda, de acordo com Gonçalves (2009), em sua análise sobre o patrimônio como categoria de pensamento, os seres humanos usam os símbolos não somente para se comunicar, ou simbolizar e representar, mas sim para agir. Podendo, dessa forma, fazer conexões entre o passado/presente, vivos/mortos e humanos/divindades.

Portanto, diante da materialidade produzida na prática do congo em Araçatiba, analisamos como esses símbolos fazem a conexão entre os congueiros e espectadores, com suas memórias e a devoção a São Benedito. No entanto, usaremos os estudos sobre o patrimônio cultural e sua Ressonância, Materialidade e Subjetividade, de Gonçalves (2005), para a análise da materialidade da Banda de Congo Mãe Petronilha.

Esses elementos simbólicos estão presentes na comunidade de Araçatiba nos rituais de São Benedito, expressados pelos congueiros da Banda de Congo Mãe Petronilha. Esses festejos seguem o calendário devocional e utilizam os objetos simbólicos nas festas de fincada e de arrancada do mastro.

Destaco como objetos simbólicos os que estão além da sua funcionalidade nos rituais e expressam uma identificação do congo da Banda de Congo Mãe Petronilha e em Araçatiba.

De acordo com Gonçalves (2005, p. 18), os objetos do patrimônio cultural servem como propósitos práticos, possuindo, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais, constituindo de verdadeiras entidades, não sendo apenas meros objetos, mas atribuídos de espíritos, vontades, entre outras coisas, e inseparáveis das totalidades cósmicas e sociais, como extensões morais e simbólicas de seus proprietários, e fazem as mediações entre o universo cósmico, natural e social, entre indivíduos e o coletivo.

Portanto, esses objetos simbólicos do ritual do congo de Araçatiba fazem a mediação entre os devotos da Banda e o santo de devoção São Benedito, manifestado por meio do ritual da prática do congo.

Muitos desses objetos podem ser certamente entendidos como “patrimônios”, na medida em que, pela sua ressonância junto a grande parte da população brasileira, realizam mediações importantes entre o passado e o presente, entre o imaterial e o material, entre a alma e o corpo, entre outras. (GONÇALVES, 2005, p. 22).

Dessa forma, o patrimônio cultural do congo produz a sua materialidade que expressa a sua ressonância nos rituais. A ressonância é o poder de evocar no espectador as forças culturais e complexas de onde os objetos simbólicos emergiram, sendo assim, essa força natural pode ser caracterizada pela devoção, memória, ancestralidade e pelos indivíduos (GONÇALVES, 2005 apud GREENBLATT, ano, p. 20).

A subjetividade desses objetos simbólicos, de acordo com Gonçalves (2005, p. 31), é uma autoconsciência individual e coletiva, existindo uma relação orgânica e interna, indo além da relação externa e emblemática. Sendo assim, essa relação com objetos simbólicos ultrapassa as relações expressadas no ritual e possui uma continuidade do passado, presente e futuro todas as vezes que são ritualizadas.

Portanto, início apresentando a cultura do mastro e a bandeira, como são preparados pelos congueiros e expostos como símbolo do congo na comunidade de Araçatiba, expressando a ressonância e as subjetividades a partir do ritual de festejo a São Benedito.

O mastro compõe os rituais dos festejos do congo na devoção a São Benedito, e este símbolo está presente em diversas comunidades congueiras, demonstrando uma relação entre os devotos em agradecimento ao santo. Anualmente esse rito se repete com mastro em diversas comunidades do Espírito Santo.

[...] A festa foi realizada a primeira vez como pagamento de promessa por parte dos escravos que se salvaram de um naufrágio agarrando-se ao mastro do navio. A origem da festa em Aracruz também remete a história de um navio que, carregado de escravos, naufragou na costa do Espírito Santo. Durante o naufrágio, os escravos clamavam a Providência Divina e pediram ajuda a São Benedito, conseguindo sobreviver agarrando-se ao mastro do navio, razão por que, simbolicamente, se puxa o barco com mastro dentro, em cortejo envolvendo toda comunidade. Após a procissão, o barco é deixado no mesmo lugar até o dia seguinte, quando se dá a fincada do mastro. (CAPAI, 2009, p. 84)

De acordo com Neves (2008, p. 56), um dos primeiros estudos sobre bandas de congo no Espírito Santo, são relatados os festejos de congo, divididos em duas etapas: a fincada e a cortada do mastro, encontradas em vários lugares do estado (como Vitória, Cariacica, Serra, Aracruz, Fundão, Ibiraçu, Alfredo Chaves, Guarapari, Colatina, São Mateus e Conceição da Barra). Vale ressaltar, no entanto, que em algumas localidades esses festejos são divididos em três fases: a cortada, a fincada

e a retirada do mastro, como exemplo do festejo da Banda na comunidade de Araçatiba.

A cortada do mastro é a escolha da madeira na mata, ocasião em que os congueiros fazem a retirada da madeira; após essa retirada, é necessário prepará-la, pintando-a para o dia do festejo, quando será realizada a fincada do mastro com a bandeira de São Benedito.

Em Araçatiba, os integrantes, principalmente os homens, se organizam para a “ida ao mato”²¹ à procura da árvore a ser escolhida, no entorno da comunidade.

Um tronco, previamente escolhido, é abatido, esgalhado e depois arrastado por juntas de bois, enfeitados, canga e chifre, com guirlandas de flores e folhagens. À festa comparecem o festeiro, os integrantes da banda de congos, devotos do santo e povo. (NEVES, 2008, p. 56).

Em Araçatiba, no ano de 2018, mestre Alício Machado, um dos mais antigos e experientes nos festejos, teve como função a preparação e os cuidados com o mastro. De acordo com o mestre, o mastro pode ser reaproveitado, dependendo do seu estado de conservação, pois os congueiros reconhecem que na região não há tantas árvores em seu entorno, além da proibição do corte de várias espécies. E sobre a realidade ambiental de Araçatiba, a comunidade é encravada entre grandes fazendas e pastos com o cultivo de gado, e já não possui mais tantas áreas de florestas, então uma das alternativas é a reutilização da madeira do mastro.

Sendo assim, a comunidade de Araçatiba tem como característica esses festejos ligados à tradição, em que os congueiros sempre os desenvolveram de forma organizada, transmitindo-os entre o grupo e os familiares. Portanto, a comunidade e a Banda de Congo Mãe Petronilha se mobilizam para preservar esse ritual, a sua devoção e a prática do congo nessa localidade.

Em cada comunidade ou região, os rituais podem ser diferentes e com características próprias. Em comunidades menores e rurais, como Piabas/Irundi, Araçatiba e Rio Claro, observou-se que os rituais de fincada do mastro acontecem com os incentivos próprios dos moradores da localidade e seus símbolos, sem incentivo de órgãos públicos, realizando-se com a contribuição dos devotos da festa.

²¹ Momento da busca da madeira para preparação do mastro, expressão utilizada pelo mestre Alício Machado.

Esses festejos são apreciados e fomentados por pessoas das comunidades e pelos fiéis da igreja católica dessas regiões.

O símbolo do mastro não é apresentado sozinho neste ritual, ele é acompanhado da bandeira. O mastro é a madeira que será fincada, e a bandeira é colocada em uma haste na ponta dele. Esses elementos simbólicos são fincados na comunidade, e a bandeira com a imagem do santo padroeiro situa-se no ponto mais alto.

A bandeira é conservada pela Banda, para ser também utilizada em outros anos de festejo em Araçatiba, por isso é mantida na casa de Dona Emiliana Coutinho, a matriarca da comunidade. Este símbolo recebe todos os cuidados, junto com o estandarte da Banda de Congo Mãe Petronilha com a imagem de São Benedito.

Sobre esses símbolos dos festejos de congo (Fotografia 11), apresento o mastro com a sua bandeira do Santo, da Banda de Congo Mãe Petronilha, em Araçatiba, fincado no festejo de São Benedito em dezembro de 2018, um símbolo de demarcação do território congueiro²².

Fotografia 11 – Mastro e bandeira da Banda, Fincada do mastro, 2018



Fonte: Fotografia de Bruna Wandekoken, acervo da pesquisa

²² Nesse contexto de comunidade remanescente de quilombo e congueira nos remetemos à aos trabalhos que amparamos no conceito de território de acordo Osvaldo Martins de Oliveira (2019 apud Leite, p. 41), em que é especificado o território como um espaço apropriado culturalmente, que possui limites de tudo que representa, expressando noções de pertencimento. Portanto, é possível observar essa descrição sobre o território a partir dos integrantes da Banda e moradores de Araçatiba.

Na Fotografia 11, os dois objetos simbólicos estão unidos, mas para que isso possa acontecer é necessário todo o ritual, portanto as tradições que abrange esse ritual trazem a memorização da ancestralidade congueira, com toda a preparação do mastro, que envolve os congueiros e atualiza esse símbolo e salvaguarda à memória ritualística.

De acordo com Oliveira (2019, p. 184), baseado nos estudos de Leach Edmund, o mito é o modo de narrar e descrever os comportamentos humanos, tendo correlação com o ritual, implicando um no outro, o rito é dramatização do mito. Para o autor, o ritual é uma afirmação das palavras ditas pelo mito. Portanto, essa dramatização do ritual envolve os congueiros da comunidade de Araçatiba, tanto os integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha quanto os devotos de São Benedito, que ritualizam a devoção ao santo, envolvendo um contexto social e cultural.

Outros objetos simbólicos das bandas de congo do Espírito Santo são os estandartes, apresentados pelas rainhas do congo à frente das bandas, em que, na Banda de Congo Mãe Petronilha, apresenta-se a imagem de São Benedito. Os estandartes geralmente são feitos de panos com a haste de madeira, e com as cores das bandas identificando os grupos. Os estandartes são apresentados em todas as bandas de congo do Espírito Santo; e na Banda de Congo Mãe Petronilha a sua cor é branco e azul com a imagem de São Benedito, com saudação ao santo.

Fotografia 12 – Estandarte da Banda, 2020



Fonte: Karolline de O. Lourenço, acervo da pesquisa

Na Banda, esse elemento apresenta o nome e a imagem de São Benedito com o menino no colo. Segundo Cirino (2012, p. 157), essa imagem se refere a um dos milagres de Benedito, quando uma mulher em um carro puxado por cavalos caiu com seu filho, asfixiando o pequenino, mas, após Benedito colocar as mãos em sua testa e fazer uma reza, a criança ressuscitou.

Sobre o ritual de São Benedito, cada banda de congo no Espírito Santo em sua comunidade tem autonomia sobre o calendário dos festejos, dependendo da tradição existente no grupo. Cito como exemplo o município de Serra que, no dia 26 de dezembro, realiza uma grande festa, com a recepção de várias bandas de congo de todo estado na sede do município, sendo feriado em Serra, pois é festejado o dia do município e do padroeiro São Benedito. Vale ressaltar que, embora no calendário católico a data de São Benedito seja festejado dia 05 de outubro, a maioria dos festejos do santo com as bandas de congo do Espírito Santo segue o ciclo natalino.

Sendo assim, em alguns municípios, existe mobilização por parte de prefeituras, secretarias municipais, para realização dos eventos, que reúnem grande número de pessoas, as quais acompanham os cortejos das várias bandas de congo do estado que são convidadas. Além disso, nos municípios de Vitória, Serra e Fundão, os

festejos contam com a presença do mastro no barco chamado de Palermo²³, com blocos e shows de artistas nacionais convidados.

Na Barra do Jucu, comunidade congueira do litoral do município de Vila Velha no ES, também acontecem os rituais do mastro, com a administração dos congueiros das bandas de congo, mas por serem muito conhecidos no estado e divulgado em redes sociais, reúnem muitos participantes além das bandas de congo local, e, por isso, um grande público se aglomera na região litorânea, diferentemente de Araçatiba, que está localizada na zona rural.

Para compreendermos o ritual, anteriormente ao preparo do mastro e ao dia do festejo, são feitas reuniões entre os congueiros para preparação dos festejos. No entanto, a Banda de Congo Mãe Petronilha não recebe nenhum incentivo público para que esse evento aconteça. Os integrantes do grupo desenvolvem o próprio meio de realização do evento, desenvolvido através da coletividade e da devoção ao santo, por isso é feita uma lista de doações dos devotos de São Benedito.

Os festeiros são escolhidos antes do dia do festejo, sendo um para receber a Banda em sua residência, um para pegar a bandeira e outro festeiro do mastro. Importante mencionar que os festeiros compartilham comidas com os integrantes e congueiros durante a visita, simbolizando o ato de bondade de compartilhar comidas com São Benedito. Esse ato de Benedito oferecer comida para os menos favorecidos é apontado como Milagres das Flores (CIRINO, 2012, p. 159). E para os integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, neste momento da festa do santo, precisa ser apresentado a fartura de comidas.

Existem também os devotos de São Benedito que dão uma doação ou contribuição, uma quantia em dinheiro, de acordo com que pode ser doado, ou alimentos e bebidas para a partilha no dia do festejo, com finalidade de realização do festejo para o santo. Por isso, é organizada uma lista, com um mês de antecedência, composta com o nome dos devotos, a doação e o dia da entrega.

O preparo das comidas é iniciado um dia antes da festa pelas mulheres da Banda. No ano de 2019, foram preparadas na cantina da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda,

²³ O nome do navio que carrega o mastro nas procissões e recebe o nome da cidade natal do santo São Benedito, remetendo ao milagre do santo aos negros da embarcação.

e estes alimentos compartilhados com os congueiros na festa, localizada no pátio da referida igreja.

O entendimento sobre os processos dos rituais e dos festejos da Banda de Congo Mãe Petronilha em Araçatiba se tornou possível a partir do trabalho de campo, o qual realizo desde o ano de 2015. O festejo sempre acontece nas tardes de domingo depois do Natal, portanto, no ano de 2019, ano desta pesquisa, a festa aconteceu no dia 29 de dezembro, tendo o início por volta das 14 horas com a presença da Banda de Congo de Mucambo, banda do município de Guarapari.

Horas antes de iniciar o festejo, os integrantes posicionam os tambores no pátio da igreja, e, de acordo com Janne Aparecida Coutinho (2018), este ato é conhecido pelos congueiros de Araçatiba como “colocar o congo na rua”.

Para que se inicie o ritual, é necessário ter a chamada dos mestres ao som vindo do alto do Morro de Nossa Senhora da Ajuda, com os rufos dos tambores e foguetes, avisando assim, por meio de linguagem simbólica do congo, àqueles que pertencem à prática e participam do festejo o início do ritual na comunidade de Araçatiba. Como observado anteriormente, no ano de 2019, mestre Alício Machado foi o responsável pela organização dessa abertura e dos foguetes.

Com as características de um ritual local, o cortejo tem um número reduzido de pessoas, comparado com outras comunidades do Espírito Santo já citadas, participando cerca de 100 pessoas no festejo de São Benedito em Araçatiba, contando com os integrantes da Banda, a banda de congo convidada, moradores e convidados.

Com a oportunidade de acompanhamento em vários rituais da Banda em Araçatiba, destaco que no dia da fincada do mastro existem pontos estratégicos que o ritual precisa seguir com o cortejo dos congueiros até o seu momento final, sendo estes: encontro dos integrantes no alto da capela, localizado no pátio da Igreja, embaixo da castanheira; o cortejo para buscar o mastro na casa do festeiro e distribuição de comidas; o cortejo para buscar a bandeira e comidas na casa do festeiro; e a fincada do mastro com cortejo em frente à igreja, sendo o ápice da festa.

Assim, os integrantes da Banda vão se posicionando no pátio da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, já com os tambores posicionados cada um no seu lugar, as

mulheres dançam e cantam e os outros integrantes tocam instrumentos. Os mestres regem a batida com gestos, e o mestre Ademir Gonçalves Gomes faz o uso do apito para a marcação do ritmo dos batuques de congo.

Fotografia 13 – Banda de Congo Mãe Petronilha, fincada do mastro, 2017



Fonte: Fotografia de Bruna Wandekoken, acervo da pesquisa.

Como é observado nesta fotografia, os integrantes da Banda formam uma reta de tocadores ou semicírculo/meia-lua, e as dançarinas ficam em frente aos tocadores de tambor. Vale ressaltar que as vestimentas da Banda para os homens são calças jeans e bermudas e camisa com o nome da Banda de Congo Mãe Petronilha e com a imagem de São Benedito; já as mulheres, as vestimentas são as saias coloridas e a camisa da Banda.

As vestimentas, instrumentos e estandarte da Banda são na cor azul e branco. E de acordo com Alício Machado (2018), a Banda de Congo Mãe Petronilha segue tais cores igual à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

Após o posicionamento da Banda, é iniciado o ritual de fincada do mastro em Araçatiba, e, em forma de cortejo, todos os participantes caminham em busca da bandeira e do mastro, sendo conduzidos pelos mestres que “puxam”²⁴ os tocadores

²⁴ Puxar a Banda é a forma que os congueiros são conduzidos, e os mestres vão à frente Banda organizando o festejo e cantando as cantigas, regendo a Banda.

com seus instrumentos. No cortejo, os integrantes percorrem as ruas da comunidade aos sons do congo, a caminho da casa do festeiro e guardião da bandeira.

Na bandeira da Banda, podemos observar a imagem do padroeiro São Benedito segurando uma criança em seus braços, enfeitado com flores (Fotografia 11). Em outras comunidades como Barra do Jucu, as bandeiras das bandas de congo são pintadas pelos devotos ou algum artista local, mas em Araçatiba a bandeira é uma impressão estampada com a imagem do santo padroeiro do congo.

Com a chegada na casa do primeiro festeiro, é tocado o congo no quintal, feito uma reza, assim é compartilhado com fartura as comidas e bebidas para os congueiros e convidados. Após alguns minutos, é feita a entrega da bandeira às dançarinas, que seguem à frente do cortejo pelas ruas, em busca do mastro na casa do segundo festeiro. Prosseguindo o ritual de batuques e danças, a Banda chega até o quintal da casa do festeiro, e seus integrantes são recebidos com louvores, comidas e bebidas compartilhadas. Após o silêncio da Banda, é feita a oração do Pai Nosso, seguido de várias expressões pelos congueiros de “viva” ao santo padroeiro e palmas. Ambos os momentos de busca da bandeira e do mastro, os congueiros continuam com as saudações de: “Viva São Benedito!.....Viva!.....Viva Nossa Senhora da Ajuda....Viva!” (Falas dos devotos e integrantes da Banda).

Depois de todo esse ritual, é chegada a hora de carregar o mastro até o pátio da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, para ser apresentado e juntamente com a bandeira ser fincado no alto do morro.

Fotografia 14 – Apresentação do mastro, 2018



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa.

Na fotografia 14, podemos observar o ritual de carregar e apresentar o mastro em frente à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em preparo para a sua fincada. No tocante a este ritual de fincada do mastro, cada comunidade tem sua particularidade, mas os objetos simbólicos tradicionais deste ritual, a bandeira e o mastro são fincados na maioria das localidades em frente às igrejas católicas da região, sendo a fincada do mastro do padroeiro do congo o ápice do ritual de devoção a São Benedito pelas bandas do Espírito Santo.

Fotografia 15 – Preparação para fincada do mastro, 2018



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa

A partir da Fotografia 15, é possível observar a preparação para a fincada, quando os congueiros da comunidade de Araçatiba cavam um buraco para fincar o mastro, que ficará exposto na comunidade por mais de um mês.

O momento da fincada do mastro é celebrado com muitos louvores e com seus batuques de congo, acompanhado pelas preces de agradecimento ao santo, próximo ao mastro. Após a fincada, os congueiros seguem tocando o congo, até a finalização do ritual na comunidade.

Fotografia 16 – Fincada do mastro, 2018



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa.

Como observamos na Fotografia 15, após a fincada as bandas de congo continuam a celebração ao santo, tocando e dançando em frente ao mastro. Durante a pesquisa, notamos que o festejo, além da devoção e do ritual a São Benedito, também é oportunidade para que os antigos moradores retornem para participar das atividades e visitar seus familiares e amigos em Araçatiba.

Sobre os convidados para o festejo, estão a Banda de Congo de Rio Claro do município de Guarapari, que durante anos são participantes dos festejos na comunidade de Araçatiba – assim como, nos festejos na comunidade de Rio Claro, a Banda Mãe Petronilha se faz presente.

Em 2019, a Banda de Congo Rio Claro teve um rompimento com o mestre, e alguns integrantes formaram a Banda de Congo de Mucambo, mantendo a proximidade entre os mestres da Banda de Congo Mãe Petronilha e Banda de Congo de Mucambo, permanecendo assim os elos de amizade entre os congueiros.

Importante mencionar ainda que a região de Mucambo, localizada no município de Guarapari, é próxima geograficamente de Araçatiba, sendo uma comunidade quilombola vizinha, que também fez parte da antiga Fazenda de Araçatiba durante a administração jesuítica e dos coronéis. Portanto, os congueiros integrantes da

Banda de Congo Mãe Petronilha chamam a Banda de Congo de Mucambo de “banda irmã”, e sempre estão juntos em seus festejos nas suas comunidades.

Existe um período para a retirada do mastro, e, de acordo com Janne Aparecida Coutinho (2018), o ritual de retirada do mastro precisa ser feito entre a data de 20 de janeiro, dia em que se comemora São Sebastião, até 02 de fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias. Na retirada do mastro, é tocado o congo no pátio da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, com orações e agradecimentos e, após horas de batuques, os congueiros retiram o mastro, que é recebido com flores lançadas na bandeira de São Benedito por algumas mulheres da comunidade. O mastro é colocado, então, na calçada da igreja, e depois juntamente com a bandeira são guardados na casa dos congueiros para serem conservados para o próximo ano.

Sobre a questão do ritual, importante ressaltar que em outras comunidades os festejos recebem incentivo do poder público, expandindo a festa para além do ritual, tornando-se eventos que arrastam multidões. Mas em Araçatiba os festejos são mais internos, não recebem incentivo de financiamento municipal ou estadual, e nem interferência de produtores culturais ou ações turísticas. Todo esse festejo apresentado na pesquisa acontece por meio da autogestão da comunidade.

Em um nível diferente de abstração, podemos dizer que a autogestão e a autossustentabilidade comunitárias são os princípios que organizam a produção das culturas populares, enquanto a oralidade é o seu meio predominante de expressão e de transmissão (CARVALHO, 2010, p. 44).

Existem outros festejos na comunidade com a participação da Banda, mas não de organização dos integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, de modo que a Banda é convidada para os eventos públicos e religiosos, como: o festejo da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, comemorado o dia da padroeira do lugar na data de 8 de setembro; Caminhada Ecológica, que acontece anualmente no mês de julho, sendo um evento promovido pela Prefeitura Municipal de Viana; e participações em apresentações com a Banda Mirim²⁵, da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Araçatiba, em diversos lugares do município.

²⁵ A Banda de Congo Mirim foi formada a partir de trabalhos na escola com as crianças e com a Banda, para apresentações nas próprias escolas e eventos. Portanto, nos festejos e rituais, as crianças estão juntamente com adultos integrando a Banda de Congo Mãe Petronilha.

Portanto, a prática do congo tem sua importância nas comunidades congueiras pela sua tradição e devoção, que remete a um ritual que envolve os integrantes das bandas de congo e comunidades. Diante desse contexto, o congo tem sua relevância no cenário estadual, sendo o primeiro patrimônio cultural reconhecido no Espírito Santo. Assim, apresento os desdobramentos e as políticas sobre o patrimônio cultural imaterial em âmbito nacional e estadual, a fim de analisar o processo de reconhecimento do congo como o primeiro bem cultural registrado como Patrimônio Estadual do Espírito Santo.

1.2 PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL E NO ES

Para compreensão do contexto do congo no Espírito Santo e seu reconhecimento como um bem estadual, foi necessário o entendimento dos desdobramentos do patrimônio cultural.

Sendo assim, a palavra patrimônio está inserida no nosso cotidiano e é apresentada de diferentes formas e conteúdo. Gonçalves (2009) nos apresenta os estudos sobre patrimônio como uma categoria de pensamento para refletir sobre as festas e expressões culturais.

No ano de 2000 foi reconhecido no Brasil uma nova qualificação para a palavra “patrimônio”, inserida no contexto de coletividade e de vida social dos grupos, pontuando algumas características gerais do patrimônio imaterial ou intangível.

Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideias e valorativos dessas formas de vidas. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio (GONÇALVES, 2003, p. 28).

Para chegarmos nessa perspectiva sobre o patrimônio imaterial, precisamos compreender que, desde o ano de 1920, o Brasil tem como política patrimonial restaurar, conservar e proteger os patrimônios culturais como forma de afirmação de uma identidade nacional. No movimento modernista e na implementação do Serviço do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)²⁶, em 1937, os esforços estavam concentrados nas pesquisas e nos processos de tombamentos dos patrimônios materiais que tinham como referência de autenticidade a arquitetura das igrejas barrocas de Minas Gerais e a arquitetura colonial. Neste processo, a população afro-brasileira e os povos indígenas não foram inseridos como referência na construção do ideal de identidade da nação brasileira.

De acordo com Fonseca (2003), vários lugares no Brasil manifestavam diversas culturas e hábitos do povo, não sendo valorizados, pois durante anos o patrimônio cultural brasileiro estava ligado às arquiteturas hegemônicas com referenciais europeus, não evidenciando o modo de vivência e as tradições dos povos indígenas e africanos, privilegiando, assim, a história e a memória da elite branca e da classe dominante do país, patrimônios denominados como “pedra e cal”.

Portanto, no campo do patrimônio, os bens valorizados como representações do povo brasileiro estavam sempre ligados à cultura da colonização europeia, como as Igrejas e outras construções reconhecidas por seus valores históricos e artísticos, como casarões, prédios públicos, dentre outras edificações, assim como outros bens móveis, como mobiliário, relíquias, objetos familiares, obras de arte etc.

No entanto, a discussão sobre o patrimônio cultural, voltada para as práticas de artes populares²⁷, definidas pelo IPHAN a partir de 2000 como patrimônio cultural imaterial, já existia e despertava o interesse no contexto dos intelectuais modernistas, especialmente por Mário de Andrade²⁸.

Segundo Sala (1990), Andrade formulou um anteprojeto em 1936, para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), sendo uma ideia precursora para época, pois Andrade pensava na valorização das “artes populares” e seus aspectos imateriais. Neste contexto, sobre as culturas populares pontuadas por Andrade, segundo Sevcenko (apud CHUVA, 2012, p. 153), a palavra popular

²⁶ O Serviço de Patrimônio Histórico Artístico Nacional, segundo Sala (1990), foi criado a partir do Decreto de Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Em 1981 foi transformado em subsecretaria ministerial pela portaria 274 do Ministro da Educação e Cultura Rubem Ludwing e, depois da criação do Ministério da Cultura, se tornou Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico.

²⁷ O termo de “artes populares” foi usado por Mário de Andrade, mas neste trabalho utilizaremos o termo “patrimônio cultural”, de acordo com Marcia Chuva (2012); e, para citações de documentos institucionais e leis, utilizaremos patrimônio imaterial ou intangível.

²⁸ Segundo Chuva (2012), Mário de Andrade foi uma figura ímpar no campo intelectual e literário brasileiro, introduzindo ideias sobre a cultura brasileira e políticas de preservação para os bens materiais e para as manifestações artísticas, cotidianas, celebrações e ritos.

estava associada àquilo que é autenticamente brasileiro, sendo um pensamento moderno nos anos 20.

A proposta de Mário de Andrade em seu anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional era de âmbito bastante extenso, tentando preservar a totalidade de nossos bens culturais, inclusive hábitos, credences, cantos, lendas e superstições populares. Mário entendia que a “arte” é uma palavra geral, que nesse sentido geral significa a habilidade com que o engenho humano se utiliza das ciências, das coisas e dos fatos. (ANDRADE apud SALA, 1990, p. 21)

O anteprojeto de Mário de Andrade não foi aceito na sua totalidade, mas, após uma análise teórica e política da época, se tornou um projeto de lei. De acordo com Sala (1990, p. 25), o Decreto-lei nº 25 não foi fielmente o anteprojeto de Andrade, e representava um perigo para o Estado Novo, para a democratização da cultura imaterial que representava a diversidade étnica do Brasil, atrapalhando o projeto nacionalista da época.

Diante do engajamento de Mário de Andrade nos anos de 1947, foi instalada a Comissão Nacional do Folclore, a qual era responsável por documentar essas práticas culturais pelo Brasil. A política nacional do folclore contava com Comissão Nacional do Folclore, com sede no Rio de Janeiro e comissões estaduais, com sede nas capitais de estados do país. A Comissão Espírito-Santense de Folclore teve grande atuação.

Nesta Comissão destacaram-se nomes importantes no Espírito Santo, menciono aqui o folclorista Guilherme Santos Neves, pela importância de sua pesquisa sobre as bandas de congo do Espírito Santo, que em seus estudos catalogou a prática do congo em diversas comunidades e escreveu sobre os festejos, cantigas e o cotidiano das festas de congo, sendo um material de referência para os pesquisadores do patrimônio cultural no Espírito Santo.

Bacharel em Direito e membro da Academia Espírito-Santense de Letras, fundou, no interior dessa instituição, o Centro Capixaba de Folclore em 1946 e organizou, no ano seguinte, a Subcomissão Espírito-Santense de Folclore. Nesta última, cria Folclore, o primeiro e mais prolífico boletim estadual de folclore, tendo editado, de 1949 a 1982, 95 números. Especializando-se em literatura popular, tornou-se professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Espírito Santo (cf. capas da publicações abaixo; fontes documentais da pesquisa). Obras principais: 1949: Cancioneiro capixaba de trovas populares. Vitória: Imprensa Oficial. 1958: História popular do Convento da Penha. Vitória: Livros do Espírito Santo. 1982: Cancioneiro Capixaba. Vitória.

Dessa forma, os folcloristas trabalharam na perspectiva de documentar e preservar as práticas culturais, como guardiões intelectuais e políticos da “cultura do povo”. E, de acordo com Carvalho (2004), os folcloristas mantinham a isenção da realidade dos detentores e das práticas culturais. Atualmente, no estado do Espírito Santo a Comissão do Espírito Santense de Folclore²⁹ permanece em atividade, desde sua fundação em 1948.

Sendo assim, na década de 1980, iniciaram-se alguns estudos por meio de outras perspectivas e novos olhares de membros do IPHAN, retomando a discussão a respeito do patrimônio cultural, com uma perspectiva mais ampla.

A atuação de Aloísio Magalhães, presidente do SPHAN na época, foi decisiva para o desenvolvimento da discussão, junto ao Conselho Nacional de Referência Cultural (CNRC), sobre as expressões culturais e políticas para preservação da diversidade brasileira. Como ressalta Fonseca (2000, p. 91) em relação a este período:

Era preciso buscar as raízes vivas da identidade nacional exatamente naqueles contextos e bens que o SPHAN excluía de sua atividade, por considerar estranhos aos critérios (histórico, artístico, de excepcionalidade) que presidiam os tombamentos.

Nos anos 2000, com o Decreto nº 3.551 em 04 de agosto, foi criado o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) e o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, sendo possível um novo olhar para o patrimônio cultural intangível ou imaterial, assim como a criação de políticas públicas direcionadas para salvaguarda do patrimônio cultural.

Para a política de salvaguarda do patrimônio imaterial, preservar o patrimônio cultural brasileiro significa fortalecer e dar visibilidade as referências culturais dos grupos sociais em sua heterogeneidade e complexidade. Significa promover a apropriação simbólica e o uso sustentável dos recursos patrimoniais para a sua preservação e para o desenvolvimento econômico, social e cultural do país. Significa também compartilhar as responsabilidades e deveres dessa preservação e promover o acesso de todos aos direitos e benefícios que ela gera. (SANT'ANNA, 2016, p. 9).

De acordo com as leis estabelecidas na Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, o IPHAN criava a partir do registro os instrumentos para construção de políticas públicas para salvaguarda dessas práticas por todo Brasil, estabelecendo o dever da nação de conhecer e proteger seu patrimônio material e imaterial, por meio

²⁹ Ver em: <https://www.facebook.com/folclorecapixaba/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

da valorização dos diferentes grupos de práticas culturais, promovendo e registrando o patrimônio cultural brasileiro.

Vale ressaltar a necessidade da interação do IPHAN e os detentores, com a possível aproximação, e as relações entre esses, para a conservação do patrimônio cultural. Portanto, o que antigamente era apenas uma função do órgão nacional de proteção do patrimônio e suas políticas passou a ser compreendido como necessário o envolvimento com o povo e seus bens registrados.

Para Fonseca (2003), outros órgãos também contribuem para a reorientação da cultura brasileira, pois não é só interesse das pesquisas universitárias o mapeamento, a documentação e a análise destas, mas sim de outros órgãos estaduais e federais, para o estudo da “identidade cultural” das regiões.

Sendo assim, o IPHAN³⁰ do Espírito Santo já possuía três registros em âmbito nacional: as práticas da Panela de Barro de Goiabeiras, no “Livro de Registros dos Saberes”, no ano 2002; o Jongo do sudeste, no “Livro de Registros das Formas de Expressões”, em 2005; e na Roda de Capoeira, registrada no “Livro de Registro de Formas de Expressões”, em 2008.

A salvaguarda é entendida como a defesa das tradições contra a influência da cultura industrializada, recomendando-se a adoção de medidas que garantam o status e o suporte econômico das atividades a elas vinculadas. Para tanto, considera-se importante a introdução do estudo da cultura tradicional e popular nos sistemas educativos; a criação de Conselhos Nacionais em bases interdisciplinares e, entre outras medidas, o apoio moral e financeiro aos portadores desse conhecimento e as instituições vinculadas matéria (IPHAN, 2006, p. 122).

Na direção do reconhecimento nacional do patrimônio cultural de natureza intangível e a falta de políticas públicas na esfera estadual, o governo do estado do Espírito Santo criou a Lei nº 6.237/2000, para o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, como meio de reconhecimento dos bens imateriais estaduais, por meio do Programa Estadual de Identificação e Referenciamento de Bens Culturais de Natureza Imaterial, e o congo foi o primeiro bem a ser registrado em nível estadual.

³⁰ Disponível em: <http://www.portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/51/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

1.3 PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

A cultura afro-brasileira carrega consigo, na origem, a diversidade das principais nações dos povos africanos que formaram a população negra no Brasil: Bantos, Jejes, Hauças, Malés e Nagôs portadores de uma tradição rica, derivada das culturas particulares dos diferentes reinos africanos de onde provieram, ganhando novas formas e adaptações estético-culturais ou mesmo se desenvolvendo de forma “original” nas Américas e no Brasil. (NOGUEIRA; NASCIMENTO, 2012, p. 69)

Diante dos apontamentos sobre o breve histórico do patrimônio cultural brasileiro e seu desdobramento sobre o patrimônio imaterial ou intangível, dando ênfase ao caso em questão do reconhecimento da prática do congo no Espírito Santo, vale ressaltar que o congo da comunidade de Araçatiba é constituído pelas características de uma prática afro-brasileira, e nesta pesquisa evidencia como o patrimônio cultural possui a relação com o território, ancestralidade e devoção.

Sobre o congo do Espírito Santo, nesse contexto de práticas afro-brasileiras, de acordo com Santos (2016, p.224), a instrumentalização utilizada nas bandas de congo é derivada das tradições afro-brasileiras e ameríndias, e a devoção aos santos católicos vem da imposição da Igreja Católica.

Dentre esses aspectos, específico nesta pesquisa o congo em Araçatiba, que tem características diferentes do congo em comunidades tradicionais pesqueiras e urbanas, principalmente por ser uma prática cultural expressada por seus detentores numa comunidade remanescente de quilombo e em uma tradição familiar. Para esses apontamentos, foi necessária uma imersão na comunidade para compreender que a prática cultural é a resistência de um grupo – que será apresentada e analisada em outros capítulos.

Cabe mencionar que a Banda de Congo Mãe Petronilha é uma banda de congo étnica, como já mencionado na apresentação da Banda e apontado a partir do dossiê de reconhecimento do congo. Sendo assim, estas características diferenciam a Banda de Congo Mãe Petronilha de outras bandas de congo do ES.

Portanto, diante de tais observações sobre a Banda e a compreensão a respeito do patrimônio cultural, identificamos outras características da Banda, como: herança e memória, que identificamos como um patrimônio afro-brasileiro e que se destacam na tradição congueira, dando ênfase à história do povo negro que resiste em uma

comunidade de um passado católico e escravista. Entretanto, seus detentores preservam a tradição em um grupo, evocando a memória ancestral, por meio do ato de contar, cantar e tocar seu congo.

De acordo com Cardoso (2012, p. 22), o patrimônio tem profunda relação com a memória, sendo as pessoas/detentoras o maior patrimônio que preservam essas memórias e as atualizam, deixando-as sempre vivas, sendo fundante da nossa própria história que está entrelaçada ao continente africano.

O patrimônio cultural imaterial é uma concepção de patrimônio cultural que abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em respeito à sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio intangível: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações e os lugares, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e as mais variadas tradições. Nesse sentido, cabe enfatizar a relação intrínseca entre patrimônio e memória, a partir de Muniz Sodré, que, ao significado da palavra patrimônio (herança: bem ou conjunto de bens que se recebe dos antepassados e que se lega aos descendentes). (SODRÉ apud CARDOSO, 2012, p. 22).

Portanto, sobre as heranças de bens que se recebe dos antepassados apontados por Muniz Sodré, podemos observar a importância de ressaltar a herança, principalmente na relação das práticas culturais em comunidades remanescentes de quilombo, que possuem expressões artísticas/culturais entre os grupos que receberam funções dos seus antepassados.

Importante fazer menção à função da memória como transmissão de conhecimento, que no congo é passado dos antigos integrantes e mestres para os atuais detentores.

Outro campo patrimonial a ser valorizado é a oralidade: se pensarmos o patrimônio cultural como o saber fazer, modo de vida e memória dos grupos sociais, enxergaremos a oralidade como um patrimônio das populações afro-brasileiras, herança direta dos griôs, mestres e mestras da tradição oral, guardiões responsáveis pela transmissão dos conhecimentos, em um processo de interação que envolve, além da transmissão do conhecimento em si [...] (NOGUEIRA; NASCIMENTO, 2012, p. 65)

Neste contexto que envolve a herança e a memória que embasam a prática cultural da Banda de Congo Mãe Petronilha, a herança familiar e a devoção estão presentes no congo em Araçatiba, especificamente nos moradores que residem no alto do morro da capela de Nossa Senhora da Ajuda, que iremos apresentar nesta dissertação a partir do capítulo II.

Sobre a questão de reconhecimento como patrimônio cultural estadual, observou-se no relatório parcial que a Banda se trata de uma organização com identidade étnica, a qual destaco como grupo étnico, segundo Barth (2000), no terceiro capítulo, evidenciando seu modo de organização e articulações dentro da comunidade.

Sendo assim, o relatório não apresentou as questões mais aprofundadas da Banda, pois se trata de um relatório técnico feito em curto prazo para a tramitação dos processos, em que o quantitativo de gestores e técnicos responsáveis por todo o processo e licitações é reduzido, tornando-se mais informativo. Portanto, as características étnicas são pontuadas, mas não com uma profundidade dos fatos.

Mas compreendemos que a partir do reconhecimento das práticas culturais, como o exemplo do congo, são desenvolvidas políticas públicas de proteção e salvaguarda para o patrimônio cultural, propiciando, por meio das leis de fomento, direitos aos grupos culturais nas participações de editais estaduais e municipais, podendo assim os grupos, por intermédio de autonomia ou agentes culturais das comunidades, projetarem e desenvolverem ações de valorização das práticas culturais e sua salvaguarda.

1.4 AS PRÁTICAS E A SALVAGUARDA NO ESPÍRITO SANTO

Após o breve histórico sobre o patrimônio cultural, compreende-se ser necessário o acompanhamento dos trâmites no Espírito Santo sobre o registro de reconhecimento do congo como patrimônio cultural. Sendo assim, buscamos o Relatório Parcial de solicitação do registro do Congo da Secult/ES, iniciado no ano de 2012 a 2014.

Portanto, iniciaram-se as pesquisas através da equipe técnica da Secult/ES, com pesquisas bibliográficas, históricas e etnográficas no Espírito Santo, tendo como base os materiais históricos, utilizados como metodologia da pesquisa de campo nas comunidades congueiras e o recolhimento de entrevistas com integrantes e mestres das bandas de congo. Sendo possível um levantamento mais sistematizado das comunidades congueiras existentes em todo estado na atualidade e algumas características das bandas de congo.

Esse relatório registrou 48 grupos de congo (bandas de congo) no estado e identificou o total de 67 grupos atuantes e não atuantes, que, de acordo com o relatório parcial, possibilitaram as visitas em 13 municípios, entre o litoral e a zona rural do ES.

Após dois anos de pesquisa, no dia 20 de novembro de 2014, o Conselho Estadual de Cultura (CEC) aprovou o registro do congo como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Espírito Santo, com apoio da Secult/ES para o Relatório Parcial Inventário de Solicitação de Registro do Congo (2012-2014).

Segundo o Conselho Estadual de Cultura, o congo foi reconhecido como o primeiro Patrimônio Cultural Imaterial Estadual e registrado no “Livro de registro de festas, celebrações e folguedos que marcam ritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade e do entretenimento”, referindo-se ao artigo 2º da Lei 6.237/2000.

Diante desse relatório parcial e do curto tempo para a pesquisa, acredita-se que o registro de todas as bandas e suas comunidades seja composto por informações importantes e necessárias, mas não o suficiente, diante da diversidade de bandas no ES, para abordar todas as questões que envolvem a história cultural e as identidades étnicas dos grupos e suas necessidades. Compreende-se que o patrimônio cultural está vivo e precisa de políticas públicas para apoio na manutenção das práticas e grupos.

Portanto, é necessário o acompanhamento desses grupos após o reconhecimento ou registro, por meio de políticas públicas das secretarias municipais, estaduais, IPHAN e por intermédio de pesquisas das Universidades nas comunidades. Sendo assim, a Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo decretou e o governo estadual sancionou a Lei Complementar nº 458/2008, que instituiu o Fundo de Cultura do Espírito Santo (Funcultura), com destinação e captação de recursos para a cultura do estado, e, dentre esses, a proposta da criação dos editais de cultura.

Art. 6º A aplicação de recursos do Fundo tem como base as 3 (três) dimensões da cultura: cultura como expressão simbólica de um povo, cultura como direito e cidadania e cultura como economia que gera renda e trabalho (ESPÍRITO SANTO, 2008).

Portanto, desde a sanção dessa Lei, a Secult/ES desenvolve editais anuais que auxiliam as práticas tradicionais de diversos grupos de todo o estado. Atualmente, a Secult/ES tem em seu calendário os editais que incentivam a participação dos

grupos, com projetos que visam à valorização, à manutenção das práticas e à construção de pontos de memórias nas comunidades com práticas culturais.

Entretanto, compreende-se que esse sistema de edital é muito burocrático para algumas comunidades, pois existem algumas dificuldades, como a falta de acesso à plataforma ou mesmo o desenvolvimento de projetos culturais nestas comunidades. Na perspectiva de sanar essas dificuldades, a Secult/ES assessora os grupos, desenvolvendo ações com vários agentes culturais e secretarias municipais, pesquisadores e lideranças dos próprios grupos para auxiliar na elaboração de projeto para os editais.

A Secult/ES e sua equipe desenvolvem oficinas em vários municípios para explicar os procedimentos necessários para elaboração dos projetos, e os meios de utilização das plataformas para o cadastramento dos projetos dos grupos, enviados via endereço eletrônico ou correspondência postal à secretaria estadual. Orientando os grupos e comunidades com práticas tradicionais, em que se articulam e conseguem participar do processo de seleção de projetos, sendo avaliados e contemplados com a verba do Funcultura para promoção da cultura estadual.

Por meio desses incentivos, a Banda de Congo Mãe Petronilha, com o auxílio de pesquisadores do Programa de Extensão Pet Cultura/UFES, recebeu um prêmio do Edital 030/2012 – Seleção de Projetos Culturais e Concessão de Prêmio, denominado Prêmio “Renato Pacheco”, destinado a grupos Folclóricos Radicados no Estado do Espírito Santo (Secult/ES), para a aquisição de indumentárias e adereços e instrumentos musicais, sendo o mestre Ademir Gonçalves Gomes o proponente do edital.

Esse edital fortaleceu a Banda de Congo Mãe Petronilha, bem como seu reconhecimento no estado, uma vez que o prêmio possibilitou renovar os instrumentos e comprar as vestimentas para os integrantes, que continuarão sendo apresentados nesta dissertação através das imagens recolhidas desde o ano de 2017 até 2021.

No ano de 2019, também foram publicados editais para grupos culturais pela Secult/ES, sendo esses: Valorização da Diversidade Cultural, Mestres das Culturas Populares, Culturas Populares, Educação Patrimonial, Patrimônio Imaterial e Ponto

de Memória. Dessa forma, como resultado desta pesquisa foi proposta inscrição no edital 024/2019 de Valorização aos Patrimônios Imateriais reconhecidos no ES, no qual estou como função de coordenadora.

A proposta recebeu o título de “Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio Cultural afro-brasileiro de Araçatiba, Viana/ES”, tendo como objetivo um trabalho de audiovisual e material educativo para as escolas municipais de Viana, abordando o histórico da Banda, com base a oralidade dos congueiros e suas memórias, bem como este trabalho de pesquisa.

Além desses editais que contemplam a Banda de Congo de Araçatiba, no ano de 2020 por decorrência da pandemia da Covid-19, a Prefeitura Municipal de Viana/ES, por intermédio da Secretaria Municipal de Esporte, Cultura e Turismo, lançou o Edital Emergencial Setorial, com fomento da Lei Aldir Blanc via Secult/ES, para propostas de projetos.

E diante dos problemas ocasionados na comunidade de Araçatiba, por causa da Covid-19, o Conselho de Cultura de Viana elaborou juntamente com um grupo de trabalho, compostos por pesquisadores da comunidade de Araçatiba, uma proposta de edital para a comunidade remanescente de quilombo de Viana.

Participaram dessa frente de grupo de trabalho, como pesquisadores em Araçatiba, para desenvolvimento da proposta: Bruna Wandekoken, Karolline de Oliveira Lourenço e Marcos Aurélio dos Santos Vertelo, juntamente com o conselheiro Filipe Oliveira da Silva, técnico responsável pelo patrimônio imaterial do IPHAN/ES.

Após o trabalho de levantamento sobre a comunidade de Araçatiba, foi criado o edital N°05/2020 Patrimônio Cultural, com um prêmio no eixo temático de comunidade quilombola de Araçatiba.

Portanto, eu, Karolline de Oliveira Lourenço, e a pesquisadora Bruna Wandekoken elaboramos uma proposta de projeto para o patrimônio cultural de Araçatiba, juntamente com José Fábio Coutinho da Silva – maestro, líder comunitário de Araçatiba, proponente e gestor do projeto. Após a contemplação da proposta, foi desenvolvido o projeto “Gigantes Pela Própria Natureza”, regulamentado pela Lei Aldir Blanc no ano de 2021, desenvolvendo trabalhos de oficinas de Arte, musicalidade e palestras sobre o patrimônio cultural.

Apesar dos projetos contemplados pelas secretarias municipal e estadual, reitera-se que a seleção por meio dos editais de cultura são processos burocráticos, e que às vezes não abrangem todos os grupos culturais do Espírito Santo, dentre esses as comunidades tradicionais mais afastadas das regiões metropolitanas, que possuem poucos recursos tecnológicos ou mesmo documentos para atender à lista de documentos necessários para seleção dos projetos.

Quando possível, para a realização das propostas de projetos, busca-se os meios de interação com as comunidades, mestres e agentes culturais, para manutenção das práticas culturais no estado do Espírito Santo, em que, mesmo após seis anos de reconhecimento do congo como Patrimônio Cultural do Espírito Santo, os grupos ainda necessitam de incentivos para seus festejos, rituais e indumentárias, apesar da continuidade desses editais.

Sobre a importância da prática cultural do congo no Espírito Santo, possibilitou-se o processo de reconhecimento do congo como patrimônio estadual do Espírito Santo e alavancou o Dossiê de Candidatura do Congo para o registro como Patrimônio Cultural Nacional, realizado pelo IPHAN/ES, por meio da 21ª Superintendência, em 2018.

Através do Sistema Eletrônico de Informação (SEI)³¹, tivemos acesso ao processo em andamento do Reconhecimento do Congo como Patrimônio Imaterial Nacional da 21ª Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional no Espírito Santo (IPHAN/ES).

Este Dossiê buscou por meio da pesquisa o reconhecimento em âmbito nacional, com descrição de todas as atividades e festejos das bandas de congo do Espírito Santo, o mapeamento dos territórios congueiros, os trabalhos de campo, recolhimento de dados dos integrantes das bandas e a produção de um vídeo falando sobre os festejos de São Benedito, que tem o congo como prática cultural, proporcionando um Seminário do Congo, realizado pelo IPHAN/ES.

Com esse Dossiê, foram mapeados 16 municípios do estado do Espírito Santo, fazendo a identificação de 57 bandas de congo em diversas regiões do estado. Vale ressaltar que este levantamento possibilitou uma vasta captação de vídeos e

³¹ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1564>. Acesso em: 04 out. 2021.

fotografias, finalizados no ano de 2020, mas com o agravante da pandemia ocorreram mudanças nas datas de entrega dos resultados finais, de acordo com IPHAN/ES.

Entretanto, de acordo com técnico do IPHAN/ES esse processo de reconhecimento está, em 2021, na fase de prestação de conta da pesquisa, com aprovação de pareceres técnicos, que contará com plano de ação a realização de um seminário virtual de devolutivas da pesquisa.

Após o Seminário, serão anotados os apontamentos dos detentores e subsidiarei a Nota Técnica da Superintendência para que se abra o processo de registro no Dep. do Patrimônio Imaterial. Após isso, ele irá para a Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial. Caso seja aprovado será submetido à consulta pública e procuradoria. E, por fim, vai à deliberação do Conselho se todos os procedimentos foram seguidos e aprovados. (SILVA, Filipe Oliveira, 2021)

Os inventários das bandas de congo, tanto no Relatório Parcial do Inventário de Registro do Congo como Patrimônio Estadual (2012-2014) quanto no Dossiê de Candidatura do Congo do Espírito Santo a Patrimônio Cultural Nacional (2020), possuem suma importância para levantamentos técnicos no âmbito de órgãos estaduais e nacionais, mas são trabalhos de curto prazo, para abarcar o histórico das comunidades e das bandas de congo e suas memórias, pois se trata de trabalhos técnicos.

Na Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadores por meio de projetos de pesquisa e extensão desenvolvem ações e trabalhos com o patrimônio cultural estadual. Sobre o congo, as pesquisas são independentes, e algumas estão vinculadas aos trabalhos finais de cursos de graduação e a programas de pós-graduação, sendo muitos desses concentrados nos Programa de Artes, Ciências Sociais e Educação da UFES.

Sobre esses trabalhos em comunidades tradicionais, destaca-se o trabalho final dos projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão Pet Cultura e Proext, o livro “Araçatiba Patrimônio e Cultura”, de Aparecido José Cirillo (2017), sobre o histórico da antiga fazenda jesuítica, a comunidade, a cultura do congo nas terras da santa Nossa Senhora da Ajuda.

Dentre esses trabalhos, não posso deixar de mencionar o Programa “Entre Comunidades”, da Pró-Reitoria de Extensão, sob coordenação de Marlene de

Oliveira, sendo um programa que atende a várias comunidades congueiras entre a região de Fundão, Timbuí, São Pedro e Piabas/Irundi, desenvolvendo ações de trabalho como oficinas, participação de eventos nas comunidades, exposições fotográficas dos grupos, participação nos Fóruns Populares na cidade de Fundão e participação dos grupos nas feiras de projetos de pesquisa e extensão da universidade. Diante de tais ações são estabelecidas as relações entre as comunidades congueiras e a comunidade acadêmica, valorizando as práticas e a história dos grupos e suas lideranças.

Em virtude de tais argumentos apresentados neste primeiro momento da pesquisa, compreende-se que o trabalho com o patrimônio cultural do estado do Espírito Santo é amplo e exige movimentos de vários grupos para que aconteça a salvaguarda das práticas.

Como já mencionado, no decorrer desta pesquisa, diante das críticas a respeito do curto prazo de levantamento dos dados das comunidades congueiras, analisadas a partir do processo de patrimonialização e dos relatórios técnicos parciais de registros estadual e nacional das bandas de congo do Espírito Santo, que não proporcionaram dados que julgo importantes evidenciar, como o histórico da Banda Mãe Petronilha, o território que envolve essa prática e a sua identidade, observou-se a necessidade de dar continuidade à análise do território cultural de Araçatiba, pesquisando a tradição entre os seus detentores e a prática do congo nesta comunidade.

CAPÍTULO II

2 ARAÇATIBA: TERRA DE ÍNDIO, DE SANTA E DE PRETO

Este capítulo tem como objetivo apresentar um breve histórico da propriedade que atualmente abrange a comunidade de Araçatiba, as partilhas que aconteceram nessa propriedade enquanto fazenda jesuítica, a propriedade privada da família Vieira Machado e a doação das terras para a Santa Nossa Senhora da Ajuda no final do século XIX.

Sobre o contexto histórico, Araçatiba no século XVII foi uma grande fazenda que manteve a produção agrícola de cereais para o abastecimento do Colégio de São Tiago, sede da administração dos jesuítas na cidade de Vitória, atual capital do Espírito Santo. Para o escoamento dos produtos para abastecimento do Colégio na capital Vitória, foi arquitetado o primeiro canal marinho do Brasil.

No século XIX sob a administração do coronel Bernardino Falcão de Gouveia, Araçatiba recebeu a visita do príncipe Wied Neuwed Maxmillian (1940), que descreveu a realidade e o contexto desse vasto território, sendo avaliado como uma das maiores fazendas do litoral brasileiro que já visitara, detalhando em seus escritos a fauna, a flora e o quantitativo de escravizados na fazenda nos tempos do coronel Falcão.

A Fazenda de Araçatiba manteve grande contingente de escravizados no Espírito Santo, entre as administrações dos jesuítas e da família Vieira Machado, mas muitos registros desses povos foram silenciados em suas fontes documentais. Sobre os inventários da administração dos jesuítas e dos coronéis, é evidenciado o quantitativo de escravizados que pertenciam a esta propriedade. Muitas informações sobre o tempo da escravidão nesta fazenda estão inseridas em pesquisas realizadas na Universidade Federal do Espírito Santo e na oralidade dos moradores da região.

Em meio a toda essa história da habitação deste território, destacamos os povos indígenas que habitaram Araçatiba antes da colonização da região pelos jesuítas. Sobre esses povos, existem poucos escritos, mas é possível observar na comunidade a presença de sítios arqueológicos cerâmicos de origem indígena espalhados em diversos locais dessa comunidade.

A mão de obra desses povos em Araçatiba está presente por meio da arquitetura, do seu histórico e da cultura. Citamos como exemplo as construções dos séculos XVII como o Canal Marinho e a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, obras arquitetadas pelos poderosos jesuítas, mas executadas por mãos daqueles que sofreram e deixaram seus traços e legados na comunidade de Araçatiba.

Além da vasta propriedade de Araçatiba, a imponente arquitetura da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda chama atenção nessa pequena comunidade até os dias atuais, por causa da sua riqueza de detalhes na edificação e da imagem da Santa Nossa Senhora da Ajuda na parte superior do Altar-Mor.

Essa edificação projetada pelos jesuítas na sede da fazenda, e de importância histórica para o Espírito Santo, foi registrada no “Livro do Tombo de Belas Artes” do IPHAN/ES desde 1950, sendo conservada pela comunidade e seus fiéis.

Na igreja de Nossa Senhora da Ajuda são realizados os rituais litúrgicos católicos. Esteve fechada entre 2020 e 2021, por causa da crise mundial sanitária do Coronavírus, no momento iniciado em 2020, retomando suas atividades em meados de 2021.

Desse modo, abordaremos brevemente o histórico da fazenda de Araçatiba para contextualizar nosso tema. Portanto, farei uma apresentação da história da propriedade da fazenda de Araçatiba entre os séculos XVII e XIX.

Para o período administrado pela ordem jesuítica, utilizaremos a obra organizada por Luiz Claudio M. Ribeiro (2018), “Devassa da reforma da religião da Companhia de Jesus nesta Comarca do Espírito Santo”; “Obra dos jesuítas no Espírito Santo”, de Heribaldo L. Balestrero (2012); o trabalho de dissertação de Bruno Santos Conde (2011), “Depois dos jesuítas: A economia colonial (1700-1800)”; e, para expor as características da fazenda de Araçatiba em tempos dos jesuítas e do coronel Bernardino Falcão, os escritos do príncipe Maximilian sobre as viagens pelo Brasil.

Além desses destaques sobre o domínio jesuítico, é importante apresentar o antigo processo de escravização neste território e a construção de uma comunidade afro-brasileira formada após a doação das terras dos herdeiros de Sebastião Vieira Machado para a santa Nossa Senhora da Ajuda. Referente a este período, utilizarei

como referência a dissertação de Vertelo (2017), que se desdobra sobre a comunidade de Araçatiba no pós-abolição.

Com base nestas características de Araçatiba como “terra de santo”, diálogo com escritos de Alfredo Wagner B. Almeida (2008), destacando as características das terras de santo, de preto e terras de indígenas. Dentre essas características, Araçatiba é considerada por seus moradores mais antigos como terra dos pretos, que são considerados como “herdeiros da santa”³², que continuaram habitando desde o pós-abolição, com a função de zelarem as terras da santa Nossa Senhora da Ajuda e sua igreja.

Os herdeiros de Araçatiba vêm (re)existindo nessas terras, evocando as suas memórias, a oralidade e a manutenção do patrimônio cultural, preservando o histórico de uma comunidade remanescente de quilombo.

Além da devoção por meio do catolicismo, esses negros expressam a sua ancestralidade através da cultura e tradição afro-brasileira dos batuques das práticas do congo em seus rituais.

2.1 BREVE HISTÓRICO DAS TERRAS DE ARAÇATIBA

O objetivo deste item é apresentar a ocupação das terras de antiga fazenda de Araçatiba desde o período jesuítico até a doação das terras para Nossa Senhora da Ajuda, para compreendermos o patrimônio cultural da atual comunidade de Araçatiba.

Portanto, as terras de Araçatiba são citadas pelos documentos e pesquisas no Espírito Santo, durante o período da administração dos jesuítas e dos coronéis, mas a sua ocupação pelos povos tradicionais, como indígenas e quilombolas, nessas terras ainda é pouco explorado.

³² “Herdeiros da Santa” é a autodenominação dos moradores que habitam entorno da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. O termo é utilizado frequentemente por Emiliania Coutinho da Silva (Dona Nini). De acordo com a oralidade desta matriarca, os negros receberam as terras de Araçatiba para moradia no período pós-abolição, com a função de zelar pelas terras da Santa e pela Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Essa análise de autodenominação foi verificada a partir dos trabalhos de campo com a família de Emiliania Coutinho da Silva, e dos componentes da Banda de Congo Mãe Petronilha.

De acordo com o mapa das nações indígenas existentes no Espírito Santo durante o século XIX (ENRENREICH, 2014), o território de Araçatiba foi habitado pelos povos indígenas Tupis, e através de um diagnóstico realizado na comunidade pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), no ano de 2006, foi citada a origem indígena do nome da comunidade.

O nome de Araçatiba foi dado pelos índios, em homenagem a filha do cacique chamada *Tiba*. Quando a menina morreu, o cacique que a amava muito ficara muito triste. Existia nessa região uma grande quantidade de uma goiaba nativa chamada *Araçá* (que perdeu lugar para as pastagens). Os índios para sempre lembrarem da menina, associaram seu nome a fruta local e deram o nome ao lugar e assim também à fazenda. (IBASE, 2006, p. 10).

Para Daemon (2010, p. 238), a origem do nome da antiga fazenda jesuítica fez referência à fruta e ao termo *Tiba*, que está ligado ao lugar. Sobre esse mito de origem do nome da comunidade, é possível encontrar em alguns lugares pés da fruta Araçá e, também, a narrativa da história de *Tiba*, que atualmente acompanha a oralidade dos moradores de várias gerações da localidade.

Portanto, para nos referirmos às terras de Araçatiba, precisamos compreender a presença dos jesuítas no Espírito Santo, sobre os quais temos como referência histórica, suas conquistas e emancipação de suas propriedades, com criação de fazendas, colégios e os aldeamentos. De acordo com Cirillo (2017, p. 49), as fazendas tinham como finalidade a subsistência dos jesuítas e a comercialização dos produtos para o atendimento da demanda sociopolítica da província, sendo estas fazendas: Muribeca, Itapoca, Araçatiba e Carapina.

A economia desta ordem ocorreu entre o século XVII e XVIII, bem consolidada, gerando um movimento crescente por meio da produção de suas propriedades no Brasil, contendo posses de acumulados de terras, fazendas, engenhos e propriedades urbanas (SANTOS apud CONDE, 2011, p. 68).

Diante de tais afirmações das posses dos jesuítas e suas fazendas no Espírito Santo, Araçatiba teve ascensão como fazenda de abastecimento do Colégio de São Tiago, sede dos jesuítas no estado. Atualmente essa edificação é sede do governo do Estado, recebendo o nome de Palácio Anchieta, localizado no Centro da capital Vitória.

A Fazenda Araçatiba foi fundada no século XVII, com uma vasta propriedade, produtiva e escravista.

Foi fundada pelo padre Rafael Machado que ali promoveu a construção de um grande engenho e residência, ajudado por Jorge Fraga, abastado fazendeiro do lugar. Quando Jorge Fraga morreu em 1721, deixou umas das fazendas para o Colégio de Vitória, em forma de capela mediante o compromisso, por parte dos jesuítas de uma missa anual na festa do Santo Inácio. [...] Em 1719, o padre Rafael Machado foi substituído como provincial da Companhia do Espírito Santo, mas deixara tudo organizado e dirimidas as questões até então existentes com os vizinhos.

Não foi fácil aos padres inacianos valorizarem as terras de Araçatiba, até tornarem-na a maior fazenda da costa brasileira, com cerca de 850 serviçais no seu trabalho, entre negros, escravos e índios [...] (BALESTRERO, 2012, p. 89)

A respeito dessa desvalorização das terras, um dos motivos está relacionado às características de terras alagadiças e pantaneiras de Araçatiba (CIRILLO, 2017, p. 44). Portanto, os jesuítas fizeram modificações para se adaptar neste espaço e trabalhar com o abastecimento do colégio, criando o Canal Marinho, que percorria as vias fluviais do Rio Jucu e Rio Marinho, para desembocar na Baía de Vitória, próximo ao Colégio de São Tiago.

Sobre a Fazenda de Araçatiba, observamos as descrições de Balestrero sobre o Canal e os bens da fazenda de Araçatiba.

Não foi fácil os padres inacianos valorizarem as terras de Araçatiba, até tornarem-na a maior fazenda da costa brasileira, com cerca de 850 serviçais no seu trabalho, entre negros, escravos e índios. Para conseguirem, tiveram que sanear os grandes pantanais então existentes, inclusive abrir um longo canal de 12 quilômetros de extensão, ligando ao rio Jucu a Vitória, a fim de encurtar o longo itinerário do rio pela Barra do Jucu. Este canal aberto em 1740, foi o primeiro construído no país.

Produzindo açúcar em larga escala, com extensas plantações de cana, que abrangiam toda baixada, foi sequestrada em 1760, com todo acervo e objetos de arte religiosa, que desapareceram totalmente.

Além do trabalho agrícola, apresentava outras especialidades que a tornaram a mais falada de toda a região. Estava dividida em quatro fazendas de gado e currais, além de sete datas de terras, estendendo-se até a Barra do Jucu e Ponta da Fruta, no município de Vila Velha; Campo Grande no município de Cariacica, medindo quase dois mil alqueires de terras, no território hoje pertencentes a Viana, onde estava localizada a sede, com igreja, residências e senzalas. (BALESTRERO, 2012, p. 90).

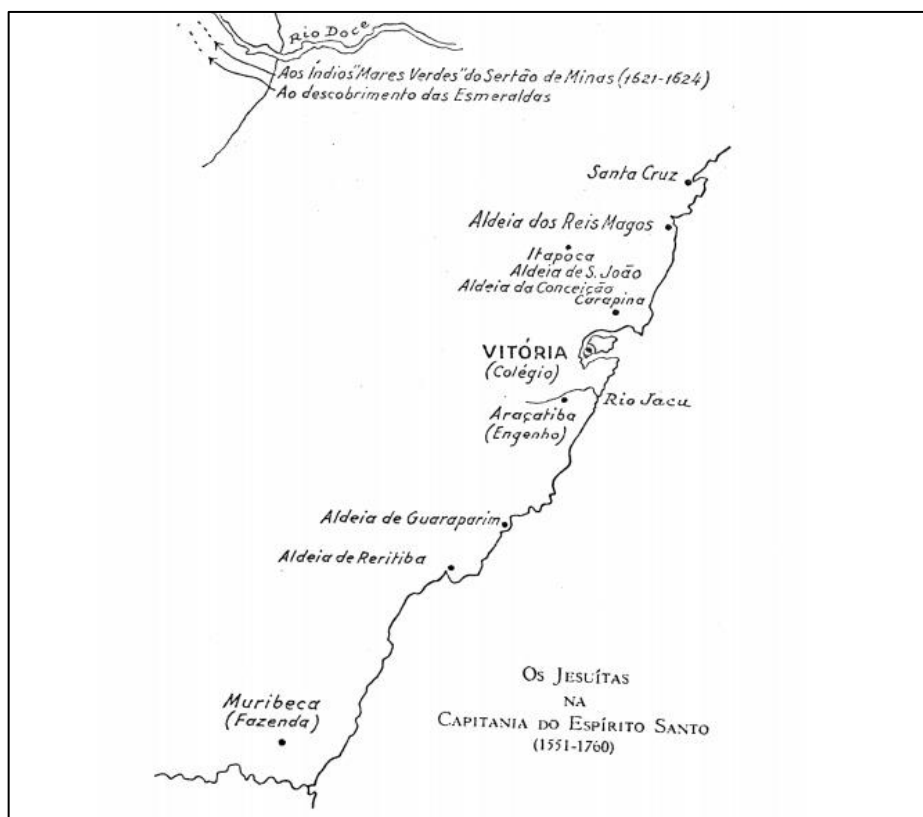
Diante de tais afirmações sobre a fazenda e a importância do Canal Marinho como construção jesuítica, Bispo Lacerda também menciona em seus diários pastorais (1880-1886) sobre a abertura ou a melhora do canal em Araçatiba e a sua função.

Os Jesuítas tinham uma pequena residência aqui perto, mas não na Vila, porém sim na chamada ainda hoje de Aldeia Velha. Mais longe estava a famosa fazenda de Araçatiba perto do Rio Jucu, de onde se podia ir de Vitória pelo Jucu- pelo chamado canal ou rio do Marinho, que dizem ter sido aberto ou melhorado pelos Padres Jesuítas. (LACERDA, 1830-1890, p. 313)

Sobre esse caminho e a produção escoada por tal canal, Leite (apud CONDE, 2011, p. 83) também faz afirmações sobre a produção agrícola da fazenda de Araçatiba, detalhando o tipo de produtos durante a administração dos jesuítas, mantendo uma evidente produção de açúcar, melado, cereais, aguardente e mel.

Para compreendermos toda a localização da antiga fazenda no período do domínio jesuítico, observamos no mapa a seguir a localização dos jesuítas na Capitania de Vitória entre 1551-1760, apontando a fazenda de Araçatiba e sua descrição do engenho nessas terras, e o corte fluvial do Rio Jacu, que se compreende com o nome de Rio Jucú, e perpassa entre as terras da região de Vitória e Araçatiba.

Figura 1 – Pontos de fixação dos jesuítas no ES



Fonte: José Antônio de Carvalho – Os Jesuítas na capitania do Espírito Santo (1551-1760)³³

Segundo Marques (apud CONDE, 2011, p. 83) , esse território ocupa três municípios do estado, como: Viana, Cariacica e Vila Velha, sendo uma propriedade próxima à capital, distante aproximadamente a dez léguas³⁴ de Vitória, com um vasto latifúndio.

Sobre o mapa, é possível observar a descrição de localidades demarcadas pelos jesuítas no Espírito Santo, sabendo-se que dominaram a província nos fatores católicos/religiosos e socioeconômicos, construindo patrimônios financeiros e cultural nessas terras.

³³ Mapa do Espírito Santo mostrando os pontos de fixação dos jesuítas na capitania em meados do século XVIII. Ilustração de Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, (Lisboa - Rio de Janeiro, 1938-1950), vol. VI, entre as páginas. 152 e 153. Observa-se que a Aldeia da Conceição aparece no mapa, embora apareçam também os locais: Santa cruz e aldeia dos Reis Magos; Itapoca, Araçatiba e Muribeca eram fazendas. De acordo com o autor, o rio é Jucu e não Jacu, como aparece no mapa. (CARVALHO, 2019, p. 160).

³⁴ A conversão de léguas em quilômetros equivale o valor de 1 légua multiplicado por 4,2, que chegaríamos a 42 quilômetros de Araçatiba a Vitória, mas compreende-se que atualmente Araçatiba está a 30 quilômetros da capital, e fazendo a conversão de quilômetros 30km, multiplicado por 0,238095, e transformando em léguas, teremos o equivalente a 7,14285714285 léguas, que se aproxima de 10 léguas.

a) construções jesuíticas, igrejas, edifícios residências, instalações para suporte das atividades agrícolas, sistema portuário próprio, abertura de canais, poços, fontes de cacimba e respectivas localizações como parte da rede mantenedora do projeto missionário da capitania, suas conexões e outros espaços geográficos, criação de aliados políticos e sustentação teológica numa Ordem religiosa que tem a pobreza como um de seus votos. (CUNHA; RIBEIRO, 2018, p. 58).

No ano de 1759, os jesuítas foram expulsos das terras brasileiras. Conforme Manso e Cunha (2018, p. 65), do solo capixaba foram expulsos no ano de 1760, saindo embarcados do porto de Vitória. De acordo com as autoras, os jesuítas passaram de uma Ordem glorificada, sendo o pilar da colonização portuguesa no Brasil, para uma Ordem nociva às conveniências da Coroa portuguesa na América, em Portugal e demais territórios ultramarinos (RIBEIRO, 2018, p. 65).

Após a expulsão dos jesuítas, segundo Balestrero (2012, p. 60), o governo confiscou os bens inacianos por simples decreto, jogando fora tantos esforços, vigílias e mortificações causadas pelos jesuítas, contestando as diligências nessas terras e citando como injustiças os meios com os quais foram adquiridas as propriedades. E até mesmo insultando e alegando que esses bens foram conquistados por meio de gozadores palacianos que não mostraram nenhum benefício para a agricultura no estado, chamando-os de “autênticos serviçais do governo”.

Dentre esses, foi citado o nome do coronel Bernardino Falcão de Gouveia, o senhor que tomou posse como proprietário das terras da fazenda de Araçatiba; e, após sua morte, seu filho Sebastião Vieira Machado se tornou o herdeiro dessas terras, marcando o início do legado da família Vieira Machado em Araçatiba.

2.2 OS CORONÉIS DE ARAÇATIBA

Como citado anteriormente, as propriedades dos jesuítas foram arrematadas e, após vinte anos de expulsão da Ordem no Espírito Santo, foi deliberado no ano de 1780 o inventário dos seus bens, entre esses, os da fazenda de Araçatiba e de todos os outros pertencentes aos inacianos que houvesse na capitania, sendo os bens da

fazenda de Araçatiba, finalmente, avaliados com a certidão em 09 de julho de 1781 para a Junta da Real Fazenda³⁵.

As terras da antiga fazenda de Araçatiba foram divididas em datas de terras³⁶, configurando-se uma em posse da família Vieira Machado, que integra a fazenda de Araçatiba.

Araçatiba, onde é o casco da fazenda, e faz pião o morro também chamado Araçatiba, que para os quatro rumos do dito morro tem meia légua; confina com terras das Palmeiras, Jucu, Una, Camboapina e Cachoeira; vista e avaliada em 1:400\$0000; e o benefício da fazenda em 1:000\$000. (DAEMON, 1834-1893, p. 646).

Diante desse contexto de novos proprietários da fazenda, segundo Vertelo (2017), não se pode datar quando Bernardino Falcão de Gouveia deixou as posses dessas terras para a administração do seu filho, coronel Sebastião Vieira Machado, mas nos relatos do Príncipe Maximilian (1940, p.141-144), em sua obra “Viagem ao Brasil”, descreveu a sua visita em 1815 nas terras de Araçatiba, citando o coronel Falcão como proprietário da fazenda de Araçatiba e da casa de veraneio, na Barra do Jucu, município de Vila Velha.

Sobre a visita do príncipe na fazenda de Araçatiba, o naturalista viajante alemão mencionou a propriedade como a maior fazenda que conheceu no litoral brasileiro, sendo possível observar os detalhes pela descrição dos lugares por onde sua comitiva passou para adentrar na fazenda, desde a Barra do Jucu, no século XIX.

[...] Dessa magestosa penumbra passámos pelo inesperadamente para um trecho de escampo, e tivemos a grata surpresa, de súbito, descortinámos o grande edifício branco da fazenda de Araçatiba, com as suas duas torres pequenas, situada numa linda planura verde, ao pé do altaneiro morro de Araçatiba, montanha rochosa coberta de mata. Essa propriedade tem quatrocentos escravos negros, e plantações muito extensas nas cercanias, especialmente de açúcar. [...] Araçatiba foi a maior “fazenda” que encontrei durante a minha viagem: o edifício possui extensa fachada de dois pavimentos, e uma igreja; as choças dos negros, junto com engenho de açúcar e a casa de trabalho, ficam ao pé da colina, perto da residência. (MAXIMILLIAN, 1940, p. 143).

³⁵ Avaliação de todos os bens da fazenda de Araçatiba sobre administração da Ordem de Jesus. Descrito no documento de arrematação da fazenda na nota 288 [Nery, cartas pastoral, p.83]. (DAEMON, 1834-1893, p. 237).

³⁶ Segundo Basílio Daemon (Apud IHGB, lata, doc. 5, 19, n.14,1834-1893, p. 591), “Autêntico da arrematação da fazenda de Araçatiba e diversas terras pertencentes ao capitão Manoel Bento da Rocha e tenente-coronel Manoel Fernandes Vieira que arremataram as ditas terras, que pertenceram os jesuítas, perante a Junta da Fazenda no Rio de Janeiro em 30 de maio de 1780, e que mais tarde foram em partilhas divididas.

A edificação é a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Então, para compreendermos um pouco das narrativas do príncipe sobre essa Igreja e seu morro, destaco a imagem da fazenda no início do século XX.

Vale ressaltar que não se trata do mesmo período histórico, mas serve como uma referência imagética para os descritos do viajante.

Fotografia 17 – Morro da capela, 1907-1908



. Fonte: Fotografia de Eutychio d'Oliver. Fundo documental do IPHAN/ES, coleção Eutychio d'Oliver.

A Fazenda de Araçatiba no interior do município de Viana sofreu poucas modificações entre os séculos XIX e XX; sendo assim, há possibilidade de a referência do Príncipe Maximilian condizer com as características descritas da paisagem da colina na comunidade de Araçatiba no ano de 1910, como: as choças dos negros e a casa de trabalho ao pé da colina, que possivelmente é a paisagem da colina observada na Fotografia 17, com uma casa de pau a pique, casa com telhado de palha e os gados de trabalho.

Vale considerar que essas transformações na paisagem na comunidade e nesta propriedade será apresentada mais adiante nesta dissertação, mas evidenciamos

que a imagem arquitetônica da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda no alto da colina é a que mais chama atenção há anos nessas terras.

2.3 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA

Desde a materialidade construída pelos jesuítas até a posse dos coronéis, o patrimônio cultural edificado da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda é apontado como referência e vislumbre nessas terras de Araçatiba.

A antiga igreja jesuíta era provavelmente dedicada a Santo Inácio, padroeiro da ordem. Porém, após a venda e com a primeira reforma realizada por Sebastião Vieira Machado, a igreja de Araçatiba recebe a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, que, segundo histórias orais da própria comunidade, foi traga de Portugal por Sebastião após a reforma em 1849-entretanto, vale ressaltar que o espólio dos jesuítas constam duas imagens da Santa, sem referências se alguma delas é a que hoje está no altar, ou se esta trata-se, realmente, de uma terceira imagem. Com a entronização da Santa essa igreja, agora de propriedade particular, passa ser cenário para celebrações religiosas, missas, festas de casamento e outros eventos litúrgicos e culturais realizados na devoção a Nossa Senhora da Ajuda, transformando-a um ponto referencial de cultura e tradição da fazenda e, posteriormente, da comunidade de Araçatiba. (CIRILLO, 2017, p. 59).

Imagem 2 – Desenho da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 1940-1960



Fonte: A Gazeta, desenho de André Carlone, Museu Solar Monjardim³⁷.

³⁷ Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/colunas/leonel-ximenes/desenhos-historicos-do-estado-sao-digitalizados-0218>. Acessado em: 15 dez. 2020.

Como apresentada na Fotografia 17 e na Imagem 3, observamos a completa edificação da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda em Araçatiba no século XX, representada no desenho de André Carloni³⁸.

Consoante ao já apresentado nesta pesquisa, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda é uma construção jesuítica situada no morro central da comunidade de Araçatiba. De acordo com Cirillo (2017, p. 55), sua edificação é datada do século XVIII, que continha um conjunto de edifícios coloniais presentes nessas terras da antiga Fazenda Araçatiba, sendo eles: igreja, residência dos jesuítas, engenhos, senzalas e oficinas.

Segundo nos conta o padre Serafim Leite em seu estudo sobre a Companhia de Jesus no Brasil, a fazenda de Araçatiba, da qual a igreja de Nossa Senhora da Ajuda é o seu único remanescente, estava inicialmente constituída pelos edifícios correspondentes ao engenho e à residência. Existentes em 1716, eles foram erguidos pelo padre Rafael Machado em muito ajudado pelo morador e benfeitor Jorge Fraga. (ESPÍRITO SANTO, SECULT-ES, 2009, p. 345)

A edificação é um bem tombado e registrado como patrimônio material do estado do Espírito Santo, fazendo parte do conjunto de arquiteturas jesuíticas³⁹ no estado. Portanto, de acordo com IPHAN/ES, a edificação teve início no século XVIII, tendo uma grande reforma no ano de 1849, com o seu Tombamento em 20 de março de 1950, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Inscrições no Livro do Tombo Histórico e no Livro das Belas Artes⁴⁰, juntamente com todo o seu acervo.

Da fazenda apenas a igreja dedicada a Nossa Senhora da Ajuda e ruínas da residência resistiram à ação do tempo e ao abandono. A residência, como nas demais erguidas no padrão jesuítico no Espírito Santo, tinha dois andares e correspondia ao “quarto” da fachada, já que em Viana a quadra

³⁸ De acordo com IPHAN, André Carloni foi nomeado Encarregado do SPHAN em 1939 por Rodrigo Melo e representante geral do SPHAN em 1943. Assumiu a responsabilidade pela preservação e restauração de monumentos históricos em 1965. Nascido em Bolonha, Itália, em 1883, e chegando ao ES 19???. Aos 25 anos, destacou-se envolvido em vários empreendimentos do governo de Jerônimo Monteiro. Foi autor e construtor de projetos como o Teatro Carlos Gomes, em Vitória no ano de 1925; restaurador de grandes ícones do patrimônio religioso do Estado, como o Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, e a capela Santa Luzia, em Vitória. Além das Igrejas jesuítas de Nossa Senhora da Assunção e residência em Anchieta, e Igreja dos Reis Magos e residência, em Serra. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1080>. Acesso em: 15 dez. 2020.

³⁹ Para melhor compreensão sobre a arquitetura jesuítica no ES, acessar a obra de José Antônio de Carvalho (2019), “Colégios e as Residências dos jesuítas no Espírito Santo”.

⁴⁰ Livro do Tombo Histórico sob o nº 267, folha 46 e no Livro do Tombo das Belas Artes sob o nº 353, folha 72 (IPHAN/ES). Acessar informações sobre Arquitetura: Patrimônio Cultural do ES. Disponível em: [https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-143-6454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20\(1\).pdf](https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-143-6454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20(1).pdf)

jesuítica não foi erguida por completo. Abandonada, no século XIX o espaço correspondente à residência foi transformado em cemitério público. (ESPÍRITO SANTO, SECULT-ES, 2009, p. 346)

No que se refere ao estado de conservação desse patrimônio material na atualidade, são apresentadas as ruínas da parte da residência desta edificação.

Fotografia 18 – Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2020



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa.

Sobre o estado de conservação da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, podemos observar na Fotografia 18 as ruínas ao lado da Igreja e a necessidade de medidas de preservação do patrimônio cultural no ano de 2020.

Diante dos vestígios da parte da residência jesuítica, que são as ruínas do lado direito, uma situação nos chamou atenção nesta fotografia: a presença de uma estrutura de ferro do ponto de ônibus caída sobre essa parte da edificação que já está deteriorada. Portanto, com o registro do fato, foi possível acionar o IPHAN/ES para tomar as devidas providências.

À espera de uma restauração, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda segue em funcionamento com celebrações e missas em Araçatiba, mas chamamos atenção para a necessidade de restauro desta edificação que compõe o patrimônio cultural de Araçatiba.

Fotografia 19 – Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, lado direito da edificação, esquerdo e fundo, 2021



Fonte: Fotografia de Karolline de Oliveira Lourenço, acervo da pesquisa.

Podemos citar como a única reforma comprovada no século XIX a realizada sob a administração do coronel Sebastião Vieira Machado, deixando a sua marca no frontão da fachada da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

Sobre essa relação do Sebastião Vieira Machado e a igreja, cito sua reforma como um fato reconhecido na comunidade como uma “benfeitoria”. De acordo com Cirillo

(2017, p. 56-57), no ano de 1849, o coronel providenciou uma grande reforma na estrutura da fachada da capela, deixando como marca a sigla SVM, que, para a comunidade, são as iniciais do seu nome, juntamente com o ano da reforma, para que fossem retomadas as atividades religiosas e culturais na capela (CIRILLO, 2017, p.56-57).

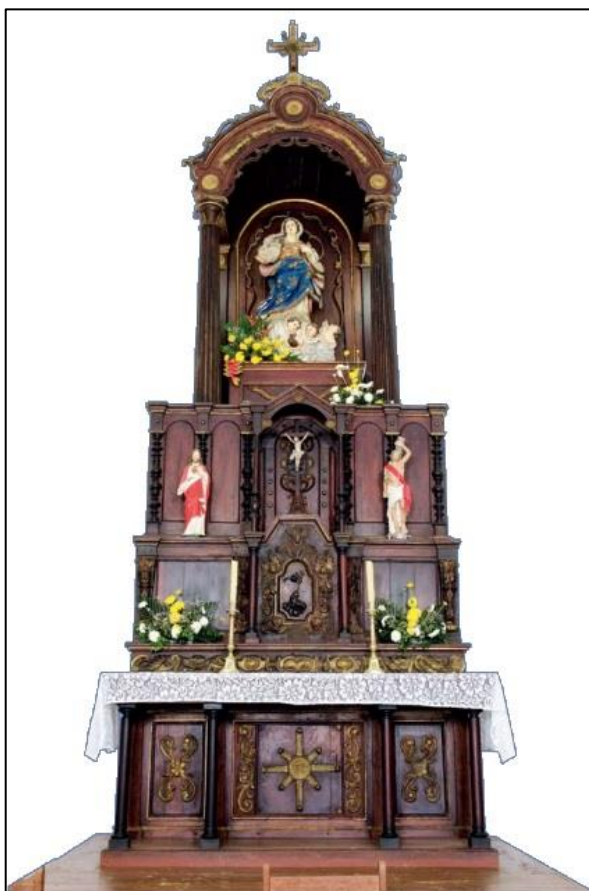
Fotografia 20 – Frontão da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2021



Fonte: Fotografia de Bruna Wandekoken, acervo da pesquisa.

Adiante segue a imagem do altar da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, preservado com a imagem da Santa padroeira de Araçatiba.

Fotografia 21 – Altar da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, ano desconhecido



Fonte: Acervo digital do IPHAN, autor desconhecido, acessado 30/01/2021.

Sobre o coronel, observou-se as narrativas sobre um “senhor bom” e católico. Para melhor explicação sobre essas memórias, buscou-se analisar a partir da oralidade da atual matriarca da comunidade de Araçatiba.

[...] Então, o (inaudível)... quando ele veio trazendo os escravos já foi ensinando rezarem o terço a devoção a Nossa Senhora, quando eu era criança aqui ainda tinha uma escrava chamava-se Anastácia Romana da Vitória? ...É..... Então ela falava que o coronel era muito bom pra eles, basta que Araçatiba não tinha tronco, eles tinham aquele serviço grosseiro, maltratados e tudo, mas apanhar no tronco não tinha, o coronel não gostava de maltratar deles no tronco não! (Entrevista concedida a Marcos Aurélio Vertelo, Bruna Wandekoken e Karolline de Oliveira, 2016, Projeto de Educação Patrimonial da Secult)

Diante da entrevista, compreende-se que em Araçatiba, por não existir açoites e tronco nesta parte da fazenda, criou-se a memória do coronel Sebastião Vieira Machado como “senhor bom” na comunidade.

Sobre o contexto ligado a Sebastião Vieira Machado como “bom senhor” de escravizados, de acordo com Versiani (2007), existe uma explicação para essa referência do “senhor bom” no Brasil, criada a partir da ideia estabelecida de uma escravidão branda, tendo como contexto relatos dos viajantes colocando os portugueses como melhores senhores de escravos. Neste mesmo estudo, o autor cita o viajante Saint-Hilaire.

No estado atual das coisas, devemos, para ser justos, fazer concessões aos partidários da escravidão. O negro que cai nas mãos de um senhor bom e sinceramente cristão é, devemos confessá-lo, mais feliz do que a maioria dos camponeses de certas províncias da França; trabalha muito menos; não tem as mesmas inquietações; a fome e a miséria não o ameaçam constantemente; vivendo num clima quente, tem poucas necessidades, e aquilo de que carece o senhor lhe dá (...). (SAINT-HILAIRE apud VERSIANI 2007, p.165)

A partir das afirmações dos viajantes e dos estudos de Versiani (2007), compreende-se que havia um contexto social do século XIX que estabeleceu a memória de “senhor bom” associado a partir dos viajantes que comparavam a escravidão do Brasil com outros países, criando assim essa imagem boa dos perversos senhores de escravizados, enraizada no cristianismo e na classe dominante. Sendo assim, podemos afirmar que, para Sebastião Vieira Machado em Araçatiba, estabeleceu-se uma estratégia de organização dos senhores de escravos com apoio da igreja.

O senhor, que precisava se fazer compreender para dar ordem e organizar os trabalhos e os dias do escravo, desejava também que ele compreendesse os rudimentos da religião católica para ensinar-lhe a rezar. A sociedade escravista contava com o apoio da igreja para ensinar os escravos as virtudes da paciência e da submissão, a resignação e na obediência à ordem estabelecida. O catolicismo brasileiro, autoritário, era uma religião de obrigações formalistas em que o patriarca chefe religioso. Na fazenda, quando era permanente, o padre capelão estava subordinado ao senhor, afastando-se de seu prelado. (MATTOSO, 2016, p.140)

No entanto, a marca do coronel Sebastião Vieira Machado é uma marca histórica da única reforma da igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Não podemos afirmar quais os motivos foram levantados para a realização da reforma na edificação da capela de Araçatiba durante a administração de Sebastião Vieira Machado. Mas acreditamos ser pertinente citar que, no mesmo período da reforma, aconteceu um fato importante no Espírito Santo: as revoltas de escravizados em busca da liberdade a partir de ideias abolicionistas.

Podemos supor que a intrigante execução da reforma por Sebastião Vieira Machado no mesmo ano de uma revolta de Queimados, no município da Serra, pode ter sido um mecanismo de aprisionamento por meio da fé, fortalecendo sua imagem de senhor bom perante a Igreja e aos escravizados, e mantendo a devoção desses por Nossa Senhora da Ajuda.

Mas possivelmente o coronel manteve um meio de observação e monitoramento de seus escravizados, já que as ideias de revoltas se expandiam além do município da Serra, chegando em várias fazendas e lugares de Vitória.

De acordo com a dissertação de Lavínia Coutinho Cardoso (2008), os escravizados da região de Queimados buscavam sua alforria e criaram meios para organização de uma revolta, mantendo comunicação e articulação entre eles. A proposta era uma possível negociação com frei José Maria de Bene, para conseguirem suas alforrias por meio do trabalho árduo da construção da Igreja de Queimados. Destaco este fato, pois vários escravizados de outras regiões estavam participando deste trabalho em busca da alforria, entre esses, escravizados do município de Viana.

Em várias fazendas pequenas reuniões celebraram-se às ocultas, e os cabeças arrebanhavam prosélitos com paciente persistência (...). Da Serra, de Itaoca, de Viana, em suma, de todos os centros onde transpiravam as deliberações tomadas em conciliábulos, afluía m adeptos à causa (CARDOSO, apud ROSA, 2008, p. 84).

Não podemos afirmar que entre os que se reuniram havia escravizados da fazenda de Araçatiba, mas os estímulos de liberdade pairavam entre os lugares, conforme os movimentos da revolta de Queimados, o que pode ter impulsionado a reforma da igreja de Nossa Senhora da Ajuda em 1849, sob administração de Sebastião Vieira Machado, como forma de fortalecimento político junto à Igreja.

Outro importante fato que a comunidade de Araçatiba guarda sobre o coronel está relacionado ao seu quantitativo de herdeiros e suas relações de servidão, que Balestrero (2012, p. 60) mencionou e descreveu afirmando que Sebastião Vieira machado teve mais de trinta filhos bastardos com escravizadas. Mas Vertelo (2017) descreve que foram oito herdeiros.

Segundo o inventário post-mortem do coronel Sebastião Vieira Machado aberto em 1856, o Montante Mor de seus bens era de 185:556\$258 réis, entre bens imóveis, bens rurais e escravos. Este patrimônio foi dividido entre seus oito filhos: Izabel Vieira de Gouvêa, Amelia Vieira de Gouvêa, Clara Vieira de Gouvêa, Marcellino Vieira de Gouvêa Machado, Guilhermina

Vieira de Gouvêa, Miquelina Vieira de Gouvêa, João Ignacio Vieira Machado e Manoel Vieira Machado Guimarães. (VERTELO, 2017, p. 31)

Sobre a afirmação de Balestrero (2012) e Vertelo (2017), os herdeiros do coronel foram frutos da relação de servidão das mulheres escravizadas, já que ele permaneceu solteiro até o final de sua vida.

Além das marcas do ano da reforma promovida por Sebastião Vieira Machado no frontão da Igreja, que atravessa o tempo nessa localidade, outra datação está explícita também nessa edificação. Com seu falecimento no ano de 1856, com mais de sessenta anos de idade, o coronel foi sepultado no piso do altar da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, deixando mais uma marca de sua vida no lugar⁴¹.

De acordo com Merlo (apud VERTELO, 2017, p. 37), no ano da morte do coronel, a escravidão de Araçatiba contava com cerca de 346 cativos e, após seu falecimento, seus herdeiros se tornaram proprietário de seus bens. Depois de entraves entre os herdeiros pelas terras de Araçatiba, no ano de 1894, aconteceu a doação das terras para a Santa Nossa Senhora da Ajuda por meio dos descendentes de Sebastião Vieira Machado.

2.4 NOSSA SENHORA DA AJUDA É PADROEIRA DO LUGAR...OH LOUVAI SÃO BENEDITO ...OH LOUVEI...OH LOUVAI

Araçatiba é “terra da Santa”. Para compreendermos o conceito de “terra de santo”, usamos textos de Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008), que analisa essa definição, na qual se enquadra a comunidade de Araçatiba e a prática cultural que circunda a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e suas terras. Além, é claro, da utilização de entrevistas com detentores da memória desta comunidade para apresentação da composição de um território quilombola e dos moradores na atualidade.

A doação das terras de Araçatiba para a Santa padroeira envolve outras questões além da devoção neste território, pois foi um mecanismo utilizado para a posse das terras e uma herança devocional para a comunidade de Araçatiba.

⁴¹ A morte de Sebastião Vieira Machado está nas referências de Cirillo (2017, p. 53) e Vertelo (2017, p. 31), não sendo especificada a causa da morte do coronel.

A partir desse ponto, a pesquisa apresenta a configuração da comunidade de Araçatiba e o grupo pertencente ao Morro da Capela; abordando a questão da relação devocional entre a santa padroeira e a devoção a São Benedito por meio da Banda de Congo Mãe Petronilha.

Na ocorrência dos fatos das partilhas das terras entre os herdeiros, foi possível observar uma característica das terras de Araçatiba no final do século XIX, compreendendo como se organizou a memória e as identidades desta comunidade. Após a morte do coronel Sebastião Vieira Machado, surgiram mais herdeiros até a doação das terras em 1894. Em meio ao quantitativo de herdeiros nessas terras ocorreram conflitos de posses, entre os filhos do coronel, netos, genro e herdeiros ligados a família Vieira Machado.

Isidro era casado com uma das filhas do coronel Sebastião Vieira Machado, a senhora Izabel Vieira Isidro de Gouvêa. Os senhores João Ignacio, Dona Guilhermina e Dona Miquelina, filhos do coronel Machado, figuravam como os ascendentes dos 44 herdeiros descritos pelo senhor Pinto Neves. Essas 44 pessoas passaram a responder pela herança após a morte de seus pais, como descrito acima; e juntos compunham três sétimas partes das terras da fazenda Araçatiba. As outras três estavam divididas entre três filhas do coronel Sebastião Vieira Machado: Izabel Vieira, esposa de Isidro; Dona Amélia Vieira de Gouvêa e Dona Clara Vieira de Gouvêa; e por fim, uma parte pertencia à Dona Domiciana Rodrigues da Trindade, que segundo o *Jornal O Espírito Santense*, era mãe de Marcellino Vieira de Gouvêa Machado, filho do coronel Sebastião, e havia falecido, deixando a sua parte na herança para Dona Domiciana (*Jornal O Espírito Santense*, 15/05/1886). conforme registrado. (VERTELO, 2017, p. 59).

Como se observa, o coronel Sebastião Vieira Machado teve vários herdeiros partilhando um grande quantitativo de bens de sete “datas de terras”⁴² de Araçatiba.

Diante desse contexto de heranças para seus descendentes, surgiram conflitos registrados na imprensa entre o coronel Isidro (herdeiro e proprietário de três datas de terras), os herdeiros de Dona Domiciana (herdeira proprietária de uma data de terra) e os “herdeiros das terras comuns” (44 herdeiros responsáveis por três datas de terras), nas partilhas dos quinhões de terras de Araçatiba, até doação das terras do Morro da Capela de Nossa Senhora da Ajuda por meio dos “herdeiros das terras comuns” para a Santa, como citado na pesquisa de Vertelo (2017). Portanto, a

⁴² O termo de datas de terra se refere a uma pequena porção de terras e também sinônimo de sesmarias. Disponível em: <https://edittip.net/2014/02/02/datas-de-terras/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

doação para a santa Nossa Senhora da Ajuda ocorreu em 21 de abril de 1894, tornando-se propriedade da Igreja Católica.

Após a doação desse território, este recebe a característica no final do século XIX de terras da santa.

A noção corrente de terra comum é acionada como elemento de identidade indissociável do território ocupado e das regras de apropriação, que bem evidenciam, através de denominações específicas, a heterogeneidade das situações a que se acham referidas, a saber: “terras de preto”, “terras de santo”, “terras de Irmandade”, “terras de parentes”, “terras de ausente”, “terras de herança” (e/ou “terras de herdeiros”) e “patrimônio”. (ALMEIDA, 2008, p. 146)

Diante desse contexto, enraizaram-se na memória da atual comunidade de Araçatiba, principalmente pelos moradores do morro da capela e integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, as relações de pertencimento com o território, devoção a santa e seu patrimônio cultural, que é reverberada a partir da memória e da história oral.

Em entrevista concedida por Emiliana Coutinho da Silva, a interlocutora aborda as suas memórias referentes ao episódio ocorrido nas terras de Araçatiba, desde os herdeiros de Sebastião e as terras da santa Nossa Senhora da Ajuda.

Porque... quando...quando Sebastião Vieira Machado morreu ficou a Miquelina que é espos...é... filha dele, a...a... a... esqueci agora! Miquelina Vieira Machado. Ela dividiu a heranças com os...os...os herdeiros, o Sebastião Vieira Machado tinha muitos filhos, então a fazenda era enorme, quem ficou com terreno aqui perto da colina de Nossa Senhora da Ajuda, deu uma parte para Nossa Senhora da Ajuda, com medo que os fazendeiros comprassem, eles iam derrubar a igreja e correr com o pessoal e o sonho deles eram preservar a igreja, por que foi ele quem trouxe Nossa Senhora da Ajuda de Lisboa pra cá, por isso que é terra da Santa, nós moramos aqui, e ninguém tem...ninguém pode nos colocar pra fora, porque nós... esse documento foi passado no cartório, no primeiro cartório de Vitória. Então nem prefeitura, nem ninguém tem força com a gente não! Nós moramos aqui até morrer! (Entrevista concedida a Marcos Aurélio Vertelo, Bruna Wandekoken e Karolline de Oliveira, 2016, Projeto de Educação Patrimonial da Secult)

Diante do relato concedido e da relação das brigas por posse dessas terras, notou-se uma disputa pelo morro da capela, lugar esse que havia estabelecido um núcleo do uso comum entre os herdeiros, permanecendo depois da doação.

Não podemos afirmar que havia naquele momento um propósito devocional, mas tudo indica que, tanto a historiografia como na história oral, houve um mecanismo para continuação daquele núcleo de residentes existentes na comunidade, longe da

tutela dos fazendeiros, preservando o patrimônio cultural de Araçatiba. Portanto, a partir desse contexto de doação das terras para a santa padroeira, a comunidade de Araçatiba pode ser caracterizada como “Terra de Santa”.

Para compreensão dessa característica que abordamos na comunidade de Araçatiba, destacamos os estudos de Almeida (2008, p. 149-154) sobre terras tradicionais brasileiras com características de Terras de Santo. Para o autor, várias terras no Brasil possuem essa característica, como as terras que pertenceram à Igreja Católica e às Ordens no século XIX em grandes fazendas de algodão, que foram abandonadas e entregues aos antigos moradores, como aos escravizados e indígenas, que se fundamentavam em uso de terras comuns entre esses.

No caso de Araçatiba, podemos salientar que não foi no contexto de terras devolutas que pertenceram à antiga fazenda jesuítica, mas sim uma partilha, no final do século XIX, entre herdeiros do antigo senhor da Fazenda, que continha grande contingente de escravizados para sua produção agrícola.

[...] Aliás, neste particular, não diferem das chamadas “terras de preto”, que tem como designação secundária a apoiá-las denominações de entidades religiosas, tais como: São Roque, Santo Antônio dos Pretos, São Cristóvão, São Domingos, Bom Jesus, São Miguel etc. Nas chamadas “terras de santo”, entretanto, as formas de uso comum coexistem, ao nível da imaginação dos moradores, com uma legitimação jurídica de fato destes domínios, onde o santo aparece representado como proprietário legítimo, a despeito das formalidades legais requeridas pelo código da sociedade nacional. Sobressaem nestas unidades sociais os denominados “encarregados” ou lideranças do grupo que teriam basicamente funções vinculadas ao ciclo de festas e ao cerimonial religioso. (ALMEIDA, 2008, p. 149)

Sendo assim, as terras da santa de Araçatiba são de propriedade da Igreja Católica, sob a guarda do documento de doação na Arquidiocese da capital Vitória, mas para os moradores a propriedade é da santa Nossa Senhora da Ajuda.

Portanto, a vivência dos moradores nesse território tem um significado carregado de pertencimento que envolve a tradição das famílias negras. Destaca-se que o grupo acompanhado nesta pesquisa é composto pelos integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, fiéis e praticantes dos rituais da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e do congo de São Benedito, que continuam mantendo as características de coletividade entre eles.

Mas, como afirma Emiliana Coutinho da Silva, apesar das posses dessas terras, nenhum órgão público pode retirar os moradores dessa comunidade. E além da questão que envolve o território, existe uma função de zelar pela preservação do patrimônio cultural. Segundo Almeida (2008, p.149), nas terras de santo existe os chamados encarregados, sendo essas lideranças dos grupos que exercem as funções religiosas com os rituais e festejos para os santos padroeiros dessas comunidades.

Diante desses apontamentos, apresentaremos Emiliana Coutinho da Silva, com essa função da tradicional liderança “encarregada” da terra de santa, bem como detentora das memórias e protetora do patrimônio cultural de Araçatiba.

2.5 AS MEMÓRIAS DE EMILIANA COUTINHO DA SILVA E ARAÇATIBA

A antigamente a gente fazia as grandes festas, hoje não, hoje é só uma missa e pronto! Mas antes as festas das famílias faziam uma novena, cada...cada dia começava no dia trinta de agosto, cada dia uma família fazia a novena, uma mais bonita que a outra, comprava muitos fogos, convidavam muitas pessoas, a igreja ficava cheia, no dia oito de setembro era a grande festa de Nossa Senhora da Ajuda. (SILVA, Emiliana Coutinho da entrevista concedida a Bruna Wandekoken, Karolline de Oliveira, Marcos Aurélio Vertelo, 2016, Projeto de Educação Patrimonial da Secult/ES)

Emiliana Coutinho da Silva, ou carinhosamente conhecida como Dona Nini, é uma mulher negra, mãe de três filhos, viúva e nascida em 30 de agosto de 1932. Atualmente, com todo o seu vigor, esboça sorrisos com os seus 89 anos de idade, e, como tanto gosta de expressar, “[...] é nascida e criada em Araçatiba⁴³ [...]”.

Importante mencionar que, durante a pesquisa nessa comunidade, observou-se pelos apontamentos dos moradores da região que Emiliana Coutinho da Silva é a principal narradora, e faz isso por meio da sua memória o vínculo do histórico do patrimônio cultural dessas terras, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e a Banda de Congo Mãe Petronilha.

⁴³ Essa afirmação do território de Araçatiba foi observada nas narrativas dos outros moradores antigos dessa região e integrantes da Banda. Em entrevistas para esta pesquisa, faço menção ao uso do termo pelos mestres Alício Machado, Ademir Gonçalves Gomes, José Fábio Coutinho e Carlos Gomes.

Outro fator que se destaca é que durante a pesquisa de campo se compreendeu que algumas famílias negras da comunidade tem Emiliana Coutinho da Silva com um grau de parentesco, mesmo não sendo sanguíneo. E assim, carinhosamente, ela é apresentada como avó, tia ou madrinha nas famílias, demonstrando uma relação de individualidade e proximidade afetiva da depoente com núcleo comunitário.

Importante analisar como Emiliana Coutinho da Silva narra/transmite as suas memórias individuais para um grupo na comunidade, e essas memórias são compartilhadas, podendo tornar-se memória coletiva, sendo narrativas comuns à habitação das terras de Nossa Senhora da Ajuda, à fé e à devoção a santa, à cultura do congo e à afirmação de comunidade quilombola, narrativas as quais abrangem a história do território, da devoção e da tradição.

Nem carregado de explicar o presente ou prever o futuro, nem estagnado sob o peso do passado, esse tempo da coletividade tem a função de criar uma duração própria na qual o grupo se reencontre semelhante a si próprio. Estabilidade necessária, singularidade exemplar na qual cada grupo inventa a sua própria história, possui uma memória que lhe pertence e difere fundamentalmente daquela do grupo vizinho. De fato, nas sociedades nas quais as formas de sociabilidades exaltam a diferença, esse tempo serve para pensar o outro. A memória coletiva aparece como um discurso de alteridade no qual a posse de uma história que não compartilha confere ao grupo sua identidade. (ZONABEND apud CANDAU, 2019, p. 50)

Portanto, por meio dessas memórias de Emiliana Coutinho da Silva é afirmada a história do território, da devoção à Nossa Senhora da Ajuda, da tradição do congo e da preservação do patrimônio cultural.

Fotografia 22 – Emiliana Coutinho da Silva na Festa de São Benedito, 2017



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa.

Em diversas localidades da região (comunidades em seu entorno), o nome de Emiliana Coutinho da Silva é citado como referência da história oral desse território. Portanto, as análises das memórias desta anfitriã não serão para contradizer ou mesmo criticar seus vereditos, mas sim para a compreensão dos fatos que envolvem o histórico-cultural herdado de sua função como contadora de histórias de Araçatiba e do seu núcleo de parentesco de apadrinhamento da família Vieira Machado.

Sobre essas memórias de Emiliana Coutinho da Silva está a história do coronel Sebastião Vieira Machado e da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Compreendemos que possivelmente a memória do coronel como “senhor bom” se faz presente em função de Emiliana ter sido apadrinhada ainda criança, pelos familiares de João Colombo Neves, da família do coronel.

Em entrevistas sobre o assunto de sua família sanguínea, Emiliana Coutinho da Silva relata a perda de seus pais ainda na infância, sendo que sua mãe pertenceu à região de Araçatiba e seu pai à capital de Vitória.

De acordo com Vertelo (2017, p. 98), o padrinho de Emiliana Coutinho da Silva era filho de Maria Vieira de Gouveia Neves, uma das herdeiras dos bens de Sebastião Vieira Machado, sendo assim criada pela família Vieira Machado.

Possivelmente, por causa desse envolvimento com os descendentes do coronel, recebeu esse aporte dos fatos, sendo a narradora sobre o coronel na comunidade, sendo uma memória herdada, que é, segundo Pollak (1992), expressada na oralidade desta em Araçatiba.

O mais comum em sua narrativa são memórias da infância, seu envolvimento com a Banda de Congo de Araçatiba e as lembranças de seu padrinho. Em entrevistas, relata com emoção que João Colombo Neves foi um homem bom, que permitia sua participação nos festejos do congo. Portanto, Emiliana Coutinho da Silva remete à sua infância, como tomada de sua consciência de identidade⁴⁴ nessa fase de sua vida: “[...] Pois é! A banda de congo quando eu era criança, desde sete anos eu danço na banda de congo, meu padrinho não importava não [...]”⁴⁵.

⁴⁵ Entrevista de Emiliana Coutinho da Silva, concedida à Karolline de Oliveira Lourenço no ano de 2016.

De acordo com Candau (2019, p. 62), o desenvolvimento da memória autobiográfica está associada à tomada de sua consciência de identidade, que está relacionada entre os 3 e 5 anos de idade, que de alguma forma é acompanhada da “amnésia de infância”, memória essa que é esquecida nas primeiras etapas da infância. Diante dessa análise, foi possível notar que as memórias de Emiliana Coutinho da Silva estão pontuadas após seus 7 anos de idade, pois em diferentes falas ela traz consigo esses momentos na idade de menina.

Sendo assim, a partir do trabalho de campo com entrevistas, transcrições e referências da comunidade de Araçatiba com Emiliana Coutinho da Silva, destaco a memória dessa interlocutora de acordo com Balandier (apud CANDAU, 2019, p. 44), como uma memória forte, profunda e compacta, encontrada nos pequenos grupos em comunidades, sendo uma memória organizadora deste grupo, que reverbera o pertencimento como herdeira das narrativas históricas e ancestrais de Araçatiba, e da importância da preservação do patrimônio cultural e a história dos negros em Araçatiba.

Sobre essa explanação do coronel, entre a memória de Emiliana Coutinho e a historiografia, ressaltamos a importância de retornar os entrelaces desta detentora com a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, pois, como já apresentado, a sua relação familiar com os Vieira Machado possibilitou o zelo desse bem edificado.

Emiliana Coutinho da Silva reside ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na parte mais alta da comunidade, residência que pertenceu ao seu padrinho. Importante ressaltar que, além dessa profunda memória e de sua organização, Emiliana Coutinho da Silva é a mulher que sempre esteve em diversos espaços comunitários e institucionais como: a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, Escola de Araçatiba, IPHAN/ES, Prefeitura Municipal de Viana, Banda de Congo Mãe Petronilha.

[...] Em 1967, ganhou uma bolsa de estudo do Governo Federal para estudar em Santa Teresa, cidade da região serrana, onde se instalou a Escola Agrotécnica, fundada na década de 1940. A entrevistada relata ainda que gostava muito de estudar ciências; adorava os trabalhos de campo que a proporcionavam estudar as plantas, a pocilga, o apiário. Nessa época, Nini dedicava-se exclusivamente aos estudos. Quando voltou à Araçatiba, Nini exerceu a função de alfabetizadora tanto do MOBREAL (Movimento as novas tecnologias os griots foram perdendo espaço[...]) revela sempre ter se orgulhado de ter alfabetizado pessoas que hoje estão com boas condições de vida. Dona Nini trabalhou durante muitos anos na Igreja

de Araçatiba como zeladora , detendo as chaves da igreja, que recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). De 1969 a 1990, como voluntária e de 1990 a 2002, e, posteriormente, como funcionária da prefeitura de Viana [...] (VERTELO, 2017, p. 99)

Dessa forma, as chaves da Igreja estiveram sob a responsabilidade da família de Dona Nini por mais de trinta anos, período em que ela trabalhou na preservação da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

Fotografia 23 – Chave da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2020



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa

Além da sua função e dedicação ao patrimônio edificado e religioso de Araçatiba, Emiliana Coutinho da Silva foi a última secretária da Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda em Araçatiba.

Em vários noticiários do estado sobre a conservação da Igreja, se fez presente a fala desta detentora, afirmando a importância desse bem material e denunciando seu estado de conservação na mídia e IPHAN/ES, dentre esses uma reportagem do jornal A Gazeta de 1984.

Por tradição, a família de Emiliana Coutinho da Silva faz o que pode para manter a igreja de pé e com o mínimo de conservação possível. Toda semana ela e seus filhos cuidam de lavar a igreja, mas só isto não é o suficiente. Dona Nini, como é conhecida da população, argumenta que nem sempre conta com o apoio dos outros moradores e muitos deles chegam a ser favorável a sua demolição. “Sei o duro que a minha família deu para manter essa igreja e sei o quanto ela é importante para a nossa história”, desabafou Dona Emiliana. (CORRÊA, Carminha; TRISTÃO, Rita. A gazeta nos bairros, A Gazeta, 1984, Araçatiba)

A partir dessa reportagem de Emiliana Coutinho da Silva no noticiário, observa-se a importância dessa mulher nas atividades de conservação da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, considerando assim uma tradição familiar. Entretanto, após esses anos de zelo com o patrimônio, a retirada da chave da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda de sua responsabilidade muito a entristeceu e marcou a ruptura dessa relação antiga de pertencimento da detentora e seus familiares com esse patrimônio cultural.

Compreendeu-se, diante da fala da entrevistada que o movimento católico carismático retirou as chaves da Igreja de seus cuidados, quebrando essa herança familiar, mencionada na reportagem do jornal A gazeta. Os cuidados da capela foram conduzidos até a atualidade por esse grupo.

Mesmo diante desse fato, a interlocutora permanece como frequentadora da Igreja e contadora das memórias dos festejos que eram realizados para a Santa, durante a sua administração. Sendo assim, a consciência de Emiliana Coutinho sobre a preservação do patrimônio de Araçatiba está relacionado a sua devoção a Santa padroeira e ao território, bem como ao congo de São Benedito, como veremos mais adiante.

Ainda hoje, por causa do mau estado de conservação da Igreja, Emiliana Coutinho da Silva tem preocupação com a preservação dessa edificação, e permanece pontuando que, além da devoção, a construção é importante para o histórico de Araçatiba.

Fotografia 24 – Interior da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, 2020



Fonte: Fotografia de Karolline de Oliveira Lourenço, Projeto Mãe Petronilha.

Ainda hoje, 37 anos passados da reportagem mencionada, diante do registro fotográfico e das visitas à comunidade de Araçatiba, em 2021, constatamos que o estado de conservação da Igreja, fechada durante meses na pandemia, é ruim e preocupante. Observamos até mesmo dejetos de animais no chão da Igreja. Até o momento, ainda não foi destinada nenhuma verba por parte dos órgãos públicos para sua restauração.

Além desse contexto, Emiliana Coutinho da Silva reverbera as suas memórias como meio de afirmação da sua identidade na comunidade e do histórico dos negros que resistiram ao período da escravidão e permaneceram nesse território. Afirmo que, após esses anos de pesquisa na comunidade e seu entorno, essa interlocutora e sua família são os moradores da comunidade que mais defendem a autodeclaração de comunidade quilombola e desenvolvem ações de conscientização em Araçatiba sobre o patrimônio cultural.

De acordo com Candau (2019, p. 59-60), os sujeitos sem memória se tornam vazios, vivendo apenas no presente com as perdas de suas capacidades conceituais e cognitivas, ou mesmo desaparecendo. Portanto, mesmo com a sua idade, Emiliana Coutinho da Silva, permanece com sua memória ativa, mantendo os fatos que foram herdados na sua infância e vivência social.

Sendo assim, existem vários fatos importantes na comunidade que são pontuados por Emiliana Coutinho da Silva, dentre esses, os vestígios da escravidão e da devoção dos negros na antiga fazenda de Araçatiba e no território atual, considerados pertinentes para a pesquisa, já que a prática cultural do congo e os batuques estão ligados à devoção dos integrantes da Banda e da comunidade.

CAPÍTULO III

TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO CULTURAL

De acordo com o que foi apresentado sobre a comunidade de Araçatiba (o período como Fazenda de Araçatiba, as memórias do senhor Sebastião Vieira Machado, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a configuração do território de Araçatiba e a Banda de Congo Mãe Petronilha), observamos que as memórias da comunidade são voltadas e entrelaçadas ao catolicismo, tanto no que diz respeito à devoção a santa Nossa Senhora da Ajuda, por meio da doação das terras que interliga o patrimônio cultural da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, quanto à devoção dos negros ao São Benedito, relacionado à prática e ao território congueiro.

Portanto, foi apresentado o patrimônio cultural que envolve os moradores que residem no entorno da capela de Nossa Senhora da Ajuda, nas relações que esse território já sofreu em suas diversas partilhas. Sendo assim, esta pesquisa não propõe problematizar todos os dados da comunidade remanescente de quilombo, mas analisar as relações do grupo étnico com o patrimônio cultural e sua preservação em Araçatiba, por meio de seus detentores.

3.1 TERRITÓRIO REMANESCENTE DE QUILOMBO E GRUPO ÉTNICO

As terras em que essas comunidades negras rurais assentam sua territorialidade podem ser classificadas, de acordo com a sua origem patrimonial, em doações de antigos senhores e seus escravos, doações a santos e terras devolutas. Essas categorias não possuem valor distintivo ao nível do acesso à terra que se dá através da mediação da comunidade. O controle sobre a terra se faz grupalmente sendo exercido pela coletividade que se define a sua territorialidade com base a limites étnicos fundados pela filiação de parentescos, co-participação de valores, de práticas culturais e principalmente da circunstância específica de solidariedade e reciprocidade desenvolvidas no enfrentamento da situação de alteridade proposta pelos brancos.

Na territorialidade de comunidades negras é referida na identidade étnica de cada grupo que as constitui. A posse de terra, independentemente das suas origens patrimoniais, se efetiva pelas comunidades negras enquanto sujeito coletivo configurado como grupo étnico. A apropriação coletiva é feita por negros organizados etnicamente como sujeito social. Não se trata, portanto, de posses de negros enquanto pessoas físicas. (BANDEIRA, 1991, p. 08).

Nessa composição de terras da santa e de organização do grupo que exerce suas práticas culturais, demarcação do território em ações coletivas, nasceu a configuração atual da comunidade de Araçatiba. Essa região está a 30 Km da capital Vitória, e, em um levantamento em comunidades quilombolas do Espírito Santo no período de pandemia, de acordo com Oliveira (2020, p. 25), Araçatiba possui cerca de 250 famílias.

Araçatiba, como bairro, conta com uma Unidade de Saúde, uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, para as crianças de 06 a 10 anos que cursam o Ensino Fundamental I. Atualmente a comunidade possui saneamento básico, ruas pavimentadas e estrada asfaltada de acesso à comunidade. Dispõe de um pequeno comércio local, campo de futebol, Igreja Católica, igrejas protestantes e um terreiro de Umbanda que não está em funcionamento desde a morte do pai de santo.

O transporte para a comunidade é feito por meio da linha de ônibus 902-Araçatiba, que faz o trajeto até o terminal de Campo Grande em Cariacica, município vizinho, proporcionando o deslocamento dos moradores para outras localidades. Esse itinerário também dá acesso à Rodovia ES-101, com destino ao município de Guarapari.

O transporte rodoviário é muito utilizado para o locomoção dos moradores, inclusive para trabalharem em outras regiões da Grande Vitória. Os moradores não são agricultores, pois as terras no entorno da comunidade foram desmembradas, vendidas e ocupadas por proprietários que desenvolvem a prática pecuária, transformando a paisagem da região em campos de pastagem, quase totalmente desmatada.

Fotografia 25 – Estrada principal de acesso a comunidade de Araçatiba, Caminhada Eco Cultural de Viana , 2019



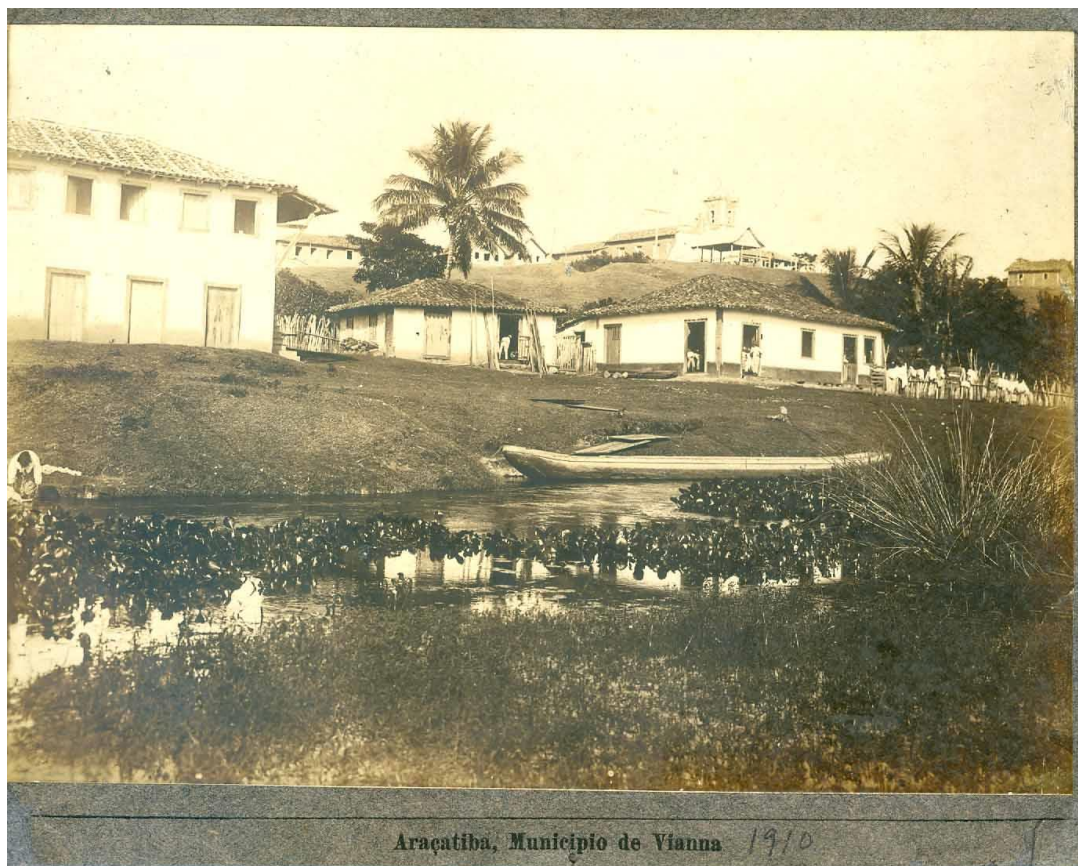
Fonte: Fotografia de Karolline de Oliveira Lourenço, acervo da pesquisa.

A maioria das famílias é constituída por descendentes que continuam residindo no mesmo lugar desde o nascimento, construindo no mesmo terreno de sua família, em quintais familiares.

De acordo com Emiliana Coutinho da Silva, são “araçatibenses” aqueles nascidos e criados em Araçatiba, descendentes dos ex-escravizados da grande fazenda, onde a forma de ocupação e permanência no território se constituiu característica de uma comunidade quilombola.

Essa pequena comunidade sofreu modificações na sua paisagem ao longo dos anos; dentre essas, estão os recursos naturais como o rio Araçatiba, que continha o porto de canoas, servindo como meio fluvial até o Rio Jucu, possibilitando a compra e venda de produtos na capital Vitória, além do uso desse recurso natural para as práticas domésticas, como a lavagem de roupas em suas margens.

Fotografia 26 – Porto de Araçatiba, 1910



Fonte: Fotografia do acervo do IPHAN/ES

Na imagem anterior, podemos observar a região mais alta da comunidade e o rio Araçatiba, bem como a presença de uma canoa, evidenciando o trecho da comunidade alagadiça, no início do século XX.

Essa parte do Porto de Araçatiba, atualmente, é o campo de futebol Guarani, e sofreu o processo de aterro e desvio do percurso do rio, sendo possível observar essas transformações por meio das imagens encontradas em arquivos do IPHAN/ES durante a pesquisa, apontando o processo de modificação do espaço e destruição dos recursos naturais.

Não podemos afirmar ao certo a datação desse processo do rio, pois as fotografias encontradas não possuem data exata, para comparação dos anos, mas cogita-se a hipótese de que o aterro tenha ocorrido em meados do século XX.

Fotografia 27 – Região do Antigo Porto, sem datação



Fonte: I Patrimônio-Patrimônio Cultural Brasileiro (beta), IPHAN/ES.

Além das mudanças físicas que transformaram a paisagem, importante mencionar que essas terras se constituíram com suas características rurais por se tratar de uma antiga fazenda de cultivos agrícolas de cereais. Sobre essas características de Araçatiba, consideramos, de acordo com os apontamentos de Ilka Boaventura (1991), como território negro de ocupação residencial.

Suas características principais: terras devolutas, viabilidade de permanência através da posse, com ou sem título, podendo ser comprada e regularizada em termos legais ou não. Possuem mais de uma unidade domiciliar ou uma grande unidade domiciliar congregando uma família extensa. A produção e a subsistência ocorrem através de estratégias coletivas. Nelas se dá a construção de códigos específicos de sociabilidade: linguagem corporal e verbal, formas de cooperação e reciprocidade construídas no cotidiano, mecanismos de solidariedade e troca baseados no parentesco. Na maioria dos casos, vivem uma experiência compartilhada traduzida em uma história comum. (BOAVENTURA, 1991, p. 42)

Dentre essas características apontadas por Boaventura, no caso de Araçatiba, a posse de suas terras está em nome da santa e não ocorre a questão da produção de subsistência coletiva, pois as transformações no território, as vias de acesso à capital, cidades vizinhas, a falta de emprego na região e a caracterização como espaço mais urbanizado, fizeram os moradores buscarem alternativas de empregos

em outras cidades próximas, como: Viana, Guarapari, Cariacica e Vitória, que possuem polos comerciais no Espírito Santo.

Mas as outras características citadas por Boaventura (1991), como linguagem corporal e verbal, reciprocidade, mecanismo de solidariedade e grau de parentesco são perceptíveis em Araçatiba, dentre esses, a coletividade, organização e principalmente parentesco.

Sendo assim, a permanência dos moradores de Araçatiba está ligada aos laços familiares e ancestrais, ao pertencimento e à tranquilidade da região. Araçatiba é uma terra de doação com estratégias coletivas, preservando características de comunidades tradicionais quilombolas no Brasil, e suas práticas culturais são transmitidas entre as famílias, como exemplo a prática do congo na Banda.

Sobre a organização do Fórum de Araçatiba, este era composto por maioria dos moradores do alto da capela de Nossa Senhora da Ajuda, principalmente os participantes da Banda de Congo Mãe Petronilha, que são os moradores mais antigos, os quais destaco nesta pesquisa como herdeiros da santa⁴⁶. Portanto, ressaltamos estes como grupo étnico que detém a memória, tradição, parentesco, preservação e valorização do patrimônio cultural de Araçatiba. Assim, o conceito de grupos étnicos, de Barth (2000), define as categorias atributivas e identificadoras utilizadas pelos próprios sujeitos, em que esse grupo interage e se organiza no seu espaço.

Esse grupo, os araçatibenses, tem duas devoções, Nossa Senhora da Ajuda e São Benedito, mas tem São Benedito nas práticas culturais da Banda. A devoção a Santa está ligada à Igreja e à história do território; e a devoção a São Benedito se relaciona ao Congo e à afirmação étnica do grupo. Na Igreja se mantém os rituais litúrgicos e devocionais a Santa padroeira, relacionado à religião católica, sendo a igreja um lugar mais amplo que envolve os católicos da comunidade em geral. Entretanto, os batuques do congo preservam a tradição ancestral e a devoção ao santo preto e padroeiro do congo. Vale ressaltar que estes estão organizados na

⁴⁶ A expressão “herdeiros da Santa” foi um termo expressado em entrevistas durante a pesquisa por D. Emiliania Coutinho da Silva, matriarca da comunidade, e, portanto, a definição do nome desses será apresentado assim neste capítulo, além da questão da devoção a santa Nossa Senhora da Ajuda ser compreendida como característica relacionada ao território. Importante ressaltar, para compreensão da pesquisa, que os herdeiros da santa também são integrantes da Banda de Congo Mãe Petronilha.

Banda de Congo Mãe Petronilha, Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na liderança comunitária, projetos culturais, grau de parentesco, bem como os negros que residem há mais de quatro gerações em Araçatiba, no entorno da igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

De acordo com os apontamentos e classificações de Barth (2000), observamos algumas características dos herdeiros da santa na comunidade de Araçatiba. Dentre essas, notamos que estes são representados de forma diferente na comunidade, conhecidos por outros moradores como “os de cima” e os “da Banda de congo”. De acordo com Barth (2000), trata-se de uma característica organizacional dos herdeiros da santa, que se identificam e são identificados pelos outros moradores da comunidade.

Como questão da classificação deste grupo, este necessita do seu reconhecimento de identificação para a sua relação de grupo étnico. Compreende-se que esses apontamentos são questões que os diferenciam dos outros na própria comunidade, identificados durante a pesquisa como uma identificação relacionada às tradições culturais e ao território.

Sobre essas formas de organização e reinvenção por meio de múltiplas ações, faço menção às reuniões do Fórum de Araçatiba que possibilitaram as primeiras discussões sobre o reconhecimento de Araçatiba como comunidade remanescente de quilombo, com o incentivo do grupo morador da parte mais alta e integrantes da Banda, que no momento da pesquisa do IBASE em 2006, administravam o Costurart e eventos na comunidade.

Fotografia 28 – Reunião do Fórum de Araçatiba, 2014



Fonte: Fotografia de Rubens Teixeira (em memória), acervo da pesquisa.

Para compreendermos o meio de organização existente nesta comunidade, destaco o Fórum de Araçatiba, de acordo com a entrevista de Janne Aparecida Coutinho⁴⁷ (2021), e observamos, ao centro da reunião, Janne Aparecida Coutinho Rosinéia Gonçalves, com a presença de Ademir Gonçalves, mestre da Banda, e Carlos Gomes, neto de Petronilha Maria da Conceição (todos residentes do Morro da Capela), bem como a presença dos integrantes da Secretaria de Cultura de Viana e representantes da Universidade Federal do Espírito Santo, Costurart, Viana/ES, 2014.

O Fórum de Araçatiba teve início no ano de 2006, com conversas preliminares entre a comunidade e instituições, como Furnas Centrais Elétricas SA e Comitê de Entidades no Combate à Fome pela Vida (COEP), com encontros integradores, e depois o acontecimento do diagnóstico social.

Após os levantamentos das demandas da comunidade, foram reunidos no Fórum todas as instituições da comunidade, como: EMEF Araçatiba, UBS de Araçatiba, Centro Comunitário, Banda de Congo Mãe Petronilha, Igreja de Nossa Senhora da

⁴⁷ Entrevista concedida via WhatsApp em 09 out. 2021.

Ajuda, Igreja Assembleia de Deus, Maranata, Deus é Amor, Guarani Futebol Clube, Grupo de Dança Mulheres Fortes de Araçatiba, grupo de idosos Memória Viva, agente da biblioteca Arca das Letras e Costurart.

As reuniões contavam com a elaboração de um plano de ação com demandas da comunidade nas áreas de: saúde, educação, infraestrutura, cultura e qualificação para os jovens.

Em meio à organização da comunidade e de acordo com o Diagnóstico Social de Araçatiba⁴⁸, publicado no ano de 2006, iniciou-se o processo de identificação como comunidade remanescente de quilombo, sendo elaboradas reuniões para tratar do assunto.

Encontram-se ainda em fase de formulação de uma declaração de Auto-reconhecimento e justificativa de pedido que inicia o processo de pesquisa para tal reconhecimento e titulação de suas terras pela Fundação Cultural Palmares, pelo Ministério Público e pelo INCRA. (IBASE, 2006, p. 10)

Em relação a esse processo, acompanhamos no ano de 2013, participamos das reuniões do Fórum de Araçatiba, localizado no espaço do Costurart⁴⁹, em que alguns moradores cogitavam o desejo do reconhecimento da comunidade como quilombola, mas não a sua totalidade de moradores. Então, esse processo não foi consolidado por parte da comunidade, e os termos citados nesta pesquisa como comunidade remanescentes de quilombo são por causa da autodeclaração dos moradores e não institucionalmente.

A Constituição Federal de 1988 (CF/88), introduziu o termo quilombo em dois de seus artigos para assegurar os direitos de acesso aos bens materiais e imateriais dos quilombos. Quando trata dos direitos ao patrimônio cultural, no artigo 2016, § 5º, assegura: “Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”. Quando trata do direito aos bens materiais, o artigo 68º dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) prevê aos “remanescentes das comunidades dos quilombos” o direito a obterem do Estado o título definitivo da propriedade de suas terras. (OLIVEIRA, 2019, p. 31).

⁴⁸ IBASE – Diagnóstico Social de Araçatiba do ano de 2006, realização no Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), FURNAS Centrais Elétricas SA e COEP (Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida). Disponível em: https://ibase.br/userimages/Diagnostico_Aracatiba.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

⁴⁹ Atelier de mulheres costureiras quilombolas na comunidade de Araçatiba. Com o incentivo de Furnas, o espaço foi criado para a produção e oficinas de costura na região. Espaço que funcionou o projeto Arca das letras, coordenado por Janne Aparecida Coutinho, incentivando as crianças da comunidade à leitura e escrita, e fóruns populares de Araçatiba com debates com a Universidade Federal do Espírito Santo e Prefeitura Municipal de Viana. Atualmente, esse espaço está sem uso, por causa dos custos de manutenção e problemáticas de lideranças na comunidade.

Mesmo cientes de todo direito institucional pelos seus bens materiais (a posse das terras habitadas desde o período da escravidão, a permanência no pós-abolição e suas características como terra de santa), a comunidade ainda enfrenta alguns entraves para essa conscientização coletiva, em função de modificações no espaço físico, povoação de outras famílias e proprietários de terras.

Portanto, algumas problemáticas desse reconhecimento foram citadas por alguns moradores, entre essas, a disputa pelas terras que foram “adquiridas” pelos fazendeiros, que atualmente são os maiores donos deste território. Tendo os moradores receio de futuros conflitos na comunidade após o reconhecimento.

Para compreendermos a definição do termo quilombo, Osvaldo Martins de Oliveira (2019) traz em sua pesquisa a abordagem antropológica proposta pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em que o termo aponta significados para a palavra quilombo, diferenciando os segmentos na atualidade dos negros no Brasil.

Dentre esses significados, estão o legado, herança cultural e material e o pertencimento a um grupo específico. Sendo assim, compreende-se que a comunidade de Araçatiba possui esse legado entre alguns moradores desse território, ao qual a pesquisa faz apontamentos para um grupo étnico que preserva a sua história e seu patrimônio cultural, através da tradição das famílias negras mais antigas da comunidade.

Deste modo, os quilombos não devem ser pensados apenas como agrupamento de negros fugidos e isolados do contexto social da sua época, pois os quilombolas são atores que participam de ações e organizações políticas, e têm se reinventado por meio de múltiplas relações, entre as quais aquelas de conflitos e resistências. (OLIVEIRA, 2019, p. 32)

Analisando a questão do território deste grupo étnico dentro de uma pequena comunidade, podemos afirmar que as práticas culturais estão fisicamente concentradas na localidade alta da comunidade, sendo este o local onde as expressões culturais acontecem como já citado nesta pesquisa no capítulo I, na apresentação do ritual do congo e sua demarcação de território congueiro.

A cultura é um conceito pensado a partir dos significados que se constroem nos fluxos, movimentos, tensões, contradições, e relações de trocas. Por isso, as diferenças resultam na autodefinição e da definição dos “outros” pelos membros de um grupo para propósitos de interação. Assim, a identidade étnica é entendida a partir das relações sociais, em que os membros de um grupo étnico se identificam e são identificados como tal. Os elementos da cultura (costumes, rituais e valores comuns), embora sofram

variações no tempo e no espaço, são empregados pelos integrantes do grupo étnico para delimitar a forma de organização social. (OLIVEIRA, 2019, p. 34)

Evidencio na pesquisa que o congo de Araçatiba, entendido como afirmação da identidade étnica dos herdeiros da santa, é também um delimitador entre os herdeiros da santa e o restante da comunidade, pois a prática do congo ainda sofre preconceito dos outros moradores não praticantes, por ser uma prática cultural de matrizes afro-indígenas⁵⁰.

No entanto, o congo e a Banda de Congo Mãe Petronilha são resistências culturais que vem sendo cultuadas ao longo dos anos, dando ênfase nos batuques e modo de organização entre esses como um grupo étnico. Além do pertencimento desse grupo com a prática do congo, mesmo diante das dificuldades financeiras e de perdas de seus detentores ao longo de suas histórias, o grupo permaneceu sólido, transmitindo as suas tradições, como: devoção ao São Benedito, cantigas, modo de tocar os instrumentos e organização do grupo.

A manutenção de fronteiras étnicas implica também a existência de situações de contato social entre pessoas de diferentes culturas: os grupos étnicos só se mantêm como unidades significativas se acarretam diferenças marcantes no comportamento, ou seja, diferenças culturais persistentes. No entanto, havendo interação entre pessoas de diferentes culturas, seria esperado que essas diferenças diminuíssem, uma vez que a interação tanto requer como gera certa congruências de códigos e valores – em outras palavras, uma similaridade ou comunidade cultural (cf. Barth. 1966 para minha argumentação a esse respeito). Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas a existência de critérios e sinais de identificação, mas também uma estruturação das interações que permita a persistência de diferenças culturais. (BARTH, 2000, p. 35)

Exatamente nesse contexto de interação com outras culturas de fora e dentro do próprio território de Araçatiba, os herdeiros da santa permanecem demarcando sua identidade quilombola, por meio da expressão cultural do congo, e mantendo a relação com o território da santa e a devoção a São Benedito.

Em entrevista, Janne Aparecida Coutinho explica a organização da Banda e como são tratados os assuntos coletivos nesse núcleo.

Então a participação desses mais velhos, digo a palavra dos mais velhos sempre é ouvida, sempre é ouvida, se a gente vai sair e o Alcebíades falar: “Em outra época não, ou isso não, não sei que”, então a gente respeita as

⁵⁰ No caso Araçatiba, a prática cultural do congo está relacionada às raízes de uma matriz afro-brasileira, tradicionalmente expressada pelos negros da região.

opiniões, claro que se tiver que ham, ham, haver mudanças, haverão, mas claro que é respeitando sempre, o que ele, ham, a palavra..., a palavra deles. A questão da união a banda por, pelos componentes que a maioria são parentes, igual Alício, os descendentes da Mãe Petronilha, os seus filhos, os seus netos e outras pessoa, então pôr a nossa comunidade ser, ter muito esse lado pariental, essa questão da união a nossa banda nunca enfrentou, desde a minha existência, desde a existência da banda eu acredito, eu nunca vi a banda sofrendo por esse problema de desunião, de racha assim, né por assim dizer..., claro que todas as opiniões são abertas, são colocadas ali, algumas a gente vê “ Assim não pode!, pode assim, assim é o melhor!”, então são discutidas, que a gente não, nunca ouve problema que a pessoa insatisfeita saiu da banda, ou de ficar de cara virada na banda, ou de querer sair e fazer outra banda, pode ocorrer?[...] Nunca houve interferência, assim de outras pessoas de fora, dizendo assim, há mudou o mestre! Agora é o mestre de outro lugar, nunca houve, são os descendentes, e assim vai. (COUTINHO, Janne Aparecida, 2018)

Importante compreender que o grupo se relaciona nos espaços da comunidade com os demais moradores, mas a questão de organização e tomadas de decisões coletivas que envolvem a Banda de Congo e práticas de articulações entre esses é decidida entre o coletivo e principalmente com anuência dos mais velhos. Outro fator que se destaca é a transmissão familiar entre gerações, uma vez que os componentes da Banda possuem parentesco, são avôs, filhos, netos, bisnetos, tios e primos.

De acordo com Thompson (1993), a transmissão cultural entre as famílias é tão antiga quanto a história da humanidade, e, além das memórias familiares, incluem-se também a linguagem, o território de moradia, a religião, os valores, as aspirações sociais, as visões de mundo, as habilidades domésticas, os modos de comportamentos e os casamentos.

Nossas vidas constituem uma fusão entre natureza e cultura; no entanto, natureza e cultura estão em contradição. Sendo a cultura essência daquilo que converte indivíduos humanos em grupos (o núcleo da identidade social humana), sua continuidade é vital (THOMPSON, 1993, p. 10).

Observamos a transmissão cultural e seus aspectos na família da Banda de Congo, que está na quinta geração de congueiros da Mãe Petronilha, tendo agora como mestre o descendente Alício Machado.

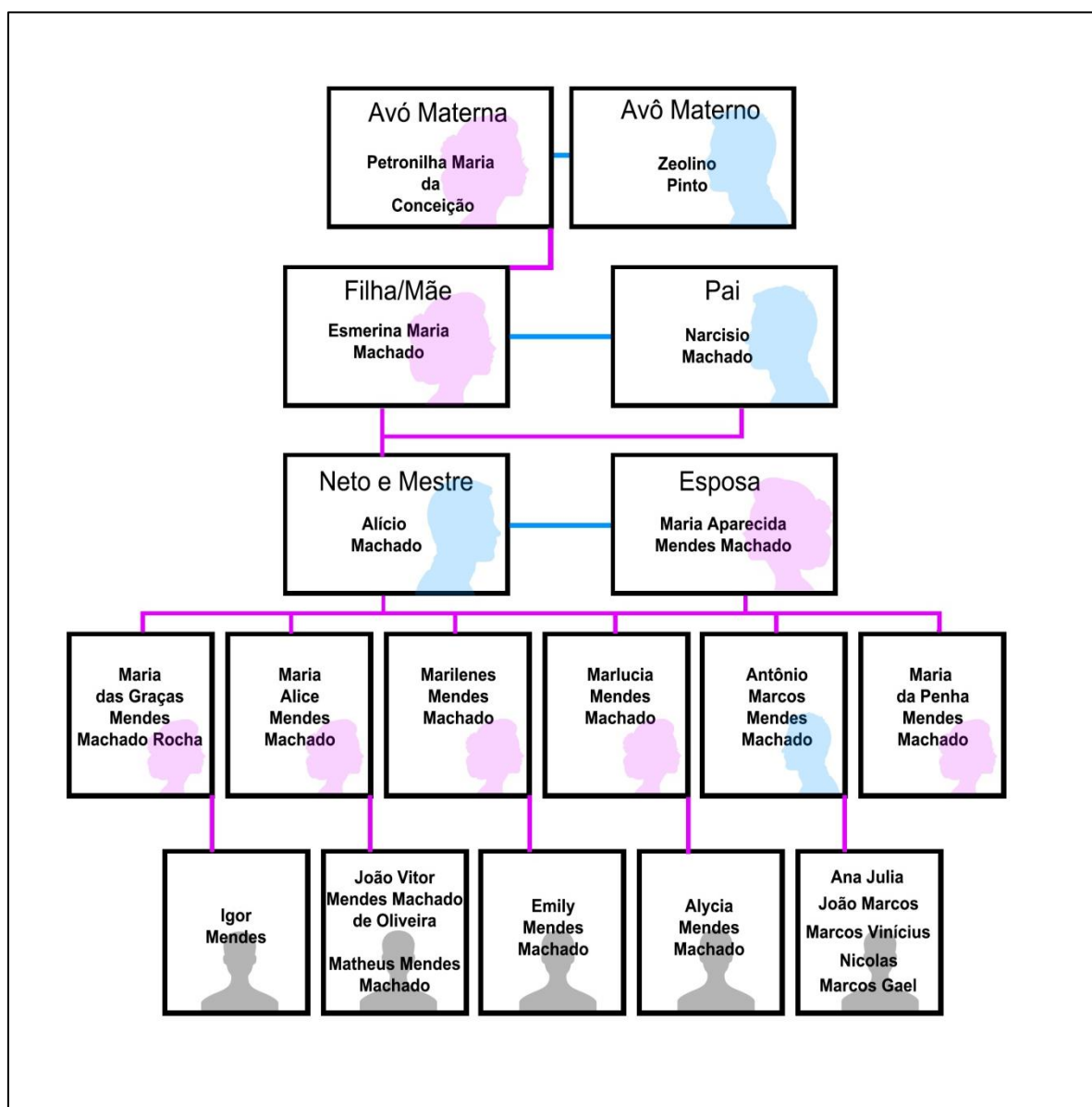
Fotografia 29 – Entrevista com Alício Machado para o documentário, 2020



Fonte: Fotografia de Karolline de Oliveira Lourenço, acervo do Projeto Mãe Petronilha.

Além do seu legado como congueiro, Alício Machado trabalha na organização da prática do congo e atualmente é presidente da Banda de Congo Mãe Petronilha. Sendo assim, apresentamos sua genealogia e sua tradição familiar no congo de Araçatiba.

Imagem 3 – Genealogia do Mestre Alício Machado: cinco gerações na Banda



Fonte: Elaboração da autora.

Legenda da imagem: A primeira geração são os avós maternos de Alício Machado, Petronilha Maria da Conceição e Zeolino Pinto, ligados pela linha azul; a segunda geração é da filiação Alício Machado, sendo pai e mãe Esmerina Maria Machado e Narciso Machado; a terceira geração é de Alício Machado e de seu casamento com Maria Aparecida Mendes Machado; a quarta geração é com as linhas rosas dos descendentes, bisnetos de Petronilha Maria da Conceição, sendo Alício Machado e seus seis filhos; a quinta geração é formada pelos dez netos de Alício Machado, sendo os tetranetos de Petronilha Maria da Conceição.

Dentre os filhos de mestre Alício Machado, dois são participantes da Banda e dos festejos na comunidade de Araçatiba, sendo eles: Marilene Mendes Machado e Antônio Marcos Mendes Machado, e seus netos Emily Mendes Santos e João Vitor Mendes Machado de Oliveira.

Atualmente Alício Machado é bisavô, mas não especifiquei na imagem acima, pois a sexta geração de Petronilha Maria da Conceição ainda não é participante da Banda por causa da idade.

Sobre a transmissão cultural em seu núcleo familiar, mestre Alício Machado destaca o dia em que sua filha foi festeira na festa de São Benedito.

O dia que a minha filha aqui em cima deu a bandeira aqui, isso aqui encheu ó! Aquilo pra mim foi muito bom, a Milene que deu a torta, deu tudo! E a bandeira...foi a melhor coisa que teve! (MACHADO, Alício, entrevista concedida à Marlucia Machado, WhatsApp, 2020).

Diante da afirmação do mestre Alício Machado sobre os rituais do congo, percebeu-se a felicidade e o pertencimento da tradição com a participação da família no festejo, observados a partir da entrevista sobre a filha e da visita da Banda na sua residência para a busca da bandeira de São Benedito e a partilha dos alimentos.

De acordo com Oliveira (2019, p. 184), o fato de celebrar e contar são formas de não esquecer quem são os seus antepassados, e as narrativas míticas e rituais estão imbricadas umas às outras, reestabelecendo a consciência e o sentimento de pertencimento de seus integrantes por meio deles.

Portanto, quando o ritual do congo é reestabelecido por Alício Machado e seus familiares estão evocando a ancestralidade, que está focada em Petronilha Maria da Conceição e a devoção a São Benedito, podendo assim por meio do ritual do congo demonstrar o seu pertencimento às suas raízes e cumprir seu papel de liderança familiar da prática cultural, tradição repassada por gerações. Vale ressaltar que essa transmissão cultural congueira e devocional evidenciada na entrevista do Alício Machado está presente em outras famílias na comunidade de Araçatiba, mantendo assim o legado do congo entre esse grupo étnico.

Fotografia 30 – Meninas do Congo no centro com as casacas: Emily Mendes Santos, Cinthia Rodrigues e Nathália Coutinho, Fincada do Mastro em Araçatiba, 2017



Fonte: Fotografia de Luciana Cruz Carneiro, acervo da pesquisa.

Destaca-se que não foi possível apresentar toda árvore genealógica de Petronilha Maria da Conceição nesta pesquisa. Nossa intenção foi ressaltar as gerações que continuam como integrantes nesta tradição cultural, que demarca o território e a identidade étnica de seus integrantes da comunidade de Araçatiba. Como podemos observar na Fotografia 16, do festejo de fincada do mastro, os jovens, crianças e adolescentes dessas famílias são participantes ativos, mantendo a tradição e o legado familiar do congo em suas vidas.

Sendo assim, a Banda não passou por nenhuma ruptura ao longo dos anos de permanência na comunidade, mantendo seus rituais de batuques e devoção aos santos, com ênfase a São Benedito.

3.2 O CONGO DE SÃO BENDITO TOCA NOITE E DIA

Você falou que o nosso congo não saia...
 O congo de São Benedito toca noite e dia...(2x)
 Oh viva São Benedito
 Oh viva santa Maria

Nosso congo tá na rua com prazer e alegria!

Deixa de falar besteira...

O congo de São Benedito vai levantar poeira...

Foi por meio desse congo que compreendi a resistência da banda de Congo Mãe Petronilha, que, mesmo diante das gerações, dificuldades e preconceito, o congo estará presente na vida dos seus detentores e nas memórias que evocam seus ancestrais. Nesse envolvimento, no ano de 2019, através desta pesquisa com a comunidade de Araçatiba, com ênfase na Banda de Congo Mãe Petronilha, nasceu a proposta do projeto do edital 024/2019 de valorização dos patrimônios estaduais reconhecidos, da Secult/ES, contemplada como proponente com o projeto sobre a Banda de Congo Mãe Petronilha: patrimônio afro-brasileiro da comunidade de Araçatiba, Viana/ES, e assim ser apresentada a história da Banda e importância dos detentores em âmbito estadual.

Esse projeto destaca-se como material educativo para o trabalho da Lei 10.639/2003 e desenvolvimento pedagógico e antirracista nas comunidades do entorno que recebem os alunos moradores de Araçatiba e o conhecimento da riqueza do patrimônio cultural que envolve esse território. Por meio do recolhimento de entrevistas, análise da pesquisa e criação do material de vídeo, será possível contribuir com a visibilidade para preservação e divulgação das memórias dos detentores dos saberes do congo na comunidade e na Banda.

A partir de oficinas, entrevistas, pesquisas e da relação com os moradores de Araçatiba, a proposta foi desenvolvida com gravações e entrevistas no ano de 2020, seguindo todos os protocolos de saúde pública, pois, em meio a esta pesquisa, fomos assombrados pela pandemia da Covid-19.

Na proposta inicial, os registros visuais seriam feitos nos festejos de fincada e arrancada do mastro na comunidade, mas tivemos que fazer registros individuais e utilizar materiais do arquivo da pesquisa, informando a época em que aconteceram.

3.2.1 Banda de Congo Mãe Petronilha: Patrimônio Cultural afro-brasileiro da comunidade de Araçatiba, Viana/ES

Esse projeto do edital 024/2019 da Secult/ES, sobre a Banda de Congo Mãe Petronilha, é um desdobramento desta pesquisa de dissertação, tendo como objetivo transformar esta pesquisa numa linguagem do audiovisual, apresentando os detentores da Banda e os arquivos de pesquisa para a comunidade e as escolas do município de Viana.

Com a produção de um material pedagógico (audiovisual) que contará a história e importância da Banda de Congo Mãe Petronilha no cenário da comunidade, e serão as vozes dessa narrativa a participação dos congueiros (crianças, jovens, adultos e idosos), mestres e dançarinas.

Sendo Araçatiba uma comunidade quilombola, a oralidade dos detentores faz parte dessa tradição, e a proposta do vídeo foi transformar essas fontes em um material, almejando assim o conhecimento das memórias individuais e coletivas desses detentores do saber. Dentre essas memórias, situa-se a importância de Petronilha Maria da Conceição como ancestral precursora do congo.

Como apresentado anteriormente sobre a transmissão cultural do congo na família de descendentes de Petronilha Maria da Conceição, buscamos reunir as informações desta mulher pioneira e detentora do congo na comunidade de Araçatiba, para uma apresentação de seu histórico e seu legado.

Portanto, as memórias dos integrantes da Banda sobre Petronilha Maria da Conceição compreendem a memória coletiva do grupo, materializada a partir desta personagem⁵¹ como a eterna rainha do congo, analisada com referência em Michael Pollak (1992) no seu texto “Memória e Identidade Social”,

⁵¹ Michael Pollak (1992, p. 201) usa o termo “personagem”, pois o autor nos fala sobre a memória de pessoas e personagens que fazem parte de uma memória individual e coletiva de um grupo, que assim comparo com a construção descrita nesta pesquisa sobre Petronilha Maria da Conceição a partir das narrativas individuais e coletivas.

Fotografia 31 – Petronilha Maria da Conceição, 1984



Fonte: Fotografia de Nestor Muller, A Gazeta.

Nesta fotografia, observamos Petronilha Maria da Conceição no interior de uma residência em meados dos anos 1980, sendo nesta pesquisa a única imagem desta personagem. Como já afirmamos, a comunidade de Araçatiba tem como fonte a oralidade, e alguns registros fotográficos e eventos e pessoas antigas não existem em Araçatiba.

Por isso, a partir das entrevistas com os componentes da Banda e descendentes de Petronilha Maria da Conceição, iniciou-se a compreensão do legado dessa mulher, em um trabalho minucioso de escuta e transcrições, para enfim ter a honra de apresentar Petronilha Maria da Conceição nesta dissertação e no projeto de audiovisual.

Identificada na comunidade de Araçatiba como a saudosa rainha do congo, avó e Mãe Tiotó⁵², Petronilha Maria da Conceição recebeu a homenagem póstuma de seus descendentes e dos integrantes da Banda, e assim se tornou a única banda de congo do Espírito Santo com o nome de uma mulher negra, que representa o congo

⁵² Mãe Tiotó é o nome pelo qual a comunidade de Araçatiba reconhece Petronilha Maria da Conceição, principalmente pelos integrantes da Banda; e “mãe” por causa da sua função de parteira.

de uma comunidade quilombola. Além dessa identificação, seu nome como “Mãe Petronilha” é referência à rua em que residia e que atualmente residem seus descendentes.

De acordo com Pollak (1922, p. 203), a memória é seletiva e nem tudo fica gravado e registrado, sendo em parte herdada e não se refere apenas à vida física da pessoa. Assim, as memórias de Petronilha Maria da Conceição entre os integrantes são pertencentes ao grupo étnico e passada por gerações, herdadas a partir desse núcleo familiar e cultural.

Banda de congo de Araçatiba, por um tempo ela foi é..., ela era conhecida assim, banda de congo de Araçatiba, dos mais antigos, com a morte dá..., da Mãe Petronilha, pela história dela na comunidade, e parteira, de ter, ela..., ela era, a maioria dos componentes nasceram pelas mãos dela e tal, então nós acho que em 1980, eu não lembro a data exata, mas aí a gente em grupo optou por chamar mãe, porque era, o pessoal chamava de Mãe Tiotó e Petronilha que é o nome dela de registro. (COUTINHO. Janne, entrevista, concedida a Karolline de Oliveira, 2018)

De acordo com a entrevista de Janne Coutinho, Petronilha Maria da Conceição nasceu em 30 de abril do ano de 1900 e atualmente é reconhecida pela sua função em Araçatiba e seu carinhoso nome de “Mãe Tiotó”. Dentre as afirmações, uma entrevista concedida ao jornal “A gazeta” do ano de 1984, na comunidade, observamos as afirmações apontadas por Janne Aparecida Coutinho sobre o papel social de Petronilha Maria da Conceição.

E os moradores mais antigos da região recordam com saudade dos velhos tempos em que Araçatiba vivia um grande movimento, com muitas festividades, bailes grandiosos e as comemorações religiosas na igreja. Para Petronilha Maria da Conceição, conhecida como Mãe Tiotó, de 84 anos, e cerca de 70 vividos na comunidade, a pequena vila mudou muito, os moradores são mais novos, e o comércio é muito pobre. Tia Tiotó contou recordou que as casas comerciais não eram muitas, mas tinham faturas de mercadorias, e até padaria. Hoje só existem duas vendas, com escassez de produtos, não há farmácia, padaria, açougue e um minimercado. Contou que havia muita animação, por causa dos bailes promovidos e as festas da igreja, que sempre davam muito movimento. Ela, por muito tempo, foi a parteira da vila e, de vez em quando, ainda é procurada para dar alguma sugestão de parto, gravidez ou outras doenças. (Côrrea. Carminha; Tristão. Rita. A gazeta nos bairros. A Gazeta, Vitória, p,6, 11 nov.1984)

Na entrevista da citação anterior, Petronilha Maria da Conceição conhece toda modificação da comunidade durante setenta anos, e a interlocutora afirma a sua

função de parteira e conselheira na comunidade. Nessa construção do legado de Petronilha Maria da Conceição, destaco as memórias de Dona Emiliana Coutinho da Silva, que recorda dos festejos de congo promovidos pela antiga rainha, sendo uma guardiã que juntamente com seu esposo na comunidade fortaleceram a expressão cultural em Araçatiba.

[...] Dona Tiotó quando ela voltou veio de Jacarandá as crianças eram pequenas, então foram todas criadas aqui, então quando ela sempre gostou de banda de congo, porque (texto inaudível), era muito animada a banda de congo, muito animada, se sabe por que (texto inaudível). Então ela já veio gostando, e o marido dela, primeiro... primeiro marido chamava Isolino ou Diolino, aí Dilino Machado e o segundo era Seu Eupídio que era Epídio (inaudível) Moreira que era da banda de congo, aí ela, ele gostava, ela gostava aí tomaram conta da banda, foi aonde a gente aí já éramos moças e colaborava com ela, num saía das festas de Dona Tiotó. Todo ano a gente tanto brincava aqui, como fora daqui! (Coutinho. Emiliana, 2018, entrevista sobre o congo de Araçatiba, concedida a Karoll Oliveira)

De acordo com as entrevistas e pesquisa nos arredores de Araçatiba, Petronilha Maria da Conceição foi moradora da localidade de Jacarandá, próximo a Araçatiba, território esse que pertenceu à antiga fazenda de Araçatiba.

Portanto, acredita-se que a expressão cultural do congo chegou a Araçatiba por meio de Emídio Moreira e Petronilha Maria da Conceição, pois pelas entrevistas foi possível analisar que não há memória de banda de congo em Araçatiba anterior à imagem de Petronilha e Emídio Moreira.

Sobre as memórias da antiga banda, o mestre Ademir Gonçalves recorda dos tempos em que Emídio Moreira atuava como mestre, e mencionou a sua função de mestre de congo.

Recordo, o ...é, do Emídio Moreira, Emídio Moreira ele, ele, era tipo assim o capitão, porque o capitão ele...ele ...ele chegava e marcava, ele cantava ele...ele falava assim "Oh hoje a banda de congo hoje, vai ser num lugar, vai ser assim, aí vinha todo mundo, aí vinha aquela pessoa toda, aí vinha Dona Tiotó.(Gomes, Ademir Gonçalves, 2018, entrevista concedida a Karolline de Oliveira)

A partir das entrevistas que evocam a memória da expressão cultural, seus detentores e a relação da tradição na composição da história e o pertencimento da prática do congo na região de Araçatiba, compreendemos como se estruturou o grupo.

Portanto, para Pollak (1992, p. 204), a memória, tanto a coletiva quanto a individual, constitui o sentimento de identidade, sendo um fator importante para a continuidade e coerência de um indivíduo ou um grupo, trabalhando assim na reconstrução desses. Desse modo, os precursores do congo de Araçatiba são evocados pelos atuais detentores da Banda, a fim de preservar a importância de Petronilha Maria da Conceição para e esse grupo, conseguindo assim manter a transmissão cultural familiar.

Vale ressaltar que as memórias de Petronilha Maria da Conceição não estão em disputa neste grupo. As entrevistas e conversas com interlocutores estão condicionadas à função social de parteira, rainha do congo e mãe/avó.

A partir dos argumentos aqui apresentados pelos integrantes da Banda sobre a memória da Mãe Petronilha, estamos desenvolvendo a proposta do projeto de audiovisual, que apresenta os detentores e a história dessa Banda.

Fotografia 32 – Entrevista com mestre Alício e equipe, 2020



Fonte: Fotografia de Karolline de Oliveira Lourenço, Projeto Mãe Petronilha.

Por meio da compreensão e importância dos detentores de Araçatiba com o patrimônio cultural, o material de pesquisa será utilizado com viés educacional, deixando em evidência o compromisso com a Arte educadora, como afirmação da Lei 10.639/2003 e como um material de registros referente à história da prática cultural afro-brasileira da Banda de Congo Mãe Petronilha.

Imagem 4 – Logomarca do Projeto



Fonte: Acervo do Projeto

A obrigatoriedade da lei soma-se aos esforços de educador(as)es e pesquisador(as)es, em todo o país, por uma educação pluriétnica, no caso específico dos alunos afro-brasileiros, de ajudar no processo de construção de uma auto-estima, já que, ao longo dos anos, a história dos africanos e descendentes, em nosso país, foi contada, e ainda pode ser encontrada em alguns livros, na perspectiva do lugar do dominado ou como contribuição cultural na culinária, samba, capoeira e em outras manifestações culturais (FELISBERTO apud PANTOJA, 2006, p. 69)

Nessa questão de valorização do contexto histórico da Banda, tendo como protagonista os detentores, um dos objetivos deste projeto é pautar a história da Banda e do território, de acordo com o Art. 26-A da lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-brasileira nas escolas e no currículo escolar.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003)

A partir dessa visão sobre o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, foi construído o material de audiovisual referente à história da expressão cultural da Banda de Congo Mãe Petronilha no contexto de patrimônio cultural. Para Felisberto (2006, p. 71), as pluralidades africanas foram preservadas na estética ligada ao modo de falar, aos movimentos corporais, religiosidades e no cotidiano. Portanto, a prática do congo em Araçatiba expressa esses valores estéticos numa comunidade afro-brasileira.

Na realidade, o estudo da diáspora africana é parte dos estudos do negro na sociedade contemporânea brasileira; é de suma importância revelar essas nuances das diferenças africanas em nosso território para fortalecer a autoestima e conseguir trazer à sala de aula uma cultura afro-brasileira despida de folclorização, mas revestida de admiração e, principalmente, conseguindo resgatar os eventos históricos, heróis e heroínas negras que foram silenciadas(os) ao longo de nossa história, como: Luiza Mahin, Manoel Congo, Xica da Silva, João Candido Felisberto, João Leite, Lelia Gonzalez, etc. (FELISBERTO, 2006, p. 72)

De acordo com a importância desses valores da comunidade e o protagonismo de seus detentores, o material apresentará Petronilha Maria da Conceição e seus descendentes e a valorização dessas histórias, podendo assim combater o preconceito com os alunos integrantes desta tradição na comunidade escolar.

Fotografia 33 – Gravação do vídeo, 2020



Fonte: Fotografia de Érika Mariano, Projeto Mãe Petronilha.

Além do acervo de entrevistas e vídeos, com a pesquisa observamos que o congo é mantido na relação com os batuques, sendo uma expressão incorporada desde seus ancestrais.

Mesmo que a construção da memória sobre a banda de congo tenha se construído na comunidade de Araçatiba, a partir de Petronilha Maria da Conceição, nesta pesquisa levantamos a questão de que os batuques são perpetuados como uma das identidades desse grupo étnico, ligado às suas raízes africanas, mantendo a prática afro-brasileira nesse território.

Anterior a essa prática cultural em Araçatiba, o congo se manteve na região rural de Jacarandá, antiga região de moradia de Petronilha Maria da Conceição, local mais afastado da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, e também pertenceu à antiga fazenda de Araçatiba, durante a administração da família Vieira Machado.

3.3 OS BATUQUES

A partir de todas as informações sobre as terras de Araçatiba, a tradição do congo e os detentores e a Banda de Congo Mãe Petronilha e suas memórias, vale apresentar o que foi possível analisar como nascimento dos batuques nessas terras, fazendo uma associação entre o passado e o presente do congo.

Início as explanações sobre os batuques a partir do congo tocado pela Banda: “Eh mamãe...Abraça eu mamãe...Embala eu mamãe...Tem dó de mim”. Esta toada de congo representativa da “Mãe” Petronilha fala dos cuidados de uma mãe com seu filho, os quais referencio nos diálogos apresentados nesta pesquisa como história de Mãe Petronilha. Entretanto, também destaco a palavra “embala”, que tem como sinônimo de acalantar o filho, mas seu significado igualmente é utilizado no sentido de “abrigo”, de acordo com o dicionário da língua portuguesa:

Habitação que se destinava ao abrigo de escravos; senzala. Residência do soba, do chefe de uma tribo africana; cubata. [Antigo] Aldeia em Angola organizada para defesa de ataques. Etimologia (origem da palavra **embala**). Do quimbundo mbala. (EMBALA, 2021).

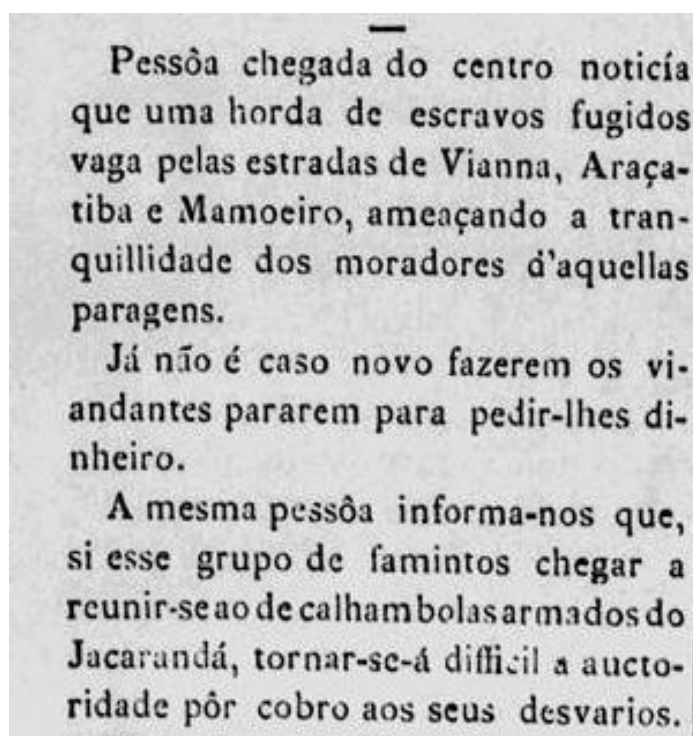
Esse aspecto de abrigo dos batuques de (re)existência dos negros ex-escravizados e a prática do congo perpetuada na atualidade fazem uma conexão. Como já

apresentado, as memórias de congo são direcionadas para a região Jacarandá, mas com a morte de seus antigos detentores, o congo seguiu para Araçatiba.

Como Araçatiba e Jacarandá pertenceram à família Vieira Machado no século XVIII, atualmente às famílias negras moradoras deste território (que possuem um grau de parentesco), com o tempo, o deslocamento de pessoas e também da prática cultural se direcionou para Araçatiba, no século XX, com Mãe Petronilha e Emídio Moreira.

Não temos registros e documentações que relatem a história das devoções e expressões culturais em Araçatiba durante o período da escravidão, apenas registros por meio dos jornais sobre quilombolas revoltosos que ameaçavam o território.

Imagem 5 – Escravos Fugidos, 09 de Julho de 1885



Pessoa chegada do centro noticia
que uma horda de escravos fugidos
vaga pelas estradas de Vianna, Araça-
tiba e Mamoeiro, ameaçando a tran-
quillidade dos moradores d'aquellas
paragens.

Já não é caso novo fazerem os vi-
andantes pararem para pedir-lhes di-
nheiro.

A mesma pessoa informa-nos que,
si esse grupo de famintos chegar a
reunir-se ao de calhambolas armados do
Jacarandá, tornar-se-á difficil a aucto-
ridade pôr cobro aos seus desvarios.

Fonte: Hemeroteca Nacional, A Província do Espírito Santo.

Imagem 6 – Escravos Fugidos II, 1877

Em vista de reiteradas exigências feitas por diversas auctoridades policiaes, e reclamações da imprensa d'esta capital, sobre a existencia de grande numero de escravos fugidos que transitavão pelas estradas do municipio de Vianna, Araçatiba, Mamoeiro, até as mattas do Jacarandá, assim como pelas estradas de Mangarahy, ameaçando os moradores daquellas paragens, resolveu a Presidencia nos termos da Lei n.º 9 de 9 de Agosto de 1877, crear uma Companhia de Guerrilha composta de dez praças e um Commandante para ser empregada na captura dos mesmos escravos, e destruir quilombos, apresentando o meu antecessor o respectivo Regulamento, que foi approvedo pela Resolução Presidencial de 28 de Julho deste anno.

Fonte: Hemeroteca Nacional, A Província do Espírito Santo.

Essas notícias são as mais relatadas sobre os negros da antiga Fazenda de Araçatiba no jornal Província do Espírito Santo, e outras sobre as missas da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, vinculadas à tradição católica desse território. Entretanto, uma única notícia nos intriga sobre as práticas coletivas de negros em Araçatiba.

De acordo com Vertelo (2017), noticiários de denúncias policiais que envolviam os escravizados dos antigos herdeiros de Araçatiba possibilitaram levantar um relato de coletividade e prática afro-brasileira nesta região.

No sábado, vindo da roça uns escravos do Sr. Marciano Izidro, a trazer gêneros em uma canoa foram, como é de costume, aposentar-se em casa da preta forra Quirina, que também foi escrava da mesma fazenda dos herdeiros de Gouvêa: pois bem, o Inspector e Guardas; julgarão ali n'aquella casa um zungú e ás 9 3/4 da noite, evadirão a casa prenderão os pretos e os recolherão a Cadêa[...] (Jornal O Espírito Santense, 16/03/1882).

Diante dos apontamentos entre revoltas de ex-escravizados e a notícia de coletividade na casa da negra forra Quirina, o que mais nos atenta é sobre o termo que havia naqueles aposentos de uma forra, a prática de um zungú, e que todos foram abordados por policiais.

Sobre o zungú, compreendeu-se necessário entender seus significados como moradia de escravizados e libertos para explicitar essas práticas de coletividade, cultura e resistência que designava esse ambiente. Santos (2006), em sua tese, aponta diversos autores que analisaram a complexidade das moradias denominadas de zungús, apresentando as características dessas casas de abrigo, práticas culturais e resistências de ex-escravizados, forros e libertos no século XIX no Rio de Janeiro.

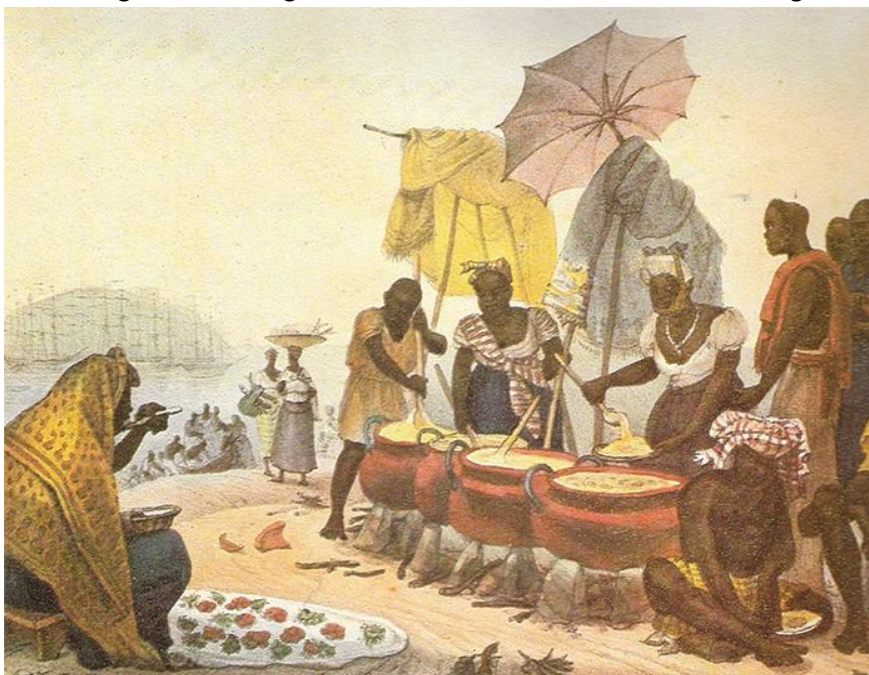
Dentre os levantamentos de pesquisas sobre os zungús, destaco as características apontadas por Soares (1998):

Aparentemente, os zungús se originaram das casas de quilombos que pipocaram nos primeiros anos do século XIX. Tais casas, que possivelmente serviram de ponto de encontro de escravos fugidos – daí sua denominação –, também reuniram diferentes comunidades de africanos e crioulos e por isso mesmo foram duramente combatidas pela polícia, praticamente desaparecendo da documentação policial na segunda metade do século.

O autor foi enfático em salientar que os zungús não foram apenas locais de encontros entre cativos, onde esses faziam suas danças e batuques. A origem dessas casas estava no angu, comida típica do escravo e facilmente encontrada nas casas cariocas- como bem ilustrou Debret -, o que leva a crer que tal organização nem sempre aconteceu em locais determinados, mas também nas ruas, em volta das negras com seus tabuleiros de angu. Nas palavras de Líbano Soares: *“assim vemos como angu alimento- misturado, mesclado- se torna uma metáfora da cultura popular de origem negra-africana: heterogênea, confusa, díspare, com vários significados- como várias receitas, que se amolda com qualquer elemento, por mais diferente que seja”*. (SANTOS apud SOARES, 1998, p. 42)

O levantamento bibliográfico de Santos (2006) sobre as moradias denominadas de cortiços e zungús, evidenciando os espaços de luta conquistados pelos negros no século XIX na cidade do Rio de Janeiro, nos faz pensar que no Espírito Santo também existiram esses espaços, possibilitando que esse tipo de lugar também fosse articulado em Araçatiba, entre negros alforriados, como no caso da negra Quirina, libertos e os escravizados.

Imagem 7 – Negras cozinheiras, vendedoras de angu



Fonte: Debret (1989).

Sobre a imagem anterior, destaca-se, de acordo com Soares (apud SANTOS, 2006), as características dos locais de preparação do alimento angu, registrada por meio das obras de Debret⁵³.

O noticiário aponta que era uma prática o possível descanso neste espaço repleto pelas forças policiais. Portanto, o importante para esta pesquisa é apresentar que, além de toda repressão nessas terras pela escravidão, religião e as disputas pelos seus herdeiros, a fazenda de Araçatiba serviu como reduto das práticas negras no Espírito Santo, que podemos associar com a prática do congo.

Sendo assim, o congo nessas terras é uma prática afro-brasileira perpetuada por um grupo étnico, que faço menção como uma única prática de batuques nas terras de Nossa Senhora da Ajuda.

Por isso, após todo o desdobramento desta pesquisa, buscamos apresentar a importância da prática cultural, muitas vezes não evidenciada como tradição de (re)existência, sendo demarcador de identidade quilombola fortalecido no território.

Sendo assim, a tradição cultural do congo de Araçatiba sobrevive há mais de um século na comunidade, mas as suas raízes nasceram nos batuques das senzalas e zungús desse território, em que durante anos de dominação foram silenciados e discriminados, evidenciando apenas os crimes que denominavam os negros como revoltosos.

Este capítulo buscou apresentar a herança cultural do congo na comunidade de Araçatiba, seu tempo de existência, o território e a tradição dos detentores, cultivando a transmissão cultural entre esses, bem como a proposta de materializar esta pesquisa como um material pedagógico.

E, mesmo diante de todas as transformações que aconteceram nessas terras, o patrimônio cultural e seus detentores vivem e continuam mantendo a tradição congueira dos batuques como (re)existência de um grupo étnico afro-brasileiro, unido pela devoção a São Benedito e pelas memórias dos ancestrais, perpetuando toda a transmissão cultural de negros em Araçatiba.

⁵³ De acordo com Cruz (2007), o artista Jean Baptiste Debret integrou à Missão Artística Francesa e chegou ao Brasil no ano de 1816. Entre 1823 e 1831, este pintor francês atuou como professor da Academia Imperial de Belas Artes. Debret viajou por diversos lugares do Brasil, permanecendo durante quinze anos no país. O artista retratou paisagens locais, costumes e tipos humanos, destacando, desta forma, a forte presença dos negros escravos em nossa sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E, assim, chego ao final desta dissertação com o tema do último capítulo de “Território de Patrimônio Cultural”, o qual busquei apresentar como recorte central a prática cultural do congo do Espírito Santo, dando ênfase como (re)existência do povo negro na comunidade remanescente de quilombo. Vale ressaltar que esta discussão não chega ao fim, pois neste território, que se preserva o patrimônio cultural e a devoção nas relações familiares de seus detentores, ainda há muito a se escutar e pesquisar.

Considero Araçatiba uma terra encantada, com riqueza histórica, moradores acolhedores em meio ao clima bucólico e às memórias do lugar, baseadas na fé, devoção e tradição. Portanto, buscou-se por meio deste trabalho apresentar a Banda de Congo Mãe Petronilha como prática cultural e preservação dos batuques do povo negro, com os rituais e devoção a São Benedito nas terras da santa Nossa Senhora da Ajuda.

Com o trabalho, foi apresentado os componentes e integrantes que participaram da pesquisa sobre a Banda e a memória de Petronilha Maria da Conceição, a saudosa rainha do congo de Araçatiba, que instituiu a prática cultural em seu núcleo familiar, e atualmente seus descendentes preservam a sua história de rainha e parteira da comunidade, intitulada como “Mãe Petronilha”, sendo a sua memória perpetuada, destacando-se como a única banda do Espírito Santo com o nome de uma mulher.

Por meio dessas memórias, fui conduzida pela oralidade da matriarca da comunidade, Emiliana Coutinho da Silva, detentora das memórias de Araçatiba e congueira, proporcionando o conhecimento dos festejos do passado e da memória da Banda, além, é claro, da tradição do congo que se apresenta nas famílias negras do Morro da capela de Nossa Senhora da Ajuda, sendo uma tradição de devoção ao santo preto.

Desse modo, compreendeu-se que o congo de Araçatiba é uma prática cultural afro-brasileira, em que a Banda de Congo Mãe Petronilha é composta por moradores mais antigos da comunidade, que mantêm a tradição familiar, e, de acordo com os apontamentos da pesquisa de campo e aporte teórico, essa banda de congo é constituída por um grupo étnico que preserva os batuques e cantigas em seus

núcleos familiares, sendo a única prática dos batuques de (re)existência na comunidade quilombola ritualizada pelos negros que habitam nessa região há séculos.

Sobre os rituais de São Benedito em Araçatiba, que demonstram a relação de fé e devoção dos integrantes da Banda, também apresentamos a materialidade por meio de seus símbolos, que estão interligados na prática cultural.

Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma pessoas. (GONÇALVES, 2009, p. 31)

Todavia, mesmo diante do acompanhamento nos festejos, entrevistas recolhidas e levantamentos sobre o patrimônio cultural do congo de Araçatiba e sua relação com os detentores no passado e presente, os apontamentos desta pesquisa e o tempo de desdobramento na comunidade e na Banda de Congo Mãe Petronilha não foram suficientes para materializar toda história e genealogia desse grupo, mas sigo com o objetivo de tornar este material público à comunidade, pois foi construído com a colaboração de todos aqui citados, sendo esta pesquisa materializada em forma de pesquisa, acervo digital e audiovisual.

Dentre os temas que não foram abordados por causa do tempo da pesquisa ou mesmo pela pandemia da Covid-19, cito os levantamentos de documentos dos antigos detentores da Banda de Congo de Araçatiba e a análise da materialidade dos elementos simbólicos em comparação a outras tradições afro-brasileiras.

Outro fator importante, apontado nesta pesquisa, é a função de preservação das tradições culturais e o patrimônio de Araçatiba a partir das mulheres negras da região, sendo protagonista da tradição de um povo que preserva a característica do matriarcado na comunidade. Percebemos que este lugar de fé e devoção traz consigo o catolicismo e o agradecimento pela terra a santa Nossa Senhora da Ajuda, padroeira do lugar, numa terra de preto que cultiva a herança dos batuques ancestrais, devotos de São Benedito, em um mesmo território. Para além da condição de pesquisadora, este trabalho foi construído por diversas falas, olhares, ouvidos e mãos, com colaboração dos integrantes da Banda, que são os protagonistas da pesquisa e que expressam a (re)existência do povo que hoje conta,

verbaliza, canta, dança, toca e materializa as suas raízes através dos seus rituais do congo ao santo preto.

Apesar desse período extraordinário que se iniciou no ano de 2020 com a pandemia da Covid-19, conseguimos por meio dos diálogos e interação com a comunidade de Araçatiba, materializar o final desta pesquisa, por meio de recursos digitais e telefonemas.

Portanto, acredito que este trabalho servirá como apoio a outras pesquisas que surgirão sobre o Congo do Espírito Santo e a Banda de Congo Mãe Petronilha. E o que nos fortalece é saber que esta dissertação faz parte de uma rede de coletividade, que foi mantida entre pesquisadora e integrantes/detentores. Enfatizamos que todo esse envolvimento possibilitou um material de acervo para a Banda e será a primeira pesquisa sobre a Banda de Congo Mãe Petronilha no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

Vale ressaltar que foi um desafio desenvolver a pesquisa no campo do patrimônio cultural, pois o congo é uma prática tradicional do cotidiano de várias comunidades do Espírito Santo, mas seu reconhecimento como patrimônio estadual se deu a partir de 2014, em que acompanhei durante a graduação e por meio da relação com a comunidade de Araçatiba. Por isso, a pesquisa realizou levantamentos mais profundos sobre os integrantes, a composição da Banda de congo, a transmissão, ancestralidade e o território quilombola. Além, é claro, de ser um possível material para o desenvolvimento de trabalhos ou projetos dos próprios integrantes da Banda para ações de salvaguarda do congo de Araçatiba, possibilitando um material de apoio que contém registros e descrições sobre a Banda de Congo Mãe Petronilha.

Reconhecemos que a pesquisa nunca se esgota, pela riqueza do material recolhido e pelas muitas indagações que surgiram ao longo do processo, mas esta é apenas uma semente que pretendemos regar, pois as raízes já estão sólidas na comunidade de Araçatiba. Muito antes do processo de patrimonialização, das políticas públicas e das pesquisas, a transmissão da voz dos ancestrais através da prática cultural do congo já acontecia. E, afinal, tenho certeza de que o congo terá mais histórias, mestres e detentores, portanto finalizo afirmando, conforme a letra do congo expressada e cantada pela Banda de Congo Mãe Petronilha: “O congo de São Benedito toca noite e dia!”.

REFERÊNCIAS

- ABADIA, Lília. **Identidade e o patrimônio negro no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Curso de Ciências Sociais da Cultura da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa: Lisboa, 2010.
- ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação em teoria e pesquisa em Memória Social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória Social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de quilombos, terras de indígenas, “babaçuais livres”, castanhais do povo”, faxinais e fundos de pastos**: Terras tradicionalmente ocupadas. 2. ed. Manaus: PGSCA- UFAM, 2008.
- BALESTRERO, Heribaldo Lopes. **A obra dos jesuítas no Espírito Santo**: (sinopse histórica). Viana, [S.n], 2012.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Terras Negras: Invisibilidade expropriadora**: TEXTOS e DEBATES Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Centro de Ciências Humanas - UFSC Campus Universitário - Trindade 88000 - Florianópolis – SC, 1991.
- BARBOSA, Vera Lúcia Ermida. **Dona Augusta**: narrativas sobre reexistência de uma mulher no espaço privado. Universidade de Évora. (III/U Coimbra). Apoio FCCT/CIDEHUS-UIDB/00057, 2020.
- BRASIL. Nilma Lino Gomes (Organizadora). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Tempos de lutas**: as ações afirmativas no contexto brasileiro. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006. 119p. ISBN – 85-296-0039-8 1. Negros. 2. Ações afirmativas. 3. Educação dos negros. I. Brasil. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. II. Nilma Lino Gomes.
- BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **D.O.U.** de 10 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.
- CAPAI, Humberto (Coord.). **Atlas do Folclore Capixaba**. Espírito Santo: SEBRAE/ES, 2009.
- CADERNOS TEXTOS E DEBATES. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas. Número 21 (2020.2) - Florianópolis: UFSC/NUER, 2020, 89 p. ISSN 2526-981X 1. Antropologia 2. Periódico 3. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CARDOSO, Marcos Antônio. **Patrimônio Cultural Negro-Africano: Desafios Contemporâneos**. Patrimônio cultural, territórios e identidades / organizadores: João Carlos Nogueira e Tânia Tomázia do Nascimento. – Florianópolis : Atilênde, 2012.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

CARVALHO, José Jorge. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina. **Revista Antropológicas**, ano 14, v. 21, n. 1, p. 39-76, 2010.

CARVALHO, José Jorge. **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras**: de Patrimônio Cultural a indústria de entretenimento. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. (354 Série Antropologia).

CIRILLO, José. **Araçatiba**: Patrimônio e Cultura: [entre] o passado e o presente. 1 ed. Vitória: UFES/Proex, 2017.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo: Estação da Liberdade: ENESP, 2006. 288 p.

CIRINO, Giovanni. **Uma etnografia da devoção a São Benedito no litoral Norte de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

CONDE, Bruno Santos. **Depois dos jesuítas**: A economia colonial do Espírito Santo (1750-1800). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2011.

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 34, IPHAN, 2012.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Coleção Museu de Magia Negra do Rio de Janeiro**: O primeiro Patrimônio Etnográfico do Brasil. Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó, v. 7, n. 18, out./nov. 2005.

CORRÊA, Carminha; TRISTÃO, Rita. **A gazeta nos bairros, A Gazeta**, Araçatiba. A Gazeta - Vitória (ES) Domingo, 11 de Novembro de 1984.

DAEMON, Basílio. **1834-1893 Província do Espírito Santo**: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. Coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. 2. ed. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. 684 p.: il.: 20 cm X 24 cm. (Coleção Canaã, v.12)

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e história ao Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.

EMBALA. In: Dicionário de Língua Portuguesa. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/embala/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ENRENREICH, Paul. [1855-1919]. **Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX- Vitória (ES)**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

ESPÍRITO SANTO, 2008. **Lei Complementar nº 458/2008**. Dispõe sobre a criação do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo – FUNCULTURA. [2008]. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/LC%20Funcultura.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ESPÍRITO SANTO (ESTADO). Secretaria de Estado da Cultura. Conselho Estadual de Cultura. **Arquitetura/** Secretaria do Estado da Cultura. Conselho Estadual de Cultura. – Vitória: SECULT, 2009.

FELISBERTO, Fernanda, **Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro**. / Nilma Lino Gomes (Organizadora). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. 4. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: CHAGAS, Mário; ABREU, Regina (org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **A Retórica da perda: Os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan./jun. 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos *In*: Horizontes Antropológicos. Revista do PPGAS da UFRGS. vol. 11, n.º 23, jan-jun de 2005 [Arquivo eletrônico: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf>].

GUIMARÃES, Aissa Afonso; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (org.). **Jongos e Caxambu: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo**. 1. ed. Vitória: Ufes/Proex, 2017.

GURAN, Milton. Sobre o longo percurso da matriz africana pelo seu reconhecimento patrimonial como uma condição para plena cidadania. *In*: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 35, IPHAN, 2017.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11. Ed.,1.reimp.- Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBASE. **Diagnóstico Social de Araçatiba**. ES, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, FURNAS Centrais Elétricas SA e COEP (Comitê de Entidades no Combate à Fome pela Vida), 2006.

LIMA, Mestre Alcides de; FRANCISCHETTE, Ana Carolina. **Dos Griots aos Griôs- a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil**. **Revista Diversitas**, São Paulo, ano 2, n. 3, set. 2014 – mar. 2015.

LEITE, Ilka Boaventura. **Território Negro em área rural e urbana- algumas questões**. TEXTOS E DEBATES Publicação do Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas- UFSC ano I, n° 2, 1990.

LINS, Jaceguay. **O Congo do Espírito Santo**: uma panorâmica musicológica das bandas de Congo. Vitória: GSA, 2009.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Nacional, 1940. p.146.

MACEDO, Inara Novaes. **Entre Rios, Praias e Planetas**: Travessias do congo na Barra do Jucu. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

MACIEL, Cleber. Negros no Espírito Santo. *In*: OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (org.). **Negros do Espírito Santo**. 2 ed. Vitória/ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Brasil, 2016.

MATTOSO, Katia M. de Queirós, **Ser escravo no Brasil**: séculos XVI-XIX. Tradução de Sonia Furhmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MERLO, Patrícia Maria Silva. **O nó e o ninho**: Estudo sobre a família Escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1871. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade do Rio de Janeiro, 2018.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. **Canto de tambor e sereia**: identidade e participação nas bandas congo da Barra do Jucu. Vitória/ES: EDUFES, 2002.

NEVES, Guilherme Santos. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba**: 1944-1982, Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **O Projeto Político do Território Negro de Retiro e Suas Lutas pela Titulação das Terras**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Santa Catarina: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

OLIVEIRA, Otair Fernandes. **A Cultura Afro-brasileira como Patrimônio Cultural**: Reflexões Preliminares. *In*: Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura, XV ENECULT, 2019.

ORTIGÃO, Elisa Ramalho; NAME, José Otávio Lobo. **Dossiê de candidatura do Congo do Espírito Santo à inscrição como Patrimônio Imaterial Nacional**. Vitória, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, Superintendência do Espírito Santo Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.

POLLOK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-202, 1992.

RAMOS, Andreia Teixeira. Narrativas de mulheres do congo como práticas de re'existências ecologistas e cotidianos escolares. **Revista Internacional de Filosofia Iberoamericana y Teoria Social**, Universidad del Zulia, ano 22, n. 79, outubro de 2017. Disponível em:

<http://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/22964>. Acesso em: 20 jan. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala/** Djamila Ribeiro- São Paulo: Sueli Carneiro; editora Jandaia, 2020.

RIBEIRO, Luís Claudio. **Devassa da Reforma da religião da Companhia de Jesus nesta comarca do Espírito Santo**. [S.l.]: [S.n.], 2018.

SALA, Dalton. Mario de Andrade e o Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, **Revista do Instituto Estadual Brasileiro**, São Paulo, v. 31, p. 19-26, 1990.

SANTA'ANNA, Marcia. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. 4. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

SANTA'ANNA, Marcia. Face Imaterial do Patrimônio Cultural: Os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003, p. 49-58.

SANTOS, Elias Rosa. Congos e Bandas de Congos no Espírito Santo. *In*: MACIEL, Cleber; organizado por Osvaldo Martins de Oliveira. **Negros no Espírito Santo**. 2. ed. Vitória, (ES): Arquivo Público Estado do Espírito Santo, 2016. 221 p.

SANTOS, Ynaê Lopes. **ALÉM DA SENZALA: Arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SECULT. SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA. Subsecretaria de Cultura, Gerência de Memória e Patrimônio. **O Congo do Espírito Santo: Relatório Parcial do Inventário e Solicitação de Registro (2012-2014)**. Vitória: Secult/ES.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectivas dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **Zungú, rumor de muitas vozes**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop**. 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2019.

STRAUSS, Laurent Lévis. **Patrimônio Imaterial e Diversidade Cultural: O Novo Decreto para a Proteção dos Bens Imateriais**. *In*: Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de

Trabalho Patrimônio Imaterial. 4. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

VERSIANI, Flávio Rabelo. Escravidão “suave” no Brasil: Gilberto Freyre tinha razão? **Revista de Economia Política**, v. 27, n. 2 (106), p. 163-183, abril-junho/2007.

VERTELO, Marcos Aurélio dos Santos. **Comunidade de Araçatiba, Viana, ES:** Herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Reportagem da Secult/ES sobre o registro do congo em 14/11/2014

Página Principal	14/11/2014 12h00 - Atualizado em 05/01/2017 15h10
Institucional	Congo: bem imaterial do Espírito Santo
Contato	Tweet Compartilhar Imprimir
Legislação	O Conselho Estadual de Cultura (CEC) aprovou com unanimidade o registro do Congo do Espírito Santo como Patrimônio Imaterial do Estado. E no dia 20, às 10 horas, em cerimônia no Palácio Anchieta, o governador Renato Casagrande vai oficializar este bem como patrimônio cultural.
Licitações	O congo abrange boa parte do Espírito Santo, principalmente o litoral. Atualmente há 67 grupos de congo concentrados de Anchieta, no Sul do Estado, até Linhares, no Norte, com grande concentração nos municípios da Grande Vitória.
Programa de Coinvestimento da Cultura - Fundo a Fundo	As bandas de congo são conjuntos comandados por um mestre ou capitão que tem a função de reger e orientar os músicos, cantadores e dançarinas. Elas contam com congueiros de todas as idades e são compostas por homens e por mulheres.
Serviços aos Cidadãos	Os principais instrumentos do congo são o tambor de congo; bumbo, casaca ou reco-reco, cuica, chocalho, triângulo e apito. As toadas, na maioria das vezes, são feitas em homenagens a santos, como São Benedito e Nossa Senhora da Penha.
Manual de Identidade Visual	O registro de bens culturais de natureza imaterial possibilita a identificação, o reconhecimento e a proteção do patrimônio cultural do Espírito Santo. A proposta é avançar através da identificação de problemas, riscos e ameaças que atingem o bem, assim como da recomendação de planos de salvaguarda e políticas de incentivo para garantir a viabilidade, preservação, transmissão e atualização do congo.
Comunicação de projetos	

ANEXO B – Sistema Eletrônico de Informação IPHAN, processo em andamento para o registro do congo como patrimônio cultural nacional

seil Produção

Pesquisa Processual

[Gerar PDF](#)

Autuação					
Processo:	01409.000020/2018-98				
Tipo:	AÇÕES E PLANOS DE SALVAGUARDA – Bens Imateriais				
Data de Registro:	22/01/2018				
Interessados:	Coordenação-Geral de Identificação e Registro				

Processo (ou Documento) de acesso restrito. Para acessá-lo ou obter demais informações entre em contato com a unidade do Iphan responsável pelo processo.

Lista de Protocolos (251 registros):

☒	Documento / Processo	Tipo de Documento	Data do Documento	Data de Registro	Unidade
☐	0256614	Termo de Referência	24/01/2018	24/01/2018	DIVTEC IPHAN-ES
☐	0359844	Memorando 415	19/03/2018	19/03/2018	DIVTEC IPHAN-ES
☐	0360439	Memorando 418	20/03/2018	20/03/2018	DIVTEC IPHAN-ES
☐	0360476	Ofício 162	20/03/2018	20/03/2018	IPHAN-ES
☐	0360555	E-mail - Encaminha ofício 162/2018	13/03/2018	20/03/2018	IPHAN-ES
☐	0360557	Despacho 281	20/03/2018	20/03/2018	IPHAN-ES
☐	0361174	Memorando 423	20/03/2018	20/03/2018	DIVTEC IPHAN-ES
☐	0441712	Ofício nº 123/2018/GR/UFES	30/04/2018	30/04/2018	IPHAN-ES
☐	0441715	Projeto de Pesquisa - Congo	30/04/2018	30/04/2018	IPHAN-ES
☐	0441718	Termo de Posse	30/04/2018	30/04/2018	IPHAN-ES
☐	0441719	Documento	30/04/2018	30/04/2018	IPHAN-ES
☐	0441720	Despacho 472	30/04/2018	30/04/2018	IPHAN-ES

Buscar Digite aqui para pesquisar

30°C 15/10/2021 15:36

ANEXO D – Igreja de Nossa Senhora da Ajuda 1991

Vitória (ES), quarta-feira, 24 de julho de 1991

Viana mantém viva a história

Três imóveis seculares compreendem o Corredor Cultural de Viana. A Prefeitura quer restaurá-los

Izabel Aarão

Viana tem histórias para contar. O município não quer que seus monumentos sejam apenas casários estáticos, perdidos no tempo e longe da memória da população. Pelo menos, este é o pensamento da prefeita Terezinha Pimentel, que está incrementando o projeto Corredor Cultural de Viana. A idéia, em princípio, é a revitalização dos monumentos históricos que compõem as ruínas da Igreja de Belém, ao longo da BR-101, entrada de Jacu, a Igreja de Araçatiba, construção do Século XVII, e Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que fica na sede do município.

Cada monumento está relacionado a fatos e épocas marcantes do Espírito Santo e do Brasil, como explica a prefeita Terezinha Pimentel. Ela quer preservar a tradição do município, garantindo: "Nossas crianças precisam ter histórias vivas para contar". A Prefeitura até criou uma guardamirim que vem acompanhando a recuperação dos monumentos. Mas, ainda eles vão trabalhar como guias turísticos no local para atender aos visitantes. Terezinha está animada em relação à ajuda do Departamento Estadual de Cultura, DEC, que mostrou interesse em auxiliar na restauração da Igreja de Belém.

O município de Viana completou, no último dia 23, 129 anos. A festa foi adiada devido às fortes chuvas que caíram na localidade. A prefeita Terezinha Pimentel quer, após a restauração de todos os monumentos que forma o Corredor Cultural, trabalhar o turismo na região. Ela pretende recuperar, também, não só o acervo do município mas dar fôlego à população que está muito carente. O resgate de tradições culturais e raízes históricas está nos planos. "Não basta apenas restaurar os monumentos, é preciso que a comunidade participe ativamente", aposta a prefeita, conclindo que o projeto inclui, ainda, o atendimento à população local.

O trajeto do Corredor Cultural que o projeto propõe terá início com a visitação à Igreja de Nossa Senhora de Belém, estendendo-se à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Araçatiba, e terminando na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz de Viana. O diretor executivo da Fundação Cultural "Heribaldo Lopes Balestero", Marcus Pimentel, que atua como secretário de Cultura no município, fala da importância desses monumentos seculares. "A Prefeitura, além da restauração, vai calçar ruas, fazer fossas, reforestamentos, resgatando a cultura e chamando a atenção da comunidade".

Ela explica que a Igreja de Araçatiba é um modelo, tudo nasceu desse monumento. A realização do projeto promoveria a participação da comunidade no resgate da sua própria identidade. Licores, doces, festas de hortaliça, o artesanato local, tudo seria redescoberto e oferecido ao turista durante a visitação ao Corredor Cultural de Viana. Mas a Prefeitura não dispõe de muitos recursos, como informa Terezinha Pimentel. Para começar, está contando com o apoio do DEC e ainda com a sensibilidade dos órgãos públicos. Ela lamenta o descaso das autoridades. "Um patrimônio como este não pode ficar desprezado".

A Prefeitura aceita, ainda, ajuda de firmas e empresas interessa-

Nossa Senhora da Conceição

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição teve construção iniciada em 1815 e inauguração em 1817. Sua construção está relacionada com o assentamento dos colonos portugueses, em número de 50 famílias, oriundos das Ilhas Terceira, São Miguel e Faial, que formam com outras seis o arquipélago dos Açores. Esse empreendimento, realizado em 1813, foi patrocinado às custas da Independência Geral da Polícia, tendo a sua frente Paulo Fernandes Viana, daí a origem do nome da cidade.

A matriz sofreu um incêndio grave, em 1848, perdendo grande parte do seu acervo, tais como altares de madeira de lei, imagens, móveis e outros objetos, sendo a imagem da padroeira Nossa Senhora da Conceição, salva pelo heróico de Dona Luíza Aurélio de Freitas Lira, açoriana de nascimento, e posteriormente recuperada. Ela foi restaurada diversas vezes, no decorrer desses anos e encontra-se em razoável estado de conservação. Necessitando de reforma intensa no telhado, forro, piso e madeirame em geral, a igreja também tem móveis e objetos de culto que devem ser recuperados.

Existe também em Viana, e não pode ser esquecida, a Estação Ferroviária, construída em 1895 com uma residência anexa, a estação de Viana era a primeira parada na direção sul, da Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo depois denominada Leopoldina e hoje pertencente à RFF. Nos arredores da igreja, podem ser encontradas algumas casas de arquitetura representativa dos Açores.

As igrejas

A igreja da Matriz, de Nossa Senhora da Conceição, sofreu um incêndio grave em 1848

Nossa Senhora de Belém

A construção é do final do Século XVIII, segundo alguns autores, mais precisamente do ano de 1780. O historiador Heribaldo Lopes Balestero, em seu livro Subsídios para o Estado da Geografia e História do Município de Belém, em 1942 por, Heribaldo Lopes Balestero

ção é viável, assim como a do casarão anexo. Um incêndio destruiu parte dessa igreja, ao que parece em torno de 1880, conforme depoimentos dos descendentes do coronel Pimentel. No entanto, foi utilizada até o início desse século na realização de festas em homenagem a Nossa Senhora de Belém e em cerimônias religiosas.

Tentativas de restauração foram feitas em 1942 por, Heribaldo Lopes Balestero

de Belém

A construção é do final do Século XVIII, segundo alguns autores, mais precisamente do ano de 1780. O historiador Heribaldo Lopes Balestero, em seu livro Subsídios para o Estado da Geografia e História do Município de Belém, em 1942 por, Heribaldo Lopes Balestero

mentos dos descendentes do coronel Pimentel. No entanto, foi utilizada até o início desse século na realização de festas em homenagem a Nossa Senhora de Belém e em cerimônias religiosas.

Tentativas de restauração foram feitas em 1942 por, Heribaldo Lopes Balestero com a ajuda do vigário de Viana, Padre Othon Meeting, e, em 1951, por iniciativa do então vereador Pierre Alano de Souza, que recuperou o telhado do templo. Ele contou com a ajuda da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ainda não foi feito por nenhum órgão, municipal, estadual ou federal, o tombamento desse monumento.

A Igreja de Nossa Senhora de Belém encontra-se em ruínas, porém, sua restauração é viável.

A Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, construção jesuítica, já foi restaurada

Nossa Senhora da Ajuda

Não há dados concretos para determinar a data precisa da construção. Mas, com certeza, trata-se de uma construção jesuítica do Século XVII, destinada a produzir açúcar (engenho). Fazia parte do complexo de fazendas junto com as de Muribeca (criação de gado) e Itapoca (fábrica de farinha). Segundo diversos autores, era a maior fazenda da costa brasileira, dispondo de cerca de 800 serviais para as diversas tarefas.

Seus limites, estendiam-se pelos atuais municípios de Vila Velha, Cariacica, Guarapari e Viana. Trabalharam em suas terras índios e africanos, comandados pelos jesuítas, até a sua expulsão em 1760, quando foi sequestrada pela Coroa Portuguesa e logo depois arrebatada pelo coronel de Ordenanças Bernardino Falcão de Gouveia Vieira Machado. Este a manteve como fazenda de açúcar, sendo passada por herança a seus descendentes. Atualmente, quem responde pela guarda da igreja é a Cúria Metropolitana de Vitória.

A Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, com a residência anexa, sofreu grande restauração ao que consta no ano de 1843, realizada pelo coronel Sebastião Vieira Machado, seu proprietário. Passado um século, o Governo federal efetua nova restauração, dessa vez, infelizmente, excluindo a residência, que ficou em ruínas. O estado de conservação atual da igreja é precário. O imóvel é tombado pela extinta Sphan.

A Igreja de Belém foi construída em 1780

Informe-se sobre acessórios e equipamentos em informática

Glamour Star  **Glamour Você**

Glamour Star é uma produção fotográfica do Glamour Studio Sensores. Fotos diferentes, criativas, lindas. Ligue agora mesmo, marque seu horário e faça sua exclusiva produção fotográfica.

Aproveite a Promoção Glamour Star: 10 dias de graça.

ANEXO E – Comunidade de Araçatuba, 1984

— GERAL —
A GAZETA — VITÓRIA (ES), DOMINGO, 11 DE NOVEMBRO DE 1984

Araçatuba: com assistência, poderia ser melhor



GAZETA NOS BAIRROS

APÓIO

CNE CAUSO / Triplix

SEMPRE NA HORA CERTA

Reportagem de Carmelinda Costa e Rita Tello
Fotos de Nomes Mello

A aproximação dos quilômetros de Vitoria, Araçatuba, em Viana, ainda mantém todas as características de uma pequena vila de interior. O comércio se restringe a pequenas mercearias e uma pequena quitanda, que vende alguns poucos tipos de verduras e legumes, não existem drogarias, farmácia ou padaria. E os poucos moradores que habitam o local vivem como se fosse em uma comunidade familiar, onde todos se conhecem e enfrentam as mesmas dificuldades.

Mas, Araçatuba também tem os seus pro-

Falta de água é a maior deficiência

A falta de água talvez seja o maior problema enfrentado pelos moradores de Araçatuba, cuja população é estimada em 10 famílias e 40 pessoas. O maior problema é a falta de água, que não chega ao local. A água é levada para o local por meio de caminhões, mas a quantidade é insuficiente para atender a demanda. Além disso, a água é muito cara, custando cerca de R\$ 1,00 por litro. Os moradores reclamam da falta de água, que não chega ao local. A água é levada para o local por meio de caminhões, mas a quantidade é insuficiente para atender a demanda. Além disso, a água é muito cara, custando cerca de R\$ 1,00 por litro. Os moradores reclamam da falta de água, que não chega ao local.

Igreja histórica está precisando de reformas

A igreja histórica de Araçatuba, localizada no centro da vila, está precisando de reformas. A igreja foi fundada há 400 anos e é considerada uma das mais antigas da região. No entanto, a estrutura da igreja está em péssimo estado de conservação. Os moradores locais estão preocupados com o futuro da igreja e estão buscando recursos para a reforma. A igreja é um ponto de encontro para a comunidade e é muito importante para a história local.

Pelo menos a rua principal deveria receber pavimentação

A rua principal de Araçatuba, que é a via de acesso ao local, não possui pavimentação. Isso causa muitos problemas para os moradores, especialmente durante a época das chuvas. A falta de pavimentação dificulta o trânsito e aumenta o risco de acidentes. Os moradores estão pressionando o poder público para que a rua seja pavimentada, o que melhoraria as condições de vida na comunidade.

Só um ônibus atende toda a população

A única forma de transporte público em Araçatuba é um ônibus que atende toda a população. O ônibus é muito antigo e não possui condições ideais de conforto e segurança. Além disso, o horário de funcionamento é limitado, o que dificulta o deslocamento dos moradores. Os moradores estão buscando alternativas para melhorar o sistema de transporte na comunidade.

Posto policial serve de residência para toda uma família

O posto policial de Araçatuba, que deveria ser um local de segurança para a comunidade, está sendo usado como residência para toda uma família. Isso é uma situação preocupante, pois compromete a segurança da comunidade. Os moradores estão buscando soluções para que o posto policial seja usado para o seu propósito original.

Bairro não tem correio nem telefone

O bairro de Araçatuba não possui serviços básicos como correio e telefone. Isso dificulta a comunicação e o acesso a serviços essenciais para os moradores. Os moradores estão buscando recursos para a instalação desses serviços na comunidade.

Escola necessita de mais carteiras para os alunos

A escola de Araçatuba necessita de mais carteiras para os alunos. A escola é muito pequena e não possui condições adequadas para atender a demanda atual. Os moradores estão buscando recursos para a compra de novas carteiras e para a melhoria das condições da escola.

Faca como todo mundo

Deposite na sua Caderneta de Poupança Triplix. Todo dia é sempre um bom dia para você depositar e ganhar.

Caderneta de Poupança Triplix

Seu dinheiro tranquilo

Faca como todo mundo

Deposite na sua Caderneta de Poupança Triplix. Todo dia é sempre um bom dia para você depositar e ganhar.

Caderneta de Poupança Triplix

Seu dinheiro tranquilo

ANEXO F – Apresentações da Banda, 2019



[Diário Oficial](#)
[Legislação](#)
[Transparência](#)
[Guia de Serviços](#)
[e-SIC](#)


[PÁGINA INICIAL](#)
[VIANA](#)
[INSTITUCIONAL](#)
[SECRETARIAS](#)
[SERVIÇOS](#)
[TRANSPARÊNCIA](#)
[LEGISLAÇÃO](#)
[COMUNICAÇÃO](#)


Banda de Congo Mãe Petronilha leva alegria do Congo para Feira Sabores

O som dos tambores, casacas, cuícas e cantos tradicionais do congo contagiaram quem participou do último dia da Feira Sabores da Terra, na praça do Papa, no domingo (20). A centenária Banda de Congo Mãe Petronilha, de Araçatiba, e a Banda Mirim, formada por alunos da rede municipal da comunidade, representaram Viana na área de apresentações culturais da Feira, que reuniu, durante três dias de evento, cerca de 50 mil pessoas.

A tradicional banda, que atualmente conta com quase 30 componentes, levou a alegria por meio da arte do congo. Os jongos (letras das músicas), histórias de vida, agradecimentos a São Benedito, Santa Bárbara e Nossa Senhora da Penha, folclore brasileiro e assuntos variados sobre a natureza contagiaram a todos que levantaram das cadeiras para cantar e dançar junto com o grupo.

Banda de Congo

A Festa de São Benedito e a Caminhada Ecocultural são festividades que fazem parte da história do congo vianenses. Os batuques das bandas soam como agradecimento ao santo São Benedito pelo ano e, na Caminhada, realizada sempre durante as festividades de aniversário da cidade, a banda recepciona os andarilhos que chegam à Igreja Nossa Senhora da Ajuda.

Criado pelos escravos, o congo é um movimento cultural tradicional no município de Viana. Conta-se que na época dos grandes fazendeiros, os escravos aproveitavam os barris vazios, colocavam um pedaço de couro e tocavam durante a noite e em datas comemorativas para as mulheres. A banda mais antiga do município é a Mãe Petronilha.



[Diário Oficial](#)
[Legislação](#)
[Transparência](#)
[Guia de Serviços](#)
[e-SIC](#)


[PÁGINA INICIAL](#)
[VIANA](#)
[INSTITUCIONAL](#)
[SECRETARIAS](#)
[SERVIÇOS](#)
[TRANSPARÊNCIA](#)
[LEGISLAÇÃO](#)
[COMUNICAÇÃO](#)


Banda de Congo Mãe Petronilha vai participar do desfile cívico em Guarapari

Este ano, as comemorações pelo dia da Independência do Brasil vão contar com uma presença cultural muito importante, a Banda de Congo Mãe Petronilha, de Araçatiba.

O congo é uma tradição que se mantém viva no município de Viana, a comunidade de Araçatiba é o coração desta arte que integra pessoas de todas as idades, dando a certeza de que essa expressão cultural não vai acabar.

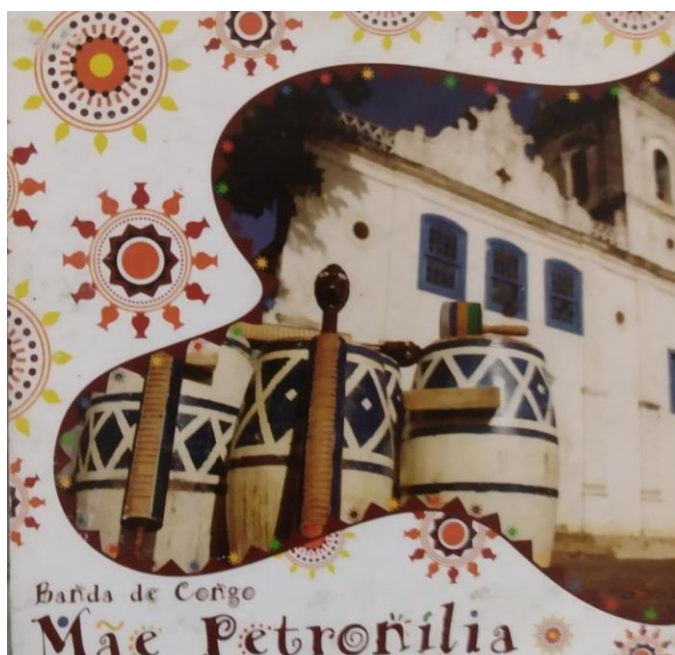
O desfile cívico-militar de 7 de setembro será realizado, este ano, na Praia do Morro, Guarapari. Desde 2005, o desfile não é realizado em Vitória, passando a ser itinerante.

De acordo com o gerente de Cultura de Viana, Jarbas Rocha é muito importante poder colocar o congo no desfile cívico. "O desfile de 7 de setembro, une as famílias que levam seus filhos para mostrar os militares, inspirar uma carreira e o congo é uma demonstração cultural dos negros que foram feitos de escravos e usavam a música para esquecer a tristeza", afirmou.

Banda de Congo

A Banda de Congo Mãe Petronilha era conhecida, antigamente, como Banda de Congo de Araçatiba, região onde foi fundada. Seu nome atual é uma homenagem a Petronilha Maria da Conceição. Durante muito tempo, ela foi a guardiã dos instrumentos da banda e organizava a Festa de São Benedito.

ANEXO G – CD da Banda de Congo Mãe Petronilha, 2018



ANEXO H – Revista de Furnas, Costurart 2009

Disponível em: https://www.furnas.com.br/arqtrab/ddppg/revistaonline/linhadireta/rf370_grife.pdf.
Acesso em: 20 jan. 2022.